

Universidade de Évora - Escola de Ciências e Tecnologia

Mestrado em Psicomotricidade

Dissertação

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão

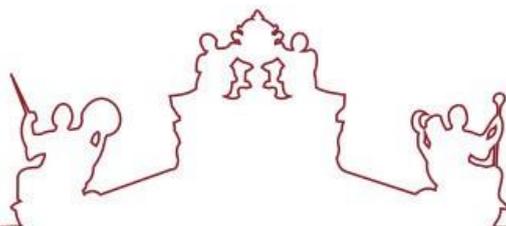
Um estudo sobre a imagem do corpo, agressividade e autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe / Brasil.

Meire Silvana da Silva Farias

Orientador(es) / Maria da Graça Duarte da Silva Santos

Évora 2020





Universidade de Évora - Escola de Ciências e Tecnologia

Mestrado em Psicomotricidade

Dissertação

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão

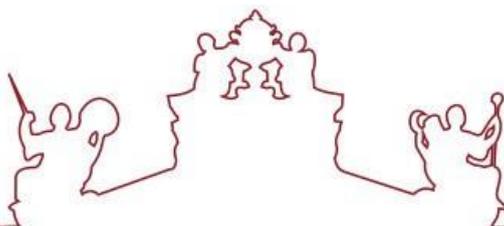
**Um estudo sobre a imagem do corpo, agressividade e autoestima de
mulheres numa prisão do estado de Sergipe / Brasil.**

Meire Silvana da Silva Farias

Orientador(es) / Maria da Graça Duarte da Silva Santos

Évora 2020





A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências e Tecnologia:

Presidente | Gabriela Sousa Neves de Almeida (Universidade de Évora)

Vogais | Maria da Graça Duarte da Silva Santos (Universidade de Évora) (Orientador)
Teresa Leite (Universidade Lusíada de Lisboa)



Agradecimentos

A todos os anjos / pessoas especiais que fizeram parte da concretização deste estudo e o tortaram possível. Assim, deixo um agradecimento aos que, de forma fundamental, proporcionaram a sua construção.

Não poderia começar, sem ser pela força e apoio da minha pequena grande família. A minha amada forte e frágil Mãe Lucemar Farias, que é o sentido da minha existência, ao meu Pai Braulino Farias, por toda força que aprendi a ter com a sua partida no meio de todo o processo de construção dessa pesquisa. À minha irmã inspiradora e companheira em parte dessa jornada em Portugal, Isa Farias e à minha irmã Isavaneide Farias, que sempre foi e será a minha fortaleza.

Ao Diretor do Departamento Penitenciário de Sergipe (DESIPE), Agenildo Machado de Freitas Júnior, pela autorização necessária para o acesso ao Presídio Feminino de Sergipe /Brasil (PREFEM).

À Diretora Andréa Fernanda de Andrade e Vice Diretora Edjane Lima Marinho do PREFEM e toda a equipa do Presídio Feminino de Sergipe, que contribuíram ao abrir as portas do Presídio para que fosse possível efetivar este estudo.

Ao coordenador pedagógico do PREFEM, Gilterlan Celestino Trindade, por todo apoio e colaboração.

A todas as mulheres guerreiras que fizeram parte da minha amostra neste estudo no PREFEM, pela confiança, pelas partilhas, pela sinceridade e, sobretudo, por me terem ensinado a olhar de forma tão mais profunda para o ser humano.

À professora e orientadora Graça Duarte Santos, que acreditou no meu trabalho, me acolheu, apoiou e me fortaleceu durante todo o período de construção dessa pesquisa, inclusive nos períodos mais dolorosos do processo.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo,
Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

À professora e coordenadora do Mestrado Gabriela Sousa Neves de Almeida, por toda a sua compreensão e apoio, com a qual pude contar durante todo o curso.

A todos os professores do mestrado em psicomotricidade, que contribuíram com a ampliação dos meus conhecimentos e com a minha formação profissional.

Ao guerreiro e sensível Cunhado Rodrigo Macedo, por toda colaboração e apoio.

À família Kalebanto, que torceram por mim e emanaram energias positivas nessa minha jornada além-mares - Camila Campos, Ulisses Xavier, Rafael Machado, e Priscila Campos.

Aos anjos amigos brasileiros que encontrei na turma do mestrado, com os quais muito aprendi e me fortaleci, dedico este trabalho como sendo também de todos vocês por tudo que fizeram por mim – Fernando Nalesso, Alysson Tarrago, Patrícia Mota e Maria Júlia Bonugli.

Aos anjos amigos que encontrei em Portugal e tornaram esse intercambio cultural como a mais incrível experiência da minha vida – Cristina Carvalho, Ana Placas, Maria Tola e Andreia Lopes.

Às pessoas especiais que encontrei nessa jornada e me fortaleceram muito, a minha amiga Anne Rozell, a acolhedora portuguesa Casimira Matos, a amiga de curso e anjo portuguesa Catarina Loureiro.

À admirável mulher, psicóloga e amiga que ajudou na efetivação da recolha de dados Carla Resende Gomes.

Ao amigo de graduação Dr. ° Roberto Gerônimo Santos Silva, pela orientação e ajuda no tratamento dos dados da análise estatística.

À amiga Rosa Prado, pelo tempo dedicado e ajuda na análise estatística dos dados.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo,
Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Ao Jhonny, à Camurça e à Rumã, os animais mais fofos e carinhosos que foram a minha terapia para aguentar ficar em Portugal, longe de minha casa e da minha família.

A Empresa Estácio de Sergipe pela minha liberação para a capacitação profissional e aos profissionais desta empresa Ruthe Torres e Marcelo Mota, pelo apoio e incentivo para a ampliação dos meus conhecimentos.

À Universidade de Évora por ter sido o lar deste capítulo da minha vida.

Quero agradecer a todos os amigos que me suportaram e me deram apoio durante esse período de estudos e a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, me ajudaram a chegar aqui.

A todos o meu muito obrigada!

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Resumo

Mulheres presidiárias convivem com vários fatores de risco para o comportamento ofensor. Estes fatores podem interferir na autoimagem, na autoestima e na agressividade, induzido pelas “dores do aprisionamento”. A dança vem sendo apontada como forte poder transformativo e reparador dessas dores. Este estudo investigou os efeitos de uma intervenção de Dança Criativa e Movimento Expressivo na Imagem do Corpo, Autoestima e Comportamentos agressivos de mulheres presidiárias. Utilizando o método quase-experimental randomizado, 20 mulheres foram avaliadas pelos instrumentos: Questionário de Imagem Corporal de Bruchon-Schweitzer; Rosenberg Self-Esteem Scale e Questionário de Agressividade de Buss-Perry. Realizou-se uma análise de conteúdo através dos testemunhos. Os resultados quantitativos verificaram indícios de significância na dimensão corpo fechado e acessível da imagem do corpo e na agressividade hostilidade. A análise qualitativa foi significativa em todas as variáveis. São necessários mais estudos quantitativos.

Palavras-Chave: Dança; prisão; imagem do corpo; autoestima; agressividade

**Creative Dance and Expressive Movement in Prison - A study on body image,
aggressiveness and self-esteem of women in a prison in the state of Sergipe / Brazil.**

Abstract

Prison women live with several risk factors for offending behavior. These factors can interfere with self-image, self-esteem, and aggression, caused by “trapping pains”. Dance has been identified as a strong transformative and repairing power of these pains. This study investigated the effects of a Creative Dance and Expressive Movement intervention on the Body Image, Self-esteem and aggressive Behaviors of female prisoners. Using the almost experimental randomized method, 20 women were evaluated using the instruments: Bruchon-Schweitzer Body Image Questionnaire; Rosenberg Self-Esteem Scale and Buss-Perry Aggression Questionnaire. A content analysis was carried out through the testimonies. The quantitative results showed signs of significance in the closed and accessible body dimension of the body image and in hostility aggressiveness. The qualitative analysis was significant in all variables. More quantitative studies are needed.

Key-words: Dance; prison; body image; self esteem; aggressiveness

Índice Geral

Agradecimentos	i
Resumo	iv
Abstract.	v
Índice geral.....	vi
Índice de tabelas.....	viii
Índice de gráficos.....	viii
Índice de quadros.....	viii
Índice de figuras.....	ix
Lista de abreviaturas.....	ix
Parte 1 - Introdução	10
Parte 2 - Revisão da Literatura	14
2.1 Mulheres em contexto prisional	14
2.1.1. Contexto prisional	20
2.1.2. Vivência no e do contexto prisional	25
2.2. Dimensões comportamentais e sócio afetivas em contexto prisional.....	26
2.2.1. Comportamento agressivo	30
2.2.2. Autoestima	34
2.2.3. Vivência e imagem do corpo	36
2.3. Intervenções terapêuticas e expressivas em contexto prisional.....	41
2.3.1. A dança e o movimento expressivo.....	46
2.3.2. Expressão e criatividade	52
2.3.3. A vivência criativa em grupo	56
2.3.4. A dança, imagem do corpo e autoestima	60
Parte 3- Método.....	65
3.1 Objetivos do estudo.....	65
3.2 Participantes.....	66
3.3 Instrumentos de avaliação.....	66

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo,
Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

3.3.1. Questionário de Imagem do Corpo Bruchon Schweitze.....	66
3.3.2. Escala de Autoestima de Rosenberg.....	67
3.3.3. Questionário de Agressividade de Buss & Perry.....	67
3.3.4. Testemunho final	68
3.4. Intervenção.....	69
3.4.1. Objetivos.....	69
3.4.2. Estrutura e sequência.....	69
3.4.3. Planeamento e flexibilização.....	71
3.4.4. Cenário e materiais.....	72
3.5. Procedimentos.....	73
3.5.1. Intervenção.....	73
3.5.2. Recolha de Dados.....	74
3.5.3. Análise de Dados.....	76
3.5.3.1. Análise estatística.....	77
3.5.3.1. Análise de conteúdo.....	77
4. Apresentação e Análise de Resultados.....	78
4.1. Análises estatísticas.....	78
4.1.1. Questionário de Imagem do Corpo Bruchon Schweitzer.....	78
4.1.2. Escala de Autoestima de Rosenberg.....	82
4.1.3. Questionário de Agressividade de Buss & Perry.....	84
4.2. Análise de conteúdo.....	87
5. Discussão dos Resultados.....	102
5.1. Questionário de Imagem do Corpo Bruchon Schweitzer.....	102
5.2. Escala de Autoestima de Rosenberg.....	105
5.3. Questionário de Agressividade de Buss & Perry.....	106
5.4. Testemunho.....	109
5.5. Discussão integrada dos resultados.....	114
6. Limitações do Estudo.....	118
7. Implicações para a Prática e para a Investigação Futura.....	118
8. Conclusões.....	119
Referências Bibliográficas.....	122
Anexos	127

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo,
Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

I Anexo	128
II Anexo	129
III Anexo.....	130
IV Anexo.....	131
V Anexo.....	132
VI Anexo.....	133
VII Anexo.....	134

Índice de Tabelas

Tabela 1-.....	76
Tabela 2-.....	80
Tabela 3-.....	83
Tabela 4-	84

Índice de gráficos

Gráfico 1	80
Gráfico 2.....	81
Gráfico 3.....	81
Gráfico 4	81
Gráfico 5.....	82
Gráfico 6	82
Gráfico 7	83
Gráfico 8.....	83
Gráfico 9.....	85
Gráfico 10.....	85
Gráfico 11.....	85
Gráfico 12.....	86
Gráfico 13.....	86
Gráfico 14.....	86
Gráfico 15.....	87
Gráfico 16.....	87

Índice de quadros

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo,
Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Quadro 1.....	69
Quadro 2	94
Quadro 3.....	95
Quadro 4.....	96
Quadro 5.....	97
Quadro 6.....	97
Quadro 7.....	98
Quadro 8.....	99
Quadro 9.....	99
Quadro 10.....	100
Quadro 11.....	100
Quadro 12.....	101

Índice de Figuras

Figura 1-.....	72
Figura 2-.....	73

Lista de Abreviaturas

AMT - *Authentic Movement Treatment*

AQ - Questionário de Agressividade de Buss-Perry

DESIPE- Departamento Penitenciário de Sergipe

DIM - Dimensão

DMP – Psicoterapia do Movimento da Dança

DMT – Dança/ Movimento Terapia

FBI - *Federal Bureau of Investigation*

FGV DAPP - Diretoria de Análises de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas

GE - Grupo Experimental

GC – Grupo Controlo

MDMT- Dança médica / terapia de movimento

PREFEM – Presídio Feminino

QIC - Questionário de Imagem Corporal de Bruchon-Schweitzer

QV – Qualidade de vida

RSES - *Rosenberg Self-Esteem Scale*

1. Introdução

As mulheres presidiárias vivem num espaço hostil caracterizado por hierarquias, privação de liberdade e de autonomia, abandono, ociosidade, desconfiança e isolamento, resultando em sofrimento mental e corporal (Banks, 2003). Diante de um contexto de insegurança constante estas mulheres apresentam o que Sykes, (1958 cit. por Mortimer, 2017) designou por “dores do aprisionamento”. A tristeza, o tédio, a hipervigilância, o *stress* e rigidez (Banks, 2003), causam dores, distanciamento de si mesmo e baixa autoestima (Seibel, 2008). Sinapius (2013) destaca para estas mulheres a taxa de suicídio e o uso de drogas como fuga da realidade. Marzano, Hawton, Rivlin e Fazel (2011), citam a autolesão, tantas vezes visível nestas mulheres, como proveniente de histórico familiar de suicídio, depressão, agressividade, impulsividade, hostilidade, baixa autoestima e suporte social. Também a questão das drogas e da abstinência é retratada por Banks (2003). Estes fatores conduzem a dificuldades com a autoimagem, com o expressar e descarregar emoções, com a incapacidade de resolver problemas interpessoais, levando a cognições negativas (Smeijsters, Kil, Kurstjeans, Welten & Willemars, 2011).

Entre estes vários fatores de risco (Voorhis, 2013) para o comportamento ofensor, a auto-eficácia, entendida como a confiança em atingir metas determinadas, acrescida da autoestima, são apontadas como relevantes para o empoderamento nas mulheres, fundamental em intervenções correcionais e mudanças comportamentais (Rumgay, 2004 cit. por Voorhis, 2013). Segundo a mesma autora, intervenções reabilitadoras passam entre outras, por ações que abordem a imagem corporal, a autoestima, a auto-eficácia, o controle da raiva e a importância das relações (Voorhis, 2013).

Segundo Gibbons (1997), a baixa autoestima da população feminina em prisões, é gerada por circunstâncias existenciais na vida fora e dentro do ambiente prisional, geralmente oriundas de um *status* ocupacional marginal, marcadas por abusos que conduzem a raiva e depressão. Lembremo-nos neste sentido que a vulnerabilidade para a depressão apresenta um estilo de apego inseguro, tristeza, ansiedade e exclusão social (Pylvänäinen & Lappalainen, 2018) aspetos também encontrados na caracterização desta população. A falta de controle sobre a própria vida, é também indicativo e indutor de baixa autoestima, evidenciando a necessidade de promoção de uma sensação de

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

responsabilidade e autonomia (Hardesty, Hardwick & Thompson, 1993, cit. por Stino & Palmer, 1998)

Problemas com a autoestima, envolvem também dimensões como a satisfação ou insatisfação com o próprio corpo, facto que remete para a construção da imagem corporal, entendendo-a como: “The picture of our own body which we form in our mind, that is to say, the way in which the body appears to ourselves” (Schilder, 1950, p. 11 cit. por Grogan, p. 1, 1999) sendo esta construção não apenas um constructo cognitivo, mas também um reflexo de atitudes e interações com os outros (Schilder, 1950, cit. por Grogan, 1999). Estes factos evidenciam a sua característica integrativa, influenciada por estruturas fisiológicas, emocionais e socioculturais, culminando esta interação numa imagem corporal individual, construída a partir da relação com várias pessoas. No contexto da prisão, pode-se evocar o conceito de imagem corporal grupal (Schilder, 1977), no sentido em que as ações e reações nas relações sociais contribuem para a estruturação individual de cada um (Schilder, 1977, cit. por Secchi, Camargo & Bertoldo, 2009).

Segundo Pylvänäinen, (2003 cit. por Pylvänäinen & Lappalainen, 2018), a imagem corporal é constituída por várias dimensões: pelo aspeto das propriedades da imagem, que envolvem pensamentos e valores relacionados com a aparência física, pelo corpo que interage com o ambiente, pelo corpo-self constituído pelas informações sensoriais e perceptivas, e por fim, pela memória do corpo, enquanto armazenamento das informações auto apropriadas. Casey (1987 cit. por Pylvänäinen & Lappalainen, 2018), particulariza ainda a memória do corpo, referindo que esta pode ser habitual, traumática e erótica/ prazerosa.

Atualmente a imagem do corpo feminino está associada a idealizações que perpassam pelo belo, saudável e jovem, onde o corpo magro virou uma obsessão, enquanto provedor de confiança, autoestima positiva e indicador de aceitação e pertença social (Grogan, 1999). Em busca desta imagem a indústria da beleza fortalece-se, entre dietas, exercícios, cosméticos, plásticas e vestimentas, que tentam intervir na satisfação ou insatisfação corporal das mulheres (Andrade, Barbosa & Bagni, 2018; Grogan, 1999).

Remetendo-se para a cultura do presídio, onde não há acesso à *media*, não há espelhos, cosméticos, vestimentas femininas, onde há pouca atividade física e onde as relações sociais são restritas e as memórias do corpo traumáticas, surgem as incógnitas sobre a construção da imagem corporal em mulheres aprisionadas. O estudo de Andrade,

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Barbosa e Bagni, (2018), aponta para que, mulheres em confinamento, apresentem outros padrões de referência para a construção do corpo adequado e desejável, podendo levar ao abandono do autocuidado e a outros riscos para a saúde mental e corporal.

No tocante a agressividade, as imagens mediáticas propagadas sobre as mulheres presidiárias, retratam um quadro distorcido da realidade, ao reportar sobre uma violência extrema nessas mulheres (Moller, 2013; Wilson, 2013) e sobre seus corpos objetivados (Banks, 2003) buscando provocar uma aversão no público. Porém estudos relatam que as mulheres em contexto de prisão, são mais objetos de violência do que promotoras de violência. Dados em pesquisas apontam histórico de abuso físico e sexual, além de, procedência de meios sociais vulneráveis ao universo das drogas e históricos de relacionamentos conflituosos (Kuhlmann, 2006; Moller, 2013; Seibel, 2008; Voorhis, 2013; Wilson, 2013). Segundo Wilson (2013), a indústria cinematográfica pode contribuir para transformar estas imagens, apresentando histórias autênticas. A evidência de que as experiências de trauma interpessoal, deixam cicatrizes emocionais, como sentimentos de raiva aumentada, depressão, culpabilidade e baixa autoestima (Cardi, Milich, Harris & Kearns, 2007), pode levar a um entendimento que venha a contribuir, com o delineamento de ações eficazes, para a diminuição da agressividade nas vítimas de violência através da diminuição de estados emocionais negativos.

A arte no espaço prisional tem sido indicada como de forte valor nos níveis pessoal, interpessoal e social (Mullen, 1999). Programas artísticos nas prisões, apontam a importância de um espaço para a tomada de decisões, evitando o surgimento da depressão, ansiedade e *stress* (Wooldredge, 1999/2006, cit. por Montimer, 2017). O poder criativo e expressivo das artes é apontado como possibilidade de cura e reabilitação, por proporcionar a expressão de sentimentos como raiva, medo, frustração e consequente transformação. Pesquisas apontam que programas artísticos nas prisões contribuem na redução do comportamento violento e na diminuição da reincidência, devido também ao seu envolvimento corporal, com consequências no controle de impulsos, auto regulação, libertação apropriada de tensão e interação grupal (Milliken, 2002). Segundo Meekums e Daniel (2011), as oportunidades criativas melhoram a autoestima e a qualidade de vida. Leonido e Montabes (2010), cita o bem-estar, Milliken (2002) e Montimer (2017) citam o sentimento de pertença e Wilson (2013), retrata o empoderamento e seu poder de cura pelo sentimento de comunidade.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Na área da psicomotricidade, entre os muitos recursos de intervenção, temos a dança criativa enquanto abordagem de mediação corporal, que favorece a integração mente e corpo (Acolin, 2016; Bräuninger, 2012) e onde a expressividade através da dança permite a exteriorização de informações armazenadas no indivíduo através da ação corporal (Acolin, 2016; Levy, 2014). A dança contribui para o bem-estar humano e apresenta um poder de cura, advindas das suas características multissensoriais, emocionais, cognitivas e somáticas, promovendo uma sensação de controlo sobre o *stress* e dor, pela mudança emocional nos estados de consciência e/ou capacidade física e também pela capacidade de enfrentar estressores encontrando maneiras de lidar com eles (Bräuninger, 2012; Hanna, 1995). O poder da dança tem evidenciado em estudos como favorecendo o comportamento pró-social (Behrends, Muller & Dziobek, 2012; Santos, 2008), diminuindo os comportamentos agressivos (Santos, 2008) e depressão (Zubala & Karkou, 2015). A dança enquanto intervenção reabilitadora em contexto prisional, é apontada por Williams (2013), como disciplinadora, promotora de coesão social e com consequente diminuição da violência e sua reincidência.

No cenário da prisão, Seibel (2008), refere a necessidade de criar confiança em si mesmo e no outro de modo a diminuir a hostilidade, trabalhando com ‘movimento autêntico’. A redescoberta de si mesmo também é eficaz na diminuição da violência, sendo o processo criativo promotor de transformação ou mesmo cura pela possibilidade de expressão de sentimentos, como raiva e frustração (Milliken, 2002). Estudos de Batcup (2013) referem ainda o importante papel da dança na forma de pensar e encontrar saída para dilemas existenciais.

Diante do quadro apresentado, a pertinência deste estudo habita na necessidade de investigar os benefícios de uma intervenção de dança criativa e movimento expressivo com mulheres, no espaço da prisão, objetivando verificar os seus efeitos na imagem corporal, na autoestima e na agressividade, sendo estas variáveis pertinentes pelos poucos dados encontrados em pesquisa qualitativas e quantitativas, nomeadamente em países da América do Sul, como é o caso do Brasil. Torna-se assim evidente a necessidade de estudos que apresentem possibilidades de ações alternativas às genericamente presentes e que mantenham um valor não apenas corretivo mas, essencialmente habilitativo, no contexto prisional.

A estrutura da presente dissertação divide-se em oito partes. Uma primeira introdutória, constando do enquadramento do estudo, seus objetivos e a sua pertinência.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Em seguida consta a parte que integra a revisão de literatura composta pelos aspectos teóricos enquanto suporte para a investigação. Esta parte apresenta-se subdividida em três momentos, delimitado inicialmente por um breve histórico da prisão feminina, a contextualização do espaço prisional e a vivência no espaço da prisão. Num segundo momento são abordadas as dimensões comportamentais e sócio afetivas em contexto prisional, incluindo as discussões sobre o comportamento agressivo, a autoestima e a construção da imagem do corpo. Por fim, o terceiro momento apresenta sobre as intervenções terapêuticas e expressivas em contexto prisional, incluindo a manifestação da dança enquanto movimento expressivo e criativo, bem como as intervenções da dança na construção do processo relacional e na sua influência na imagem do corpo e autoestima.

A terceira parte do estudo evidencia a metodologia de investigação utilizada, sendo referido os objetivos do estudo, sua população amostra e seus instrumentos de avaliação. Em relação a intervenção, apresenta seus objetivos, sua estrutura e sequência, seu planejamento e flexibilização, bem como seu cenário e materiais. Também são relatados os procedimentos da intervenção, da recolha de dados e das análises estatísticas e de conteúdo.

A quarta parte reporta-se a apresentação e análise de resultados, incluindo a análise estatística e a análise de conteúdo. Em seguida, a quinta parte relata sobre a discussão dos resultados quantitativos, incluindo a discussão do testemunho e por fim, a discussão integrada dos resultados.

Na reta final da dissertação, na sexta parte são refletidas as limitações do estudo, seguida das implicações para a prática e para futuras investigações na sétima parte, e por fim será apresentado os principais resultados, findando em uma conclusão geral do estudo.

2. Revisão da Literatura

2.1 Mulheres em contexto prisional

É crescente o aumento do número de mulheres que entram nas prisões de inúmeros países nos tempos atuais. No país que apresenta uma maior representação desta realidade, os E.U.A, e segundo Voorhis (2013), a política publica Norte Americana tem

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

expressado uma crescente preocupação pelo aumento dramático do número de mulheres, que aí entram no sistema de justiça criminal. Este quadro mundial contribui para tornar esta população objeto de vários estudos, incluindo a busca pela percepção de como estas mulheres lidam com o espaço perturbador da falta de liberdade, bem como também a busca de estudos que visem a melhoria e adequação de serviços e programas para mulheres detentas.

No Brasil embora a proporção de mulheres privadas de liberdade ainda seja inferior à masculina, a evolução da população de mulheres no sistema penitenciário brasileiro é considerada alarmante (Andrade, Barbosa & Borgni, 2018), com crescimento de 700% entre os anos de 2000 e 2016 segundo o FGV DAPP (2018). O Brasil é proporcionalmente o terceiro país com a maior população carcerária feminina do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos (1º) e da Tailândia (2º), de acordo com o FGV DAPP (2018).

Desde 1990 que cresce o número de mulheres nas penitenciárias brasileiras e com isso cresce também o debate e o olhar dos pesquisadores, que de forma interdisciplinar, procuram abordar aspetos sobre a imagem da mulher na sociedade contemporânea, diante dos números que não param de crescer, onde “5,5% da população carcerária mundial é composta por mulheres, e 6,4% das pessoas presas no Brasil são do sexo feminino” (VGV DAPP, 2018, p.2).

Na realidade brasileira e noutros países, as mulheres em contexto prisional são, em sua maioria, mulheres negras, solteiras, procedentes de áreas urbanas, com pouca escolaridade (Assis & Constantino, 2001) e com penas decorrentes em sua maioria de crimes vinculados ao tráfico de drogas (Sinapius, 2013) e por uma suposta criminalidade decorrente da parceria amorosa (Carvalho & Mayorga, 2017; Banks, 2003). Esta realidade é também relatada por Banks, (2003), ao reportar o perfil Norte Americano de mulheres detentas como sendo, jovens, mães solteiras, afrodescendentes e em sua maioria condenadas por tráfico de drogas ou estupefaciente. Do ponto de vista psicossocial e do seu percurso afetivo, Assis e Constantino (2001), começam por relatar o abandono sucessivo vivido por estas mulheres ao longo da sua vida, gerando dificuldades no estabelecimento de vínculos afetivos, oriundos de laços parentais frágeis. Segundo estas autoras “Os efeitos da privação afetiva total seriam a completa incapacidade de estabelecer relacionamento com outras pessoas; quando parcial, os resultados seriam

**Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo,
Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil**

angústia, carência de amor, sentimento de vingança, culpa e depressão” (Assis e Constantino, 2001, p.83). Marzano et al. (2011), referem mesmo a auto-mutilação tantas vezes visível nestas mulheres, como proveniente de histórico familiar de suicídio, depressão, agressividade, impulsividade, hostilidade, baixa autoestima e ausência de suporte social.

Também Mello (2008) aponta no seu estudo que as mulheres presas têm um elevado grau de comorbidade psicopatológica, dependência de substâncias, transtorno de *stress* pós-traumático, transtorno de personalidade antissocial e depressão maior. Segundo esta pesquisa, as mulheres presas apresentam um maior índice de experiências traumáticas, incluindo abuso físico e sexual precoce (Assis & Constantino, 2001), originando o recurso a intervenções de saúde mental, e constatando-se um histórico, dentro das prisões, do uso de medicação psicotrópica (Mello, 2008). Segundo Banks (2003) as drogas são administradas dentro da prisão para tratamento, mas objetivando a manutenção à paz e a tranquilidade. Esta autora realça ainda a elevada culpabilidade destas mulheres e a constante procura de estratégias de enfrentamento para conviver com a realidade da prisão.

Fazendo-se uma retrospectiva histórica do olhar sobre a mulher no contexto prisional, ver-se que primeiramente, o crime feminino foi associado a aspetos ligados de alguma forma ao corpo, aspetos biológicos e fisiológicos, apresentando-se uma criminalidade fundamentada pela ideia de desvio sexual (Assis & Constantino, 2001).

Este olhar condicionou um período marcado pela estigmatização e punição das “mulheres caídas”, quadro este reportado na realidade norte americana por Banks (2003), relatando um período compreendido entre 1840-1860. Neste período Banks (2003) relata que as mulheres foram criminalizadas pela conduta sexual, onde, devido à falta de oportunidade de trabalho e de salários mais baixos, as mulheres ocupavam uma posição marginal na economia, fator que obrigou muitas mulheres a assumir a prostituição para sobreviver, e o recurso de algumas ao crime contra a propriedade. Foram criadas leis, peculiares às mulheres, que regulamentavam a conduta sexual, como adultério, comportamento obsceno e conduta desregrada e desordenada. Estas leis levam as mulheres a condenação e subsequente punição e estigmatização das “mulheres caídas”, consideradas como perturbadoras da harmonia da sociedade, uma vez que negavam seu papel de natureza feminina pura em prol da depravação (Assis & Constantino, 2001).

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Neste contexto os líderes políticos da época mostraram pouca preocupação com as condições de vida das mulheres nas prisões (Assis & Constantino, 2001; Banks, 2003). Esta pouca preocupação traduzia-se numa realidade ainda mais dolorosa para as mulheres detentas, pois estas foram até a década de 1870, alojadas com homens dentro do mesmo complexo prisional (Banks, 2003). Esta realidade perpetuava um quadro de violência contra as mulheres onde havia muitos abusos e as condições difíceis e pavorosas para mulheres em penitenciárias, se traduziam em abuso sexual, agressões sexuais e nascimentos ilegítimos, que eram frequentemente sistemáticos e evidentes (Banks, 2003).

Esta realidade foi também vivida pelas mulheres do Brasil colônia, as mulheres prisioneiras em sua maioria prostitutas e escravas eram confinadas junto aos prisioneiros do sexo masculino, dividindo com eles o mesmo espaço físico. Este cenário reproduzia as questões de abandono, abuso sexual e problemas com a autoridade, a guarda, que era em sua maioria, masculina, acentuando mais uma vez os problemas da promiscuidade e doenças (Andrade, 2011).

O surgimento de estabelecimentos prisionais exclusivamente femininos, deu-se no Brasil com algum atraso, relativamente a outros países, nomeadamente da América Latina, Europa e América do Norte. Enquanto os primeiros estabelecimentos prisionais femininos surgiram no Brasil nas décadas de 1930 e 1940, no mundo ocidental estes datam de 1645, tendo sido o primeiro em Amsterdã Holanda. Este primeiro estabelecimento feminino foi fonte de referência como casa de correção e instituição prisional, destinado a “mulheres pobres, desrespeitosas, criminosas, bêbadas, prostituta e meninas que não obedeciam a seus pais e maridos” (Andrade, 2011, p.22). Já nos Estados Unidos o primeiro estabelecimento prisional para mulheres surgiu no estado de Nova York em 1835, sendo este o único até 1870, período onde começam a surgir os reformatórios. Em relação a outros países latino-americanos o Brasil também surge mais tardiamente com estas instituições, uma vez que “os presídios femininos do Chile datam de 1864, do Peru desde 1871 e Argentina desde 1880” (Andrade, 2011, p.191).

O período reformatório ocorreu entre 1870 e 1900 nos EUA, durante este período, as condições de algumas mulheres detentas mudaram, devido ao sucesso do movimento reformatório das mulheres com ênfase numa nova filosofia de redenção. Este período foi marcado por ideias que defendiam um modelo alternativo para o aprisionamento de mulheres, destacando pontos como: a separação de mulheres presas de

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

prisioneiros do sexo masculino, a provisão de cuidados femininos específicos para as mulheres e o controlo sobre as prisões das mulheres formada por uma equipe feminina (Banks, 2003). Dado que a administração destes presídios começou a ser efetuada por mulheres reformadoras, preparadas e com experiência em enfermagem e serviços de caridade, foi sendo modificada também a lógica de tratamento das mulheres no presídio, começando a acreditar-se na reforma das prostitutas, no sistema de mérito, e enfatizando o estudo espiritual, a domesticidade (Andrade, 2001; Assis & Constantino, 2001; Banks, 2003; Barcinski & Cunico, 2014) e estudos acadêmicos dentro das casas de abrigo e ou prisões.

Também neste período procurou-se inculcar nas mulheres um sentido de feminilidade baseado na pureza, piedade, domesticidade e submissão, necessárias para a sua transformação e como incentivo para o seu crescimento (Banks, 2003). Foram criados cursos que incluíam a leitura, escrita e costura juntamente com o estudo da Bíblia. Um regime de piedade foi enfatizado associado ao levantar-se cedo, a proibição de palavrões e do uso de substâncias profanas como tabaco e álcool, a rotina de um trabalho regular e o desenvolvimento de hábitos de limpeza e trabalho para a indústria (Banks, 2003). Era defendida a ideia da reabilitação como resultado do controlo, rotina prisional e da atribuição de esforços próprios adquiridos pela disciplina e pela emoção provocada através do isolamento e ordem. Embora houvesse uma preocupação com a formação, a maioria dos serviços aprendidos eram de cunho doméstico, não existindo a disponibilidade de cursos industriais para as mulheres como o havia para os homens presos (Banks, 2003).

A introdução do sistema de mérito foi determinante para os tipos de punições dentro do presídio, sendo gerador de tensão e *stress*. A ordem e o controlo dependiam da obediência esperada, com punições severas que variavam entre o confinamento solitário, dietas, sanções disciplinares e punições corporais como por exemplo contenção por algemas e camisa de força (Banks, 2003).

Em relação ao Brasil esse modelo de casa de correção baseada no trabalho também se repete, copiando a realidade de países latinos e norte-americanos. Seguindo o modelo holandês, que foi exemplo para a Europa e América do Norte, e resguardando as questões temporais no Brasil, somente em 1927 se construiu um projeto com apoio governamental e suporte legal. Este projeto previa a criação dos primeiros presídios

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

femininos pelo “Patronato das Presas” criado pelas senhoras da sociedade carioca e das Irmãs da Congregação de Nossa Senhora do Bom Pastor d’Angers, tendo como objetivo criar uma “solução condigna” para o problema das então chamadas criminosas, sendo esta solução a criação de uma prisão só para mulheres com pouquíssimo custo para o governo, na qual as internas providenciavam com o seu trabalho, a sua subsistência (Andrade, 2011).

Este modelo reformatório findou nos EUA e na Europa, por volta de 1920 tendo sido marcado pelas mudanças sociais do início do século XX. Neste contexto o aumento do número de mulheres detentas por envolvimento com drogas, alcoolismo e prostituição, criou uma descrença no potencial reformador desses espaços, resultando na necessidade de reformas no modelo prisional (Andrade, 2011).

Os novos reformadores negavam as antigas ideias e defendiam um questionamento da criminalidade em geral, com ênfase não nos ideais femininos, mas sim, nas questões sociais e econômicas antecedentes de mulheres implicadas no mundo do crime (Banks, 2003). Entre os reformadores encontravam-se agora profissionais qualificados com formação em ciências sociais, trabalho social, direito e medicina. Essas novas reformadoras diminuíram a importância dos objetivos ligados à religião e à conversão das “mulheres caídas”, vindo a transformar as detentas em sujeitos de pesquisa.

Nesta perspectiva

Physical and mental factors were thought to be implicated in criminal activity, and intelligence tests were used as tools for assessing criminality. The new women reformers were able to gain access to the captive prison population of women to test their theories and to collect data (Banks, 2003, p. 19).

É neste contexto que surge a integração de psicólogos dentro das prisões, criando clínicas e laboratórios para o estudo das reclusas, e diagnosticando com frequência mulheres detentas com perfil psicótico ou psicopata, indicando para estas um tratamento psicológico especializado (Banks, 2003).

Sob tal influência os programas prisionais passaram por uma mudança, realçando o contexto econômico do crime, evidenciando as forças sociais como um forte

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

e importante contributo no universo do crime feminino e enfatizando a indução destes fatores como agentes despoletadores para o mundo do crime e da prostituição (Banks, 2003). Com o objetivo de reduzir a ênfase na domesticidade e incluir mais trabalho e disciplina, foi oferecido treino vocacional, visando o mundo do trabalho após o cumprimento da pena. Acentuou-se a preocupação com o bem-estar físico das mulheres reclusas, com inclusão de recreação em áreas abertas, exercícios físicos, jardinagem e agricultura (Banks, 2003).

A realidade brasileira segue a partir de 1940, com a individualização da pena (Foucault, 2001), as detentas eram tratadas de forma diferente dentro da prisão dependendo da sua classe social e crime cometido. Assim o tratamento procurava uma pena com foco no que seria útil para as detentas. Nesta perspectiva as de condição social menos favorável deveriam ocupar-se dum trabalho que lhes fosse útil ao sair da prisão e as de classe social mais favorável, deveriam ter atividades dirigidas para o lazer e o feminino, não visando uma ocupação lucrativa para a subsistência. Deveriam também respeitar as suas características naturais e “dons” de cada detenta, de modo a ocupá-las daquilo que melhor soubessem fazer, seguindo uma divisão de tarefas dentro da prisão que era norteadas por uma divisão de classe social (Andrade, 2011). Atualmente continuam a reproduzir-se as punições e tratamentos, baseados em questões que ratificam os padrões sociais de feminilidade (Assis & Constantino, 2001).

2.1.1. Contexto prisional

O sistema prisional foi pensado como um mecanismo reformador e punitivo dos sujeitos que apresentavam alguma conduta desviante do comportamento social, face ao esperado pela sociedade. Elabora-se assim todo um processo de punições no intuito do treino social dos sujeitos, procurando reabilitá-los para o convívio social (Barcinski & Cunico, 2014). Voorhis (2013), retrata a prisão como um espaço para a reabilitação e mudança comportamental do agressor. O ambiente da prisão pode assim ser representado como uma “instituição total” (Goffman, 1974, p. 11) sendo caracterizado por uma rotina de controle, cronogramas rigorosos e planos executados (Mortimer, 2017).

Segundo Foucault (2001), os processos punitivos vividos em meados do século XVIII, propagavam o castigo espetáculo, tendo no corpo o principal alvo da repressão

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

penal. Neste contexto pregava-se um “corpo supliciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo punitivo” (Foucault, 2001, p 12). Estes suplícios dos corpos, aos poucos foram sendo substituídos por técnicas de vigilância e disciplina.

O surgimento da prisão em fins do século XVIII é relatado como uma forma civilizada de punição, onde a disciplina segundo Foucault (2001), fabrica corpos submissos, dóceis e obedientes. Esta prática punitiva perpetuada dentro das prisões femininas, pode ser percebida na busca da domesticidade reportada anteriormente, onde se almeja reformar as mulheres desviantes da sociedade para o seu papel social de feminino, como foi relatado por Andrade (2011), Banks, (2003) e Barcinski e Cunico (2014).

A prisão é então caracterizada como um espaço de privação de liberdade (Foucault, 2001; Sykes, 1958), onde o isolamento, a solidão, o trabalho e a modulação da pena, são vistos como instrumentos positivos de reforma, com a função técnica de correção e transformação dos indivíduos. Um espaço que realiza castigos diversificados em sua intensidade, onde ocorre uma individualização da pena, variando esta conforme os presos reagem ao sistema penitenciário (Foucault, 2001).

Segundo Goffman, as instituições, incluindo no seu estudo a prisão, promovem de forma sistemática a “mortificação do eu” (1974, p.24). Diante desse facto o espaço da prisão promove pelas suas ações de rotinas diárias, a separação do indivíduo do mundo externo, passando este a viver dentro do modelo da organização institucional do presídio. Assim são caladas as suas vontades, a sua privacidade, o seu espaço, a sua intimidade, promovendo a degradação do Eu e a uniformização dos indivíduos, ou seja este modelo contribui para a destituição da identidade pessoal (Goffman, 1974).

O novato chega ao estabelecimento com uma concepção de si mesmo que se tornou possível por algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico. Ao entrar é automaticamente despido do apoio dado por tais disposições. Na linguagem exata das instituições começa uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu. O seu eu é

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente, mortificado (Goffman, 1974, p. 24).

A vida na prisão estabelece assim a restrição da autonomia individual das pessoas privadas de liberdade (Sykes, 1958), ocorrendo neste espaço uma série de restrições que vão desde as questões espaciais, com a divisão dos presos dentro da própria prisão, entre refeitórios, alas, pavilhões, oficinas, celas, seguindo até as restrições nas revistas das visitas (Barcinski & Cunico, 2014; Carvalho & Mayorga, 2017) e à negação da privacidade (Sinapius, 2013). Segundo Sykes (1958) as “dores do aprisionamento” aniquilam a pessoa dissolvendo a sua individualidade e autonomia. Estas restrições contribuem para a característica marcante da prisão como um espaço de múltiplas segregações, que vai desde a separação dos presos dos outros indivíduos da sociedade até às menos perceptíveis que dividem os indivíduos no interior do próprio ambiente prisional (Colares & Chies, 2010).

Acerca da prisão feminina Colares e Chies (2010), referem as proibições e restrições referentes às formas de expressão da feminilidade, como roupas e maquiagem, quando os presídios são mistos e o espaço da prisão é dividido entre homens e mulheres. Neste sentido é explícito o controlo vivido no corpo e, através dele o controlo institucional, que exige às mulheres, uma imagem apropriada para o gênero feminino de recato e pudor dentro dos presídios (Barcinski & Cunico, 2014).

Para além da destruição da identidade pessoal, a mulher detenta passa pelo processo de estigmatização de mulher criminosa (Banks, 2003), fator que dificulta a sua reinserção social. Segundo Goffman (1988) o estigma refere-se às características que as diferenciam das convenções sociais, que destoam dos padrões imposto pela sociedade.

Há uma relação entre a identidade real e a identidade potencial imposta pela sociedade, ou seja, entre o que o indivíduo é realmente e o que a sociedade espera dele. Nesse contexto o indivíduo estigmatizado não se consegue adequar, viver ou ser de acordo com o que é esperado dele, fator este que em muito dificulta os seus relacionamentos sociais. Sendo considerado um indivíduo que destoa das características consideradas “normais” pela sociedade, vem posteriormente a sofrer discriminações, fator que pode impossibilitar o reconhecimento de outras características e atributos de sua personalidade (Goffman, 1988).

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

A falta de atenção do poder público e da sociedade face ao sistema prisional feminino (Assis & Constantino, 2001; Banks, 2003), advém da estranheza social relacionada com a inserção da mulher no universo do crime. Esta estranheza está também relacionada com um imaginário social associado por um lado às questões de gênero feminino (Assis & Constantino, 2001), por outro ao facto da prisão em si ser masculina e masculinizante, fator que contribui para tornar as mulheres detentas invisíveis (Colares & Chies, 2010; Banks, 2003). Assim sendo a situação da mulher na prisão é marcada por um imprevisto institucional, onde se procura uma adaptação de um sistema já existente, que ilustra e reflete o caráter androcêntrico do sistema prisional (Barcinski & Cunico, 2014; Banks, 2003).

A prisão feminina materializa-se muito como um espaço de moralidade e sexualidade. Segundo Colares e Chies (2010), em algumas prisões é proibida a relação sexual para mulheres não casadas de forma legal ou comprovada. Esta realidade desperta carências nas detentas que sofrem punições de ordem também afetiva e sexual, causando, pelas interdições sobre o corpo feminino, cargas adicionais de insegurança e sofrimento, com reflexos no seu comportamento na prisão.

De acordo com Carvalho e Mayorga (2017), sobre a mulher recai uma dupla punição: as sanções penais previstas nas leis e nos códigos, mas, também, os imperativos das normativas de gênero, com as suas definições e prescrições do que é - ou deveria ser - a Mulher. De pena capital à privação da liberdade, muitas mulheres foram jugadas pelos seus atos, mas condenadas por suas paixões, por seus instintos, anomalias, enfermidades, inaptações (p.102).

Esta abordagem clarifica uma certa reedição das formas de relações afetivas e sexuais vividas dentro da prisão feminina, através das quais são construídas novas relações filiais, maternas ou fraternais, apontado por Barcinski (2012) como sendo relações fundadas na heteronormatividade, por reproduzir no espaço da prisão as normas de gênero vigentes na sociedade. Estas relações são baseadas numa divisão clara de papéis masculinos e femininos, associados de forma respetiva a comportamentos mais ativos e passivos. Segundo a autora, também são estabelecidas na prisão, relações filiais e maternas nas quais as presas assumem os papéis de filhas e mães nas suas relações.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Esta capacidade de estabelecer novos modelos de vínculos na prisão reafirma, a habilidade feminina de cuidado e proteção, fator que renova a identidade das detentas (Barcinski & Cunico, 2014). Segundo Banks (2003), dentro dos presídios femininos ocorre a formação de uma *pseudo* família. Dentro desta realidade há mulheres que se portam e se vestem como homens, para com isso adquirir privilégios e poder, que seriam socialmente atribuídos aos homens, legitimando assim a força e virilidade poligâmica no espaço do presídio. Estas detentas são reconhecidas dentro da cultura do presídio como homens, tanto pelas outras detentas como pelos agentes administradores do presídio (Barcinski & Cunico, 2014).

A maneira como os prisioneiros se adaptam às condições de reclusão e como os seus valores e normas individuais são empregues ou afetados pelo aprisionamento, é denominado por Banks (2003), como subcultura do presídio. Nesse âmbito a dinâmica social e a hierarquia são aspetos-chave do ambiente prisional e das culturas prisionais (Montimer, 2017). Neste contexto são criados códigos gerais de conduta, que ditam regras no intuito de regular padrões de comportamento. Esta subcultura feminina no aspeto da sexualidade, segue as principais regras ditadas nos presídios masculinos. Segundo Banks (2003), as mulheres lidam de maneira diferente dos homens com a experiência na prisão, pois se ajustam à experiência ao formar relacionamentos próximos com outras prisioneiras. Já os homens, tendem ao isolamento. Esta realidade aflora as relações de homossexualidade entre as detentas, por variados motivos, entre eles, são citadas questões financeiras, afetividade, solidão, passar o tempo, segurança e desconforto psicológico (Banks, 2003).

Embora Sykes (1958) na sua obra *The Society of Captives*, apresente um estudo sobre a prisão masculina, torna-se relevante a sua abordagem, uma vez que a referência ao contexto prisional feminino, reflete um sistema adaptado do contexto prisional masculino (Banks, 2003; Barcinski & Cunico, 2014). Sykes (1958), debruça-se sobre as “dores do aprisionamento” procurando explicar os sentimentos vividos pelos presos, relatando cinco tipos de dores desenvolvidas pelas privações advindas da perda de liberdade e que ocasionam e desenvolvem novas relações sociais dentro do presídio, criando assim uma subcultura da prisão, necessária para a sobrevivência dos prisioneiros. As “dores do aprisionamento” dizem respeito às questões da liberdade, dos bens e

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

serviços, das frustrações do desejo sexual, da autonomia e por fim da segurança dentro da prisão (Sykes, 1958).

2.1.2. Vivência no e do contexto prisional

A vida da prisão atualmente já não se manifesta pela brutalidade física vivida e manifesta pelas punições corporais, no entanto as formas de restrições e punições materializam-se através de uma série de frustrações que podem ser tão dolorosas quanto os maus-tratos físicos do passado. Neste caso são frequentes ataques que conduzem à destruição da *psique* humana, facto não menos danoso e temeroso que a aflição física. É nesse contexto que as “dores do aprisionamento” referidas por Sykes (1958) relatam as privações e frustrações como ameaças profundas à personalidade do prisioneiro ou ao senso de valor pessoal e autoestima.

A primeira dor do aprisionamento para Sykes (1958) diz respeito à privação da liberdade, onde o confinamento dentro da prisão, estabelece um quadro de movimentos restritos, separação da família e amigos, reclusão involuntária, isolamento deprimente e frustrante, estabelecendo um quadro de relacionamentos emocionais perdidos, de solidão e tédio. O confinamento também representa a dor da rejeição social, pelo estigma do criminoso, onde a sociedade livre lhe atribui uma rejeição e condenação moral. A segunda dor está relacionada com a privação de bens e serviços, e sua conseqüente diminuição do padrão de vida, ou seja, perdas dos investimentos no mundo das posses. Este empobrecimento material, causa dores psicológicas que atacam sua personalidade, causando mágoa, sentimento de fracasso e ataque a sua autoimagem. A terceira dor incide sobre as frustrações do desejo sexual no estudo de Sykes diz respeito a uma prisão onde não são permitidas as visitas íntimas, referindo que esta realidade difere das prisões de países latino americanos. Nesse estudo evidencia-se a falta das relações heterossexuais, as manifestações homossexuais, o estupro como alívio das frustrações, vindo a promover ataque psicológicos como a ansiedade e sentimento de culpa de forma consciente ou inconsciente pelo desvio sexual. Outro ponto de dor refere-se ao ataque da autoimagem do prisioneiro, onde sua identidade é atingida pela ausência da convivência com a sua polaridade feminina.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Por fim, Sykes (1958) retrata a dor da privação da autonomia, onde, diante do controle do seu comportamento nos mínimos detalhes, é desperta uma intensa hostilidade advinda da sua restrição de fazer escolhas. Diante dos regulamentos severos, ocorre um ataque a autoimagem dos prisioneiros devido ao *status* de indefeso, fraqueza e dependência que levam a uma ansiedade aguda, pelo sentimento de desamparo vivido na infância. A última “dor do aprisionamento” descrita pelo autor refere-se à privação da segurança, provocada pela união involuntária e intimidade prolongada, com outros homens da prisão, vindo a causar desconfiança e ansiedade

A vida nas prisões femininas apresenta características, onde estas “dores do aprisionamento” se tornam presentes em muitos momentos. Segundo Banks (2003), a vida da mulher detenta é marcada pela forte influência do estigma de aprisionamento, a perda de liberdade, o tédio, as limitações de movimento, o controle e a falta de autonomia e seu subsequente estado de nervosismo e ansiedade, problemas físicos e emocionais que acompanham a abstinência de abuso de substâncias ou drogas, a falta de privacidade, o medo da segregação, a sujeição ao abuso de poder, a separação de seus filhos e a incerteza da libertação, entre outros.

Embora Colares & Chies (2010) abordem diferentes tipos de manifestação da segregação dentro do presídio, torna-se relevante ressaltar que a vivência na prisão feminina é geralmente caracterizada pela não segregação de prisioneiros por risco, não havendo separação entre as condenadas e as sentenciadas, não ocorrendo assim cisões dentro da prisão pela caracterização dos crimes (Banks, 2003). Este fator faz da prisão feminina, um espaço onde as diferenças comportamentais são notórias e as mulheres vivam e sofram uma interinfluência, dentro da cultura do presídio.

Este quadro demonstra muitas características do contexto da prisão, que podem levar a possíveis problemas comportamentais e psíquicos, ou seja, que podem ser gerados e desenvolvidos através dessas “dores do aprisionamento” (Sykes, 1958).

2.2 Dimensões comportamentais e sócio afetivas em contexto prisional

Mulheres em contexto prisional apresentam segundo Voorhis (2013), vários fatores de risco preditivos para o comportamento ofensor: Esta autora procura nas suas pesquisas desenvolver programas e abordagens corretivas para estas mulheres,

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

destacando as suas necessidades como fator fundamental, no processo de mudanças comportamentais. As suas pesquisas centram-se nos vários fatores de risco, como o da reincidência através de novas ofensas e o consequente agravamento da probabilidade do desvio de conduta. Segundo a autora, alguns fatores de risco sensíveis ao gênero, relacionam-se com a situação social de pobreza e a falta de segurança na habitação, nível educacional precário, problemas de saúde mental como depressão, ansiedade e transtorno de *stress* pós-traumático, abuso contínuo físico, emocional e sexual, uso de drogas e álcool, relações íntimas disfuncionais e abusivas, baixos níveis de auto eficácia associadas a pouca autoconfiança, *stress* parental, falta de sensação de poder pessoal, medo, raiva, pensamentos suicidas, ausência da confiança em alcançar metas específicas, ou seja, um percurso que abrange a baixa auto eficácia em correlação com a baixa autoestima e por fim personalidade antissocial (Voorhis, 2013). Os seus estudos realçam ainda muitas vezes o abuso infantil como instigador da depressão e ansiedade, assim como o abuso de substâncias como consequência da depressão. O sofrimento e os riscos para quadros de adoecimento mental, associados a tristeza, dor, desesperança e solidão como fatores que podem levar a problemas da depressão e até ao suicídio, foram também relatados por Lima, Neto, Amarante e Ferreira Filha (2013).

O comportamento de autolesão visível nas mulheres é citado por Marzano et al. (2011), como proveniente de histórico familiar de suicídio, depressão, agressividade, abuso na infância, impulsividade, hostilidade, baixa autoestima e a falta de suporte social. Este comportamento surge como uma forma de direcionamentos da própria raiva contra se mesma (Banks, 2003). Outras explicações para o comportamento auto lesivo, aborda este como uma estratégia de enfrentamento de abuso infantil, pelo qual uma mulher se desassocia de seu corpo, como estratégia utilizada para sobreviver ao abuso real na infância (Faith, 1993 cit. por Banks, 2003).

A culpabilidade é citada como um sentimento presente nas mulheres agredidas que cometem crimes contra os seus agressores, e nas mulheres que se envolvem com drogas instigadas por seus parceiros, nestes contextos assumem uma culpa por uma violência motivada por uma coação e um *stress* extremo. A separação de suas famílias e as preocupações contínuas sobre o bem-estar de seus filhos, também contribui com o surgimento do sentimento de culpa e *stress* (Banks, 2003).

Em relação as questões sociais, as mulheres apresentam um comportamento social baseado nas experiências prévias à prisão, utilizando como estratégias de

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

enfrentamento, a formulação de diferentes maneiras de relacionamentos dentro da prisão (Banks, 2003), embora exista um código geral de conduta, no intuito de regular o comportamento das detentas, elas tendem a se reunir em grupos de apoio, como forma de auxílio para lidar com os problemas do aprisionamento, evidenciando algum aspecto de confiança e solidariedade no comportamento, fato que remete às *pseudo*-famílias no espaço da prisão (Banks, 2003). Contudo, este contexto também evidencia a fragilidade das relações humanas na prisão permeadas geralmente por sensações de insegurança e desconfiança (Lima et al., 2013). Segundo Cunha (1994) a sociabilidade em forma de solidariedade entre as reclusas, é inexistente pra a subcultura prisional na versão feminina, devido a rejeição da identidade desviante. Porém a autora ressalta que esta subcultura está presente em presídios femininos dos EUA caracterizada pela *pseudo*-família e pela homossexualidade vivenciada.

Falar sobre relações afetivas em um espaço onde o grau de contato físico afetivo, é também regulado e controlado por regras, que determinam o local e quando podem se manifestar (Banks, 2003), cabe ressaltar sobre as identidades de mulheres “transformadas” em homens dentro da prisão, onde o comportamento, caracterização do corpo e nomes masculinos são adotados por estas mulheres, como também a ocorrência de mulheres que assumem, circunstancialmente, relações afetivas e sexuais com outras mulheres durante o tempo na prisão (Barcinski, 2012). A primeira realidade relata sobre a busca do poder social e cultural enquanto propriedade legitimada dos homens, ou seja, dos privilégios destinados socialmente aos homens (Barcinski & Cunico, 2014) e a segunda onde as mulheres assumem relações afetivas homossexuais, não como definidoras de sua identidade, mas sim como uma “homossexualidade situacional”, provocada pela cultura da prisão, ou seja, um comportamento temporário, induzido pela impossibilidade de uma relação afetiva com o sexo oposto (Barcinski, 2012).

Porém em contrapartida, as mulheres “transformadas” em homens (Barcinski, 2012) na prisão, ocorre também devido a vigilância intensiva sobre as mulheres, a ocorrência de comportamentos que reproduzem os estereótipos de gênero de obediência, submissão e dependência, objetivando uma adaptação bem-sucedida, e o cumprimento do estereotipo de mulher complacente (Banks, 2003), retratando a domesticidade enquanto a imagem normativa do feminino (Cunha, 1994).

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Enquanto estratégias de enfrentamento, o mecanismo da resiliência surge como resposta a “mortificação do eu”, ou seja, como alternativa de adaptação e /ou superação das situações de *stress*, vividas na prisão (Lima et al., 2013).

As mulheres sempre foram apontadas como as maiores usuárias de drogas, como sedativos e tranquilizantes do que os homens, esta recorrência ao uso de drogas ocorre por razões como a depressão, baixa autoestima e traumas pessoais, tais como problemas físicos e abuso sexual. Este quadro remete a prática de prescrever tranquilizantes e drogas psicotrópicas às mulheres detentas (Banks, 2003).

A vulnerabilidade para o comportamento depressivo, é apontado como induzido por vários fatores, como estilo de apego inseguro, tristeza, ansiedade, exclusão social e conflitos que levam a altos níveis de *stress* vividos pela população feminina presidiária (Pylvänäinen & Lappalainen, 2018). A depressão é também mostrada como sequela do apego inseguro por Assis e Constantino (2001), ao retratar sobre a sequência de abandono vivido por mulheres delinquentes, onde os “efeitos da privação afetiva total seriam a completa incapacidade de estabelecer relacionamento com outras pessoas; quando parcial, os resultados seriam angústia, carência de amor, sentimento de vingança, culpa e depressão” (p. 83).

Winnicott (1990) foi um dos primeiros psiquiatras a associar a carência afetiva da criança com posterior delinquência (Assis & Constantino, 2001). Para Winnicott (1987) ao interligar a delinquência a tendência antissocial, reporta sobre a agressividade no comportamento da criança ou adulto, com significado no mundo psíquico, onde busca um controle do ambiente em torno, já que não consegue estabelecer um controle interno. Nas palavras do autor

Sem tentar aprofundar-nos muito na origem das forças que lutam pelo predomínio dentro da personalidade, posso assinalar que quando as forças cruéis ou destrutivas ameaçam dominar as forças de amor, o indivíduo tem de fazer alguma coisa para salvar-se, e uma das coisas que ele faz é pôr para fora do seu íntimo, dramatizar exteriormente o mundo interior, representar ele próprio o papel destrutivo e provocar seu controle por uma autoridade externa. O controle pode ser estabelecido desse modo, na fantasia dramatizada, sem sufocação séria

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

dos instintos, ao passo que o controle interno necessitaria ser geralmente aplicado e resultaria num estado de coisas conhecido clinicamente como depressão (Winnicott, 1987, p. 93-94).

A disputa entre detentas, retrata uma tendência antissocial, ao abordar um comportamento de desvalorização do outro, como forma de negar uma autoimagem desviante, vindo a desenvolver desconfiança, uma vez que se percebem como rivais não confiáveis. Esta rivalidade na convivência entre mulheres, leva a dor do aprisionamento (Sykes, 1958) da privação de segurança em contexto prisional feminino (Cunha, 1994).

Outro ponto que se destaca dentro da cultura do presídio, corresponde a distorção das identidades dos prisioneiros, Montimer (2017) relata que os estudos (Gillespie, 2004; Williams, 2013) abordam sobre uma perda e distorção de identidades dentro da prisão, devido ao isolamento e o seu nome ser substituído por números, levando aos outros papéis sociais como de marido, esposa, filho, filha, trabalhador, papéis subordinados (Gillespie, 2004, p. 69 cit. por Montimer, 2017).

2.2.1. Comportamento agressivo

Relatar sobre o comportamento agressivo em mulheres infratoras em reclusão, torna visível um quadro de violência em minoria perante a população masculina, sendo “5,5% da população presidiária mundial e 6,4% no Brasil reclusas do sexo feminino” (Infopen/Depen, 2017 cit. por FGV DAPP, 2018, p.2) quando comparado com a população total de correções (Beck & Harrison, 2008 cit. por Moller, 2013). Este quadro demonstra que os mitos que retratam a mulher detenta como ofensora genérica são falsos (Moller, 2013). Uma vez que a literatura aponta que as mulheres detentas são predominantemente por crimes não violentos, tais como crimes de propriedade de baixo nível, delitos de drogas e prostituição (Assis & Constantino, 2001; Banks, 2003; Carvalho & Mayorga, 2017; Sinapius, 2013) a maioria das mulheres são vítimas de crime (Radosh, 2002, cit. por Moller, 2013; Wilson, 2013) e de um histórico de vida de violência (Assis & Constantino, 2001).

Esta realidade demonstra papéis sociais de violência em mulheres detentas advindas de um comportamento reativo as dores da violência vivenciada socialmente

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

(Assis & Constantino, 2001; Banks, 2003) e das “dores do aprisionamento” (Sykes, 1974). Estudo realizado por Moller (2013) relata que as histórias de mulheres reclusas são atormentadas por experiências emocionalmente prejudiciais ou violentas com homens, histórias de exposição a diferentes tipos de trauma de violência interpessoal, incluindo abuso sexual e físico fora e dentro da prisão, abusadores de substâncias e abandono dos lares. A autora cita um estudo onde relata que 98% das mulheres foram expostas a pelo menos um tipo de trauma na infância ou na idade adulta (Green et al., 2005, cit. por Moller 2013).

Segundo Wilson (2013), a indústria cinematográfica contribui para a veiculação da mulher detenta como violenta, contudo, seus estudos relatam que esta imagem propagada é incompleta, por não apresentar que esta população é em muito objeto de violência.

Para além das constatações, de que a mulher detenta advém de um contexto histórico de violência, torna-se relevante abordar o quanto as experiências de trauma interpessoal, deixam cicatrizes emocionais como sentimentos de raiva e medo, que podem se manifestar através do comportamento agressivo, provocado por estados emocionais negativos. Segundo Cardi et al. (2007), traumas interpessoais induzem a sentimentos negativos, como raiva aumentada, afeto negativo, ansiedade, medo e culpa, influenciando nos relacionamentos sociais. Além do histórico pessoal de vida das detentas, evidenciar fatores de *stress* diante dos traumas interpessoais, a cultura da prisão também contribui com o surgimento de afetos negativos, gerando raiva, ansiedade, medo, desconfiança, culminando em um quadro de *stress* advindo das “dores do aprisionamento” (Sykes, 1974) como forte influenciador de comportamentos (Montimer, 2017).

Estes fatores podem ser acrescidos também da questão das drogas e da sua abstinência (Banks, 2003), modificando comportamentos e conduzindo a dificuldades com a autoimagem, com o expressar e descarregar emoções, com a incapacidade de resolver problemas interpessoais, levando a cognições negativas (Smeijsters, Kil, Kurstjeans, Welten & Willemars, 2011).

O comportamento agressivo é entendido como “aquele que traz (...) ou impõem o risco de trazer um ataque à integridade física e/ou psíquica de um organismo” (Karli,

**Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo,
Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil**

1984 cit. por Santos, 2008, p. 103). Segundo Myers (2014), a agressividade é um comportamento físico ou verbal com intenção de causar danos, excluindo danos involuntários como o suicídio assistido e incluindo chutes, tapas, insultos, ameaças, fofocas e sarcasmos. O autor classifica a agressividade em hostil, sendo “quente e furiosa” e que movida pela raiva, apresenta o objetivo de ferir e a agressividade instrumental sendo “fria e ponderada”, a qual visa ferir como um meio para atingir outro objetivo. Assim, o terrorismo e as guerras são classificados como uma agressividade instrumental e os assassinatos, como uma agressividade hostil, advinda de explosões impulsivas e emocionais. Porém atos violentos como vingança, coerção sexual e assassinatos vindos do crime organizado, são instrumentais (Felson, 2000, cit. por Myers, 2014).

A agressão é abordada por Buss (1992) como um conceito que apresenta vários componentes, classificando a agressão em física, verbal, hostilidade e raiva, interligando aspectos instrumentais da agressão a aspectos cognitivos (Buss, 1992 cit. por Santos, 2008).

O comportamento agressivo (ou agressão) é um comportamento adaptativo, entendido como a utilização da força física ou verbal em relação a uma percepção de ameaça (Niehoff, 1999) (englobando atos que variam de acordo com manifestações típicas para cada idade, severidade e escolha do oponente) (Santos, 2008, p. 106).

Partindo de uma concepção biopsicossocial, buscar o entendimento do comportamento agressivo de mulheres em contexto prisional, perpassa pela busca do entendimento das interinfluências de várias teorias como: Teoria instintiva (instinto inato) e teoria ambientalista (influências culturais, sociais, ambientais e psicológicas) segundo Vallejo (1986, cit. por Santos, 2008). Segundo Berkowitz (1996, cit. por Santos, 2008) a agressividade pode advir de uma teoria ativa (com origem no interior do organismo, envolvendo questões neurobiológicas) ou teoria reativa (advinda da reação ao ambiente, envolvendo frustração-agressão), as duas vertentes se apresentam na teoria psicanalista.

A teoria da agressividade inclui: a teoria do instinto, a qual sofre influências neurais, genéticas (temperamentais), bioquímicas (drogas, influências hormonais); a teoria da frustração, entendida como um bloqueio a realização de um objetivo, ocasionando redirecionamentos de comportamentos agressivos em meios sociais e ataque

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

da raiva, e sofre influência da privação relativa; e a teoria da aprendizagem social que envolve as recompensas da agressividade e as influências da família, do grupo e da cultura do ambiente social (Myers, 2014).

A agressividade pode ser vista por um modelo etiológico marcado pelos instintos, sendo necessário a sua descarga para o progresso do sujeito e a autoproteção. Por um modelo psicanalítico, subdividido em teorias pulsionais, originada das pulsões, onde a autodestruição é transformada em agressão aos outros e por teorias relacionais, valorizando a natureza da relação na construção do psiquismo, aqui as relações interpessoais são fundamentais para a formação do seu *self* e suas representações. Nestas teorias a agressividade é reativa a uma situação de sofrimento (Santos, 2008).

Santos (2008) relata que Winnicot ao abordar a agressividade defende a interação entre a pulsão agressiva e o comportamento agressivo, sendo o ato agressivo entendido de forma não isolada, buscando-se sempre uma compreensão das origens intencionais da agressividade. “Para Winnicot a agressividade pode ser uma reação a frustração ou por outro lado ser uma fonte de energia do indivíduo” (Santos, 2008, p.97). Nas palavras de Winnicot (1987) “Amor e ódio constituem os dois principais elementos a partir dos quais se constroem as relações humanas. Mas amor e ódio envolvem agressividade. Por outro lado, a agressão pode ser um sintoma de medo” (p. 89).

Segundo Santos (2008), as causas originárias de um comportamento agressivo residem na frustração e na ameaça de perigo, segundo a teoria da frustração de Dollard em 1939, nesta teoria a frustração induz a agressão e a agressão implica a existência de uma frustração. Segundo esta perspectiva, as limitações corporais estão na origem das frustrações, fato este que nos remete as “dores do aprisionamento” e ao universo de comportamentos agressivos no contexto da prisão. Diante de algumas entre as várias teorias sobre o comportamento agressivo, pode-se ratificar a sua natureza multifatorial.

Ao reportar sobre o comportamento suicida dentro da prisão, este é abordado como proveniente de um conjunto de fatores de *stress*, porém é apontado a vulnerabilidade das detentas em risco e o próprio aprisionamento como fator da precipitação da autoagressão. Assim, ocorre uma intervenção de fatores sociais, ambientais, de personalidade e da saúde mental, em relação a etiologia do comportamento suicida, onde o isolamento social, a desesperança e baixa autoestima, são citados como

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

influenciadores (Marzano et al. 2011). Segundo Sinapius (2013), a falta de autonomia, de privacidade, a exclusão social e a falta de liberdade, são pressões que levam a uma alta taxa de suicídio em prisões masculinas.

Myers (2014) reporta sobre a influência do grupo no comportamento, que pelo “contágio” social podem ampliar tendências agressivas. Como exemplo relata sobre os jovens com tendências antissociais, que encontram no grupo a sua identidade social de gangues. Remetendo esta influência do grupo, para a população da prisão, esta pode refletir uma identidade de grupo, onde “À medida que a identidade de grupo se desenvolve, aumentam as pressões da conformidade e a desindividuação” (Staub, 1996 cit. por Myers, 2014, p. 301).

Enquanto reforma da cultura da violência, Myers (2014) cita as ideias de Freeh (Diretor do FBI- *Federal Bureau of Investigation* em 1993), ao relatar que o crime e a desordem advindas da pobreza, da criança não amada e do abuso de drogas, não podem ser resolvidos apenas com prisões e o cumprimento de penas.

2.2.2. Autoestima

A autoestima representa um aspeto avaliativo do autoconceito e consiste num conjunto de pensamentos e sentimentos referentes a si mesmo. Pode apresentar uma orientação positiva de auto aprovação ou negativa de depreciação sobre si mesmo, nesta concepção, a autoestima é a representação pessoal dos sentimentos gerais e comuns de autovalor (Hutz & Zanon, 2011).

O processo de definição do “*self*” em mulheres detentas, perpassa pelo seu histórico de trauma interpessoal de abuso físico e / ou sexual que contribui para problemas de autoestima, podendo levar a formas variadas de luto, raiva e depressão (Gibbons, 1997). Outro fator que influencia na busca da construção do “Eu”, refere-se as perdas provocadas pelo confinamento, envolvendo as perdas físicas pela separação de seus entes queridos e de seu *habitat* cultural, as perdas da independência econômica e de autonomia, vindo a provocar sentimento de tristeza, baixa autoestima, desamparo, desesperança, pessimismo, desespero total e inutilidade (Gibbons, 1997).

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

A insegurança nas relações de apego é citada por Roberts e colaboradores (1996, cit. por Pylvänäinen & Lappalainen, 2018) como fator que propõe atitudes disfuncionais em relação ao *self* e baixa autoestima, vindo a produzir uma vulnerabilidade à depressão. Em relação a depressão, suas teorias evolutivas interpretam a tristeza e o mau humor como uma dor social, e consideram a exclusão social como um gatilho para essa dor (Eisenberger, 2012; MacDonald & Leary, 2005; Rosenströmet al., 2013 cit. por Pylvänäinen & Lappalainen, 2018).

Sendo o espaço da prisão definidor de estigmas (Goffman, 1963), onde a mulher detenta está desacreditada perante a sociedade, com suas definições sociais e legais de falhas e deficiência, construir definições sobre sua identidade social e de si mesmo, é uma luta contra um histórico de vida infeliz, miserável e traumático (Gibbons, 1997).

Segundo Gibbons (1997) a autoestima em contexto prisional é marcada duplamente, pela influência da baixa autoestima gerada por circunstâncias que existiam na vida fora da prisão e pelo próprio ambiente da prisão. A falta de controlo sobre a própria vida, é citado como indicativo de baixa autoestima, evidenciando a necessidade de senso de responsabilidade e autonomia em programas reabilitadores na prisão (Hardesty, Hardwick & Thompson, 1993 cit. por Estino & Palmer, 1998).

Estudos relatam que pessoas estigmatizadas apresentam baixa autoestima e apontam como consequências negativas para os indivíduos estigmatizados, a internalização do estigma, que ocorre à medida que o indivíduo se torna consciente de sua condição e passa a concordar com esta, aplicando estereótipos negativos a si próprio (Corrigan, 1998; Corrigan & Watson, 2002 cit. por Felicissimo, Ferreira, Soares, Silveira & Ronzani, 2013). Pessoas que pertencem a uma categoria socialmente desvalorizada desenvolvem um sentimento de vergonha, vindo a despertar conceitos negativos sobre si mesmo, induzindo a internalização do estigma e a diminuição da autoestima, fatores estes que prejudicam as relações sociais (Felicissimo et al. 2013).

A autoestima, entendida através da forma como as pessoas se veem e sentem-se confortável com si mesmo e em interação com outras pessoas, é estudado em vítimas de violência sexual, buscando relacionar grupos de autoestima alta e baixa com este tipo de violência (Riazi, Alaei, Emamhadi, Nazparvar, & Salmani 2017). Este estudo relata sobre pesquisas onde as mulheres com baixa autoestima, apresentam uma diminuição do seu

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

poder defensivo enquanto vítima, pela passividade, dependência, falta de autoconfiança, presença de maus pressentimentos sobre si, sua família e seus papéis sociais (Khosravi, Raghibi, & Nikmanesh, 2012 cit. por Riazi et al. 2017). Karsli, e Anli (2011), citam a baixa autoestima devido à vulnerabilidade, problemas sociais e comportamentos de alto risco (cit. por Riazi et al. 2017). No estudo de Kim, Park e Park (2017), adolescentes que sofreram abuso sexual apresentaram baixa autoestima (cit. por Riazi et al. 2017).

Importante reassaltar que mulheres com baixa autoestima podem definir-se mais em termos de suas relações com os outros e, portanto, estão menos dispostas a abandonar essas relações, mesmo no caso de crimes que incluam violência interpessoal (Katz et al., 1997 cit. por Cardi et al. 2007). Diante deste fato, percebe-se que a dimensão da personalidade autoestima em mulheres com histórico de vitimização, frequentemente é caracterizada como tendo baixa autoestima (Freedman & Enright, 1996; Katz, Street, & Arias, 1997 cit. por Cardi et al. 2007).

Esta correlação entre um histórico de violência sexual e a baixa autoestima, em muito pode referir-se a mulheres detentas (Gibbons, 1997), uma vez que esta população é muito caracterizada pelo histórico de violência sexual vivida fora e dentro da prisão (Assis & Constantino, 2001; Banks, 2003; Voorhis, 2013).

Voorhis (2013), aponta a auto eficácia como um fator de risco sensível ao gênero para o comportamento ofensivo. Diante da correlação entre a confiança em alcançar metas e o aumento da autoestima, ambas são estudadas como pontos fundamentais, a ser internalizado nas mulheres detentas, como forma de tratamento correccional em programas para reabilitação (Voorhis, 2013). A influência da autoestima intimamente relacionada a auto eficácia no comportamento ofensivo, tem sido sugerida como desempenhando um papel fundamental em propostas para o empoderamento feminino (Rumgay, 2004 cit. por Voorhis, 2013).

As intervenções que almejam mudanças comportamentais de criminosos, devem abordar a autoestima para serem bem-sucedidas, devido a melhoria da autoestima aumentar a capacidade de aprendizagem, o empoderamento e a competência para mudar a vida (Smeijsters, Kil, Kurstjeans, Welten & Willemars, 2011). Assim, projetos que visam mudança comportamental devem buscar melhorar a autoestima, regular a raiva e desenvolver um comportamento social e responsável (Smeijsters et al., 2011).

2.2.3. Vivência e imagem do corpo

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

A imagem corporal é entendida como “The picture of our own body which we form in our mind, that is to say, the way in which the body appears to ourselves” (Schilder, 1950, p. 11 cit. por Grogan, p. 1, 1999) sendo esta construção não apenas um constructo cognitivo, mas também um reflexo de atitudes e interações com os outros (Schilder, 1950 cit. por Grogan, 1999). As imagens corporais são construídas dentro de uma proximidade espacial dos corpos e suas trocas de experiências, onde se incorpora também as imagens corporais das pessoas com quem se convive, ressalta-se neste ponto a influência do fator emocional nas trocas afetivas em meios sociais (Barros, 2005). Neste contexto “a imagem é um fenômeno social ...pois há um intercâmbio contínuo entre nossa própria imagem e a imagem corporal dos outros” (Schilder, 1999, p. 240-51, cit. por Barros, 2005).

Barros (2005) reporta que segundo Schilder (1999), a imagem corporal se constrói a partir de um corpo não isolado pelas possibilidades criadas na existência social, este fato evidencia a sua característica integrativa, influenciada por estruturas fisiológicas, emocionais e socioculturais, culminando desta interação uma imagem corporal individual, construída a partir da relação com várias pessoas. Schilder considera a imagem corporal um fenômeno multifacetado, sendo analisada e influenciada pelos estudos do orgânico, da *psique* e do social (Barros, 2005; Hanley, 2004). Assim fatores fisiológicos, neurais, sociais e emocionais são influenciadores na construção da imagem corporal (Barros, 2005).

Em síntese a imagem corporal se constrói pelas experiências vividas e sentidas subjetivamente no corpo, sendo multifacetada, perpassa pela própria percepção, é influenciada socialmente, constantemente modificada, sofre influência da visão sobre si mesmo a nível do corpo e da percepção do mundo e por fim, influencia o comportamento e principalmente as relações interpessoais (Barros, 2005).

Segundo Schilder “a imagem corporal, em seu resultado final, é uma unidade. Mas essa unidade não é rígida, e sim passível de transformações” (Schilder 1999, p. 125 cit. por Barros, 2005, p. 552). A unidade a que Schilder refere-se, retrata sobre a união das diversas relações e experiências que o indivíduo desenvolve ao longo de sua vida, buscando atribuir sentidos a estas experiências pela sua totalidade corporal e imagética, em transformações constantes (Barros, 2005).

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

No contexto da prisão, podemos evocar o conceito de imagem corporal grupal (Schilder, 1977), no sentido de que, as ações e reações nas relações sociais contribuem para a estruturação individual de cada um (Schilder, 1977 cit. por Secchi, Camargo & Bertoldo, 2009). Assim evidencia-se em contexto prisional, o quanto as influências da existência social na cultura do presídio, podem intervir para a imagem corporal individual de cada detenta.

Segundo Pylvänäinen (2003, cit. por Pylvänäinen & Lappalainen, 2018), a imagem corporal é constituída por várias dimensões: pelo aspeto das propriedades da imagem, que envolvem pensamentos e valores relacionados com a aparência física, pelo corpo que interage com o ambiente, pelo corpo-*self* constituído pelas informações sensoriais e perceptivas, e por fim, pela memória do corpo, enquanto armazenamento das informações auto apropriadas. Casey (1987), particulariza ainda a memória do corpo, referindo que esta pode ser habitual, traumática e erótica/ prazerosa, aonde a memória corporal armazena a integração, as capacidades e as disposições que são moldadas no corpo e no sistema nervoso através das experiências de vida (Casey, 1987 cit. por Pylvänäinen & Lappalainen, 2018).

O corpo, portanto, transforma-se em um palco de imagens corporais construídas.

E as descobertas que temos de nós mesmos vão se revelando a partir do instante em que nos reconhecemos como um ‘ser’ que reage às diversas inter-relações estabelecidas pelos mesmos corpos que tentam realizar a busca pela compreensão da existência de imagens – a busca por sua própria existência (Barros, 2005, p. 553).

Atualmente a imagem do corpo feminino está associada a idealizações que perpassam pelo belo, saudável e jovem, onde o corpo magro virou uma obsessão, enquanto provedor de confiança, autoestima positiva e indicador de aceitação e pertença social (Grogan, 1999). Em busca desta imagem a indústria da beleza fortalece-se, entre dietas, exercícios, cosméticos, plásticas e vestimentas, que tentam intervir na satisfação ou insatisfação corporal das mulheres (Andrade, Barbosa & Bagni, 2018; Grogan, 1999).

Sendo a imagem corporal socialmente construída, deve ser investigada e analisada dentro de seu contexto cultural (Grogan, 1999), assim ao remeter para a cultura do presídio, onde não há acesso à *media*, não há espelhos, cosméticos, vestimentas

**Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo,
Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil**

femininas, onde há pouca atividade física e onde as relações sociais são restritas e as memórias do corpo traumáticas, surgem incógnitas sobre a construção da imagem corporal em mulheres detentas. O estudo de Andrade, Barbosa e Bagni (2018), aponta que mulheres em confinamento, podem apresentar outros padrões de referência para a construção do corpo adequado e desejável, podendo levar ao abandono do autocuidado e a outros riscos para a saúde mental e corporal.

Segundo Sykes (1958), a autoimagem de prisioneiros é atingida por algumas dores do aprisionamento, obtendo sua identidade pela ausência da convivência com a sua polaridade feminina e também devido as severidades dos regulamentos que criam um *status* de indefesa, fraqueza e dependência induzindo um sentimento de desamparo vivido na infância.

A satisfação corporal remete a estereótipos construídos socialmente e pela *media*, onde a aparência pode ser entendida como símbolo de ordem ou desordem pessoal. Neste contexto são construídos ideais de corpos magros, onde a idealização da magreza objetiva o corpo firme e contido, ou seja, um corpo mantido sob controle (Grogan, 1999).

Assim, são construídos preconceitos que determinam o excesso de peso na vida adulta como classificatório de pessoas menos ativas, inteligentes, trabalhadoras, bem-sucedidas e populares que as pessoas magras. Indivíduos fora dos padrões, são vistos pelo estereótipo negativo de pouca atratividade, sociabilidade e popularidade (Grogan, 1999).

A imagem corporal segundo Caldwell (2016), “Body image, defined as ‘an internal representation of an individual’s own physical appearance’” (p. 223). Para a autora citada esta abordagem faz surgir a necessidade de compreensão da identidade corporal construída pela identidade narrativa, aonde nossa identidade se constrói pela comunicação de nossa experiência, para nós mesmos e para os outros, sendo a identidade narrativa “to the stories people construct and tell about themselves to define who they are for themselves and for others ... our narrative identities are the stories we live by” (McAdams et al., 2006, p. 4 cit. por Caldwell, 2016, p.223). A identidade narrativa defende que nosso senso de nós mesmos é múltiplo, adaptativo e situacional, assim a identidade corporal nasce de um corpo em movimento, inconstante e expressivo, um corpo que narra pela postura, gesto e comunicação não verbal (Caldwell, 2016).

A identidade corporal é a identidade central de um indivíduo, a partir da qual outras identidades são construídas. Sendo gerada, preservada e encenada pelo corpo, através de relações explícitas e implícitas com a sensação, movimento, processos

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

fisiológicos, relacionamentos, interações e consciência corporal da emoção. A identidade corporal ocorre ao longo da vida e é mutável, múltipla, não verbal, relacional, situacional e social. A identidade cognitiva é construída dentro da infraestrutura da identidade corporal e envolve narrativas verbais reforçadas que podem ou não se harmonizar com as narrativas corporais. As narrativas corporais, embora influenciadas por memórias corporais, ocorrem no momento presente e podem registrar o passado, descrever o estado atual ou revelar as intenções para o futuro, sendo assim afirmações corporais (Caldwell, 2016).

Sendo a imagem corporal a representação mental dessa identidade corporal, cabe ressaltar as principais características da imagem do corpo para a teoria de Schilder (1935/1978) como: a construção dinâmica, o caráter plástico da imagem corporal e o papel do movimento (cit. por Hanley, 2004). Sobre a plasticidade da imagem corporal, refere-se à capacidade de identificação e incorporação de partes do corpo de outras pessoas, inclusive das imagens que construímos desde a infância. Sendo influenciada pelos contextos particulares vividos ao longo da vida, é ilimitada e contínua. Em relação a sua motilidade, ou seja, seu movimento, relata que o corpo em movimento possibilita uma maior percepção dele mesmo e uma comunicação com o mundo exterior. Ressaltou a importância do plano antecipado do movimento pela sua representação antes de sua execução, aonde o esforço cognitivo envolvido no início do movimento, depende das referências organizadas pela imagem corporal, e a construção contínua da imagem corporal é correspondentemente dependente do movimento corporal. Neste ponto a memória cenestésica é fundamental para a motilidade pela consciência corporal (Hanley, 2004).

Em relação ao caráter plástico da imagem corporal, Schilder fala do corpo construído ou imagem corporal dinâmica, como uma manifestação psicofisiológica que se apresenta pelo "inconsciente e pelo "homúnculo", enquanto fenômeno associado ao desenvolvimento do cérebro (Hanley, 2004).

[The] body image becomes conscious by reference to itself; it is its own frame of reference... Through this ever-changing dynamic image th brain creates a conscious world of extraordinary variety, organizing stimuli dynamically in its terms. It is to this dynamic image that stimuli are referred (self-reference) and in

terms of which they “make sense”. The qualitative richness of each person’s perceptual world is created by the dynamic qualities of his or her body image; Without it there would be no world that anyone could know. (Rosenfield, 1992, p.49 cit por Hanley, 2004, sp).

Diante de uma imagem corporal marcada por estereótipos negativos atribuídos ao corpo fora dos ideais de magreza, propagados pela cultura, *media* e indústria da cosmética, Grogan (1999) relata sobre mulheres que apresentam depressão, ansiedade e pouca autoconfiança, advindas da construção de sua imagem corporal fora dos padrões estéticos vigentes, onde ser magro torna-se fundamental para aumentar a confiança e a autoestima.

Trazendo essa realidade para o contexto das mulheres detentas, surgem incógnitas sobre a construção de sua imagem corporal em relação as suas características físicas e a influência desta imagem corporal construída em contexto prisional, nos aspectos comportamentais dentro da prisão. Andrade, Barbosa e Bargni (2018), em seu estudo sobre mulheres privadas de liberdade, relatou “em relação ao corpo desejado, que 83,8% das mulheres, almejam estar acima do peso e 40% das mulheres obesas desejam manter o tamanho do corpo ou ainda aumentá-lo” (p. 381). Desse modo, evidenciou-se que a imagem corporal e o referencial de corpo ideal no ambiente da prisão são construções complexas, indo para além de um corpo belo e esguio tradicionalmente desejado pela maior parte das mulheres na sociedade em geral.

2.3. Intervenções terapêuticas e expressivas em contexto prisional

Segundo Voorhis (2013), as intervenções ao nível da reabilitação de comportamentos ofensivos devem ser direcionadas no sentido da promoção da empatia, auto eficácia e confiança, através da construção de ambientes baseados na segurança, respeito e dignidade, que possibilitem a mudança perante as vivências traumáticas desta população. Privilegiando a dimensão relacional destas mulheres, deve-se abordar as suas necessidades de forma não isolada, promovendo serviços abrangentes, integrados e culturalmente relevantes.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

As intervenções sensíveis ao gênero devem desenvolver diferentemente, entre outros aspetos, a possibilidade de gestão do trauma, através da promoção da imagem corporal, auto eficácia, autoestima, vivência da sexualidade, controle da agressividade e, do comportamento antisocial, numa perspectiva de desenvolvimento de relações saudáveis e busca da saúde e bem-estar (Voorhis, 2013).

A área das terapias artísticas e criativas tem desenvolvido intervenções e programas com populações em contexto prisional ou infratores noutras instituições, procurando intervir em problemas centrais como a autoimagem, o expressar e descarregar emoções, a incapacidade de resolver problemas interpessoais, cognições negativas, consciência corporal, competência social, agressividade, autoconhecimento, respeito aos outros, depressão e outros (Batcup, 2013; Koch et al, 2015; Santos & Barreiros, 2015; Smeijsters et al. 2011; Stanley, 2015). Neste intuito a co-criação advinda das artes, por múltiplas vias, como sejam a da dramaterapia, da musicoterapia, da arteterapia e da dança/movimento terapia procuram afetar e impactar o Eu central e a sua autoconsciência central (Smeijsters, et al. 2011).

As várias abordagens das terapias artístico-expressivas podem ser muito úteis para fortalecer fatores de proteção atuando em áreas problemáticas como a falta de expressão emocional e empatia, alta tensão emocional, impulsividade, falta de limites interpessoais e agressão destrutiva. Esta proteção advém de estímulos provenientes do envolvimento no trabalho em conjunto, da criação de vínculos emocionais e da criação de personalidades mais flexíveis (Koch et al, 2015; Stanley, 2015; Smeijsters et al. 2011).

Como impacto destas abordagens são citadas: a redução da raiva, tensão, *stress*, distorção cognitiva e melhorias no controlo de impulsos, expressão emocional, habilidades de enfrentamento, cumprimento de regras, entre outros (Batcup, 2013; Koch et al., 2015; Santos & Barreiros, 2015; Smeijsters et al., 2011; Stanley, 2015). Neste contexto e mais especificamente, o drama é citado como importante no trabalho com a raiva e impulsos violentos, a música como promotor da autoestima positiva, respeito pelo grupo, auto-organização, relaxamento, regulação da raiva e controlo da impulsividade (Smeijsters et al., 2011). A arteterapia é citada como forte contribuinte na diminuição da depressão e ansiedade, e como motivadora para o estabelecimento de relacionamentos positivos (Smeijsters et al., 2011).

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Em relação à dança/movimento terapia alguns estudos referem indícios de um pequeno efeito positivo na autoimagem e um efeito positivo médio ao nível da ansiedade. (Ritter & Graff Low, 1996, cit. por Smeijsters et al., 2011).

Batcup (2013) nos seus estudos, refere-se ao importante papel da dança na forma de pensar e encontrar saída para dilemas existenciais, realçando a dança/movimento terapia em contexto forense como transformadora ou comunicante de fatos não possíveis de descrever em palavras, relativamente à dor emocional, conflitos e traumas.

As dançoterapeutas Meekums e Daniel (2011) destacam as psicoterapias artístico-expressivas como promotoras da ativação e alfabetização emocional, bem como na qualidade de vida. Seibel (2008), reporta a necessidade de criar segurança, estimulando a confiança nas mulheres detidas, onde não existe confiança, seja esta confiança em si mesmo, no outro, no momento, na direção da intervenção e possibilitando o confiar no processo do grupo.

Segundo Seibel (2008), ao final de cada sessão de terapia de dança, “the women seemed visibly different. They were consistently appreciative, more communicative, more related, with their muscle tone relaxed and their interpersonal skills improved. Hostility and sarcasm had melted, replaced by calm expressions of gratitude” (p. 108).

Smeijsters et al. (2011), descrevem que a dança/movimento terapia procura atuar mais frequentemente, em problemas centrais como a autoimagem e emoção. Neste contexto são citados benefícios na intervenção após trauma, através do trabalho de espelhamento, do reduzir a sensação de solidão e ajudar a eliminar parte da dor por meio de rituais de movimento (Levy, Ranjbar & Hearn Dean, 2006 cit. por Smeijsters et al., 2011). No trabalho sobre a agressão, a dança/movimento terapia também pode promover a expressão de sentimentos de maneira mais adequada. Sendo a expressividade realçada pelo poder de liberar emoções e pela possibilidade de regulação da raiva e agressão (Koshland, Wilson, & Wittaker, 2004 cit. por Smeijsters et al., 2011).

Em síntese, o processo de arte sugere pela expressão, mudanças de sentimentos no Eu nuclear e na exploração de novas formas de sentir e se comportar, atuando nos “problemas centrais” da autoimagem, emoções, interação e cognições enquanto fatores de risco para comportamento ofensor (Smeijsters et al., 2011).

A arte na prisão é retratada por Sinapios (2013), como uma opção para entrar em um mundo alternativo, abrindo espaço para o imaginário, ao romper com as fronteiras

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

para além da vida cotidiana na prisão. Cita que através de um diálogo criativo com as artes, produz um espaço de expressão individual, promovendo e desenvolvendo confiança. Em relação a arte da dança, relata seu efeito de livre circulação no espaço da prisão, influenciando nas percepções temporais, espaciais e corporais pelo movimento, criando espaços para processos de mudanças (Sinapios, 2013).

A arte no espaço prisional tem sido evidenciada como de forte impacto nos diferentes níveis pessoal, interpessoal e social (Mullen,1999). A autora defende a implementação de aulas de arte e bem-estar com mulheres presidiárias, nomeadamente através do movimento, artes plásticas e escrita criativa, citando entre outros objetivos a consciencialização pessoal e aprendizem sobre si mesmo através do processo criativo; no seu programa as detentas referiram precisar diminuir o nível de *stress*, expressar emoções e crescer pessoalmente. Este mesmo estudo refere que após o programa de intervenção, foi relatado pelas mulheres o aumento dos níveis de conforto e confiança, disposição em olhar para dentro para abordar questões difíceis e a capacidade de sentir emoções que tinham sido reprimidas ou esquecidas (Mullen, 1999). Relata ainda que seu programa de arte foi visto como "atravessando a linha" ou ultrapassando os limites, do ponto de vista das autoridades prisionais, que confundiram expressão artística com conduta desordeira (Mullen, 1999). As maiores dificuldades em relação a implementação de aulas de dança na prisão, foram relatadas por Montimer (2017) referindo -se às hierarquias sociais, aos relacionamentos, ao ambiente físico e à cultura do presídio.

Estudos destacam que o papel principal da arte e da dança dentro das prisões é proporcionar experiências de aprendizagem positiva e reabilitadora para os prisioneiros (Montimer, 2017). Vários programas artísticos nas prisões, apontam a importância de um espaço para a tomada de decisões, evitando o surgimento da depressão, ansiedade e *stress* (Wooldredge, 1999/2006, cit. por Montimer, 2017). Ratificando-se que, pela promoção da sensação de significância e controle nas aulas de dança, os prisioneiros podem ter oportunidades de tomada de decisão dentro do ambiente prisional (Montimer, 2017).

Outro ponto evidenciado, diz respeito ao significado da possibilidade de construir relacionamentos dentro de uma aula de dança, devido ao trabalho em grupo ajudar a estabelecer relações positivas, promovendo a interação social e podendo fornecer um sentimento de significância e pertença (Montimer, 2017).

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

A arte na prisão é defendida como uma possibilidade para ajudar os prisioneiros a encontrar através da criatividade, elementos saudáveis dentro de si mesmo e a dar forma e expressão a cognições positivas (Milliken, 2002). Neste contexto o poder criativo e expressivo das artes é apontado como possibilidade de cura e reabilitação, por proporcionar a expressão de sentimentos como raiva, medo, frustração e conseqüente transformação (Milliken, 2002). Pesquisas apontam que programas artísticos nas prisões, contribuem para redução do comportamento violento e na diminuição da reincidência, apontando mesmo uma redução de 75% nos problemas disciplinares, devido, entre outras influências da vivência artística, também ao seu envolvimento corporal, com conseqüências no controlo de impulsos, auto regulação, libertação apropriada de tensão e interação grupal (Milliken, 2002).

Embora o trabalho de Milliken (2002) tenha desenvolvido a arte da dança com uma população masculina de detentos, os seus dados são relevantes para este estudo com a população feminina. A autora refere que os detentos dizem sentir uma mudança interior, sentirem-se mais calmos, mais focados, mais felizes, falam também de uma sensação de harmonia e aceitação, de pertença ao grupo, de um sentimento de libertação, em oposição aos antigos comportamentos e sentimentos de isolamento e solidão. Assim antigos comportamentos antissociais, refletidos em metáforas de movimento (tais como ação impulsiva perda de controle, retraimento), podem ser transformados em novos comportamentos e respostas, praticados em estruturas de movimento como: ação lenta, contato visual voluntário e regulação da libertação da tensão, processo descoberto, explorado e reforçado pela energia e atitude do grupo (Milliken, 2002).

Segundo Meekums e Daniel (2011), as oportunidades criativas decorrentes das terapias artísticas melhoram a qualidade de vida dos ofensores, promovendo um efeito positivo, humanizador e curativo. Verifica-se a ocorrência de um aumento na alfabetização emocional, entendida esta como a capacidade de uma pessoa saber o que sente, de conseguir expressar esses sentimentos e também apresentar empatia pelos sentimentos dos outros (Park, 1996, cit. por Meekums & Daniel, 2011). As autoras referem ainda algumas questões metodológicas nomeadamente a riqueza nos evidenciada em seus estudos, decorrente da comparação da pesquisa quantitativa com pesquisas focadas em relatos experienciais, salientando que ambas ressaltam questões referentes a qualidade de vida, entusiasmos e inteligência emocional com ofensores. Por fim ressaltam

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

também a melhoria da saúde mental do agressor e o aumento da alfabetização emocional, ligando esta à capacidade de empatia e à gestão de sentimentos difíceis como a raiva. Estes estudos evidenciam assim o potencial das artes em prisões, com impacto tanto para o comportamento ofensivo como para a gestão do ambiente da prisão (Meekums & Daniel, 2011).

Em contexto prisional Leonido e Montabes (2010), citam o bem-estar advindo do trabalho com as artes e defendem a ampliação e implementação de formação em arte dentro dos estabelecimentos prisionais portugueses. Relatam ainda que, primeiramente o teatro seguido da música são as artes mais abordadas dentro das prisões portuguesas.

A abordagem da dança como elemento disciplinador e reabilitador em prisões é citado por Williams (2013), ao relatar a diminuição de surtos de violência, uma melhora da saúde e uma considerável diminuição nas taxas de reincidência entre detentos masculinos. Williams (2013), descreve ainda que o poder de transformação dos detentos ocorre devido à disciplina promovida de forma prazerosa e não uma disciplina mantida por punições. Deste modo, a dança pode promover efeito disciplinar como um programa inovador, contribuindo para uma melhora da coesão social dentro do presídio.

Ainda sobre a influência das artes em ofensores, Milliken (2002) e Montimer (2017) citam o desenvolvimento do sentimento de pertença a grupos e Wilson (2013), retrata o empoderamento e seu poder de cura através do sentimento de comunidade pela criação coletiva, onde as mulheres detentas e estigmatizadas nos mas-mídia como violentas, podem pelas artes, nomeadamente pelo teatro encontrar transformação e cura das suas dores. Nesta perspetiva o desempenho teatral pode ser empoderador pelas representações autênticas e narrativas verídicas de mulheres encarceradas, vindo a desmistificar estigmas propagados sobre estes seres humanos.

Socialmente, as implicações da terapia pelas artes expressivas no contexto prisional apontam, segundo Santos e Barreiros (2015), para uma reintegração mais bem-sucedida, resultante da aquisição de recursos de solução de problemas de uma forma mais alternativa e criativa.

2.3.1. A Dança criativa e o movimento expressivo

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

A dança relatada em seu contexto histórico, remete a uma íntima relação entre o homem e as diferentes formas e sentidos atribuídos a dança. Partindo desde a abordagem funcional e sagrada de uma dança, que expressava uma unidade orgânica do homem com a natureza na pré-história, passando pela abordagem da dança espetáculo e profana ligada aos prazeres estéticos da contemplação do belo, pela materialização e estilização do *ballet* clássico e por fim chegando à busca de uma dança expressionista, a dança moderna do início do século XX, onde ressalta todo o poder de comunicação da dança, via exploração de todas as possibilidades expressivas do corpo dançante (Bourcier, 1987; Faro, 1986; Portinari, 1989). Segundo Garaudy (1980) “Dançar é vivenciar e exprimir com o máximo de intensidade, a relação do homem com a natureza, com a sociedade, com o futuro e com os seus deuses” (p. 14).

Na busca desse corpo expressivo pela dança, evidencia-se o surgimento da dança moderna, não como uma manifestação que conta uma história de forma descritiva, como a mímica por exemplo, mas sim como uma manifestação projetiva, induzindo a uma experiência não redutível às palavras, onde os movimentos partem de dentro do corpo, enquanto expressão de um significado interno (Garaudy, 1980).

A dança moderna, fazendo do corpo inteiro, centrado em si mesmo, um instrumento controlado de expressão e de criação, deu novamente a arte e, em particular a dança – a única arte em que o próprio artista se torna obra de arte, como disse Nietzsche – seu papel mais importante: desenvolver uma atividade que não é outra senão a própria vida, porém mais intensa, mais despojada, mais significativa (Garaudy, 1980, p. 52).

Para Isadora Duncan, uma das precursoras da dança moderna no início do século XX, a sua dança era uma “arte de libertação” na luta contra as instituições e os costumes opressivos. Pregava a ideia do indivíduo fundido ao todo, onde o corpo inteiro segue o impulso que vem da alma, onde se faz presente o êxtase dionisíaco (Garaudy, 1980).

A dança livre de Isadora Duncan foi influenciada pelos pensamentos de François Delsarte, importante estudioso das relações entre os gestos e as emoções. Para ele, as emoções são transmitidas principalmente pelo tronco, sendo a liberação desta parte do

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

corpo uma das características mais importantes da dança moderna em rompimento com o modelo de dança clássica. Outras características libertadoras do movimento corporal da dança moderna são dançar com os pés descalços, trabalhar contrações e relaxamento musculares, torções e desencaixe da anca (Bourcier, 1987; Garaudy, 1980; Portinari, 1989).

Além de Isadora Duncan, Ruth St. Denis, Ted Shaw e Martha Graham também foram nomes importantes para a criação da dança moderna nos Estados Unidos. Esse movimento também aconteceu na Alemanha com Mary Wigman que teve forte influência de Rudolf Laban, sendo este de suma importância para pesquisas relacionadas com o estudo do movimento corporal (Bourcier, 1987; Garaudy, 1980; Portinari, 1989).

Mary Wigman foi uma das fundadoras da dança expressionista. Ela encorajava seus alunos a encontrarem sua própria individualidade, não copiando, mas sentindo o movimento. Sua dança culminava num improviso onde as paixões, temores e cóleras humanas atribuíam maior expressividade aos movimentos (Garaudy, 1980). Para Mary Wigman, a dança leva a tomada de consciência dos impulsos obscuros que estão dentro do indivíduo (Bourcier, 1987).

Na busca do entendimento do movimento expressivo, torna-se fundamental falar de Rudolf Laban. Este estudioso do movimento tinha como meta exprimir as emoções dos movimentos do corpo humano, onde os sentimentos interiores poderiam se manifestar exteriormente, revelando pelo movimento o caráter de quem o realiza (Garaudy, 1980).

Assim segundo Bourcier (1987), Laban entendia a dança como

o meio de dizer o indizível, da mesma forma que a característica da poesia é ultrapassar o sentido estrito das palavras. Acredita que a dança seja um meio de introspecção profunda: revela ao homem suas tendências fundamentais; a partir desse ponto projeta-o para o futuro, fazendo-o pressentir sua personalidade virtual, que poderia realizar até o fim de suas pulsões. A dança é transcendência do homem (Bourcier, 1987, p.295).

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Diante desta sintética abordagem histórica, percebe-se a arte da dança para além da expressão pessoal e do controlo de si mesmo, apresentando-se como um meio de comunicação, a qual precede a consciência da existência do outro e da comunidade na qual o indivíduo percebe sua existência (Garaudy, 1980).

A partir desse entendimento da dança expressiva e comunicativa, surgem estudos sobre o poder da dança enquanto reabilitador das dores existenciais humanas via sua abordagem terapêutica (Chaiklin & Wengrower, 2009; Hanna, 1995; Levy, 1988; Ritter & Low, 1996; Victoria, 2012), em múltiplas abordagens teóricas e metodológicas e mesmo de designação, em torno da Dança/Movimento Terapia procurando todas elas genericamente a promoção da integração emocional, cognitiva, física e social do indivíduo.

Segundo Oberem (2016), Mary Wigman explorou a criatividade, improvisação e expressão emocional na dança, aproximando assim a dança de processos inconscientes e dos estudos da psicanálise. Seus fundamentos para a dança expressiva e improvisada buscava estudar a psicodinâmica do inconsciente em conjunto com o trabalho sobre o corpo sensorial. Neste contexto, Wigman passou a ser vista como precursora do campo emergente da dança/movimento terapia, propagando uma forma de dança autêntica, que posteriormente influenciou a primeira geração de dança / movimento terapeutas nos EUA, como Mary Whitehouse e vários outros.

A dança/movimento terapia segundo Chaiklin e Wengrower (2009), segue as seguintes teorias básicas:

1. The human being is a bodymind unity and dance/movement is its manifestation.
2. Gesture, posture, and movement express the person and allow for self knowledge and psychotherapeutical change.
3. Acknowledgment of the therapeutical effects of the creative process.
4. Dance and movement are utilized as a way to the unconscious and as a facilitator of different aspects of health and well-being.
5. There is a differentiation between the work done with an artist or dance teacher and that by a therapist. For us, dance is at the servisse of promoting health and change.
6. Dance therapists establish contact, plan treatment and

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

evaluate it in terms of integrated knowledge of movement, dance, and psychotherapy (p. xvi)

Um possível caminho no processo terapêutico pela dança, passa pela sua comunicação por imagens, estas traduzidas por metáforas simbólicas, podendo ser observado na improvisação, expressão de dança e movimento autêntico. Este caminho foi abordado nos estudos de Samaritter (2009), sobre o movimento criativo em pessoas com problemas de identidade, adições, transtorno de stress pós-traumático, ansiedade e problemas de humor. Na perspectiva da dança/movimento terapia (DMT), o movimento pessoal de simbolização de um indivíduo pode ajudá-lo a expressar seus sentimentos interiores (Samaritter, 2009; Victoria, 2012).

Importante realçar que o objetivo na terapia não é chegar a uma performance artística de dança, mas sim, enfatizar a experiência pessoal do movimento no indivíduo, o seu processo de dança "interior", podendo surgir assim o seu movimento pessoal, pela improvisação espontânea de forma imprevisível e não planeada (Samaritter, 2009; Victoria, 2012).

As inter-relações entre emoções e ambiente são intrínsecas à existência humana, de forma que a maneira como o indivíduo se sente sobre o que o rodeia, afeta profundamente o seu sentimento sobre ele mesmo e os outros (McNeur, 2008). Isto está patente nos sentimentos interiorizados em contexto prisional, que podem refletir o relacionamento entre as emoções e o ambiente em que se vive, externalizando através da ação corporal, uma relação entre o espaço físico, emocional, psíquico e espiritual.

A dança/movimento terapia enfatiza o olhar para dentro de si mesmo, buscando novas formas criativas de auto-expressão e de comunicação, abordando tanto a busca por expressões pessoais como a expressão de temáticas universais, onde os indivíduos possam expressar-se pelo movimento. A sua prática terapêutica é norteadada por um não julgamento de atitudes sobre as preferências de movimentos, procurando encorajar o desenvolvimento do próprio estilo de expressão, dando liberdade e espaço ao improvisado e incentivando a compreensão dos movimentos (Levy, 1988).

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Dentro do contexto criativo da dança, emerge uma utilização do corpo de forma ativa, agindo na postura, nas tensões que inibem a própria ação e os sentimentos, na respiração e no contacto corporal, que por via dos movimentos e gestos improvisados, podem seguir impulsos internos, que se ligam a ritmos naturais e auto expressivos do indivíduo, podendo estes movimentos serem compreendidos cognitivamente ou não, mas apresentando sempre algum sentido na vida da pessoa (Chaiklin & Wengrower, 2009). O processo de improvisação torna-se assim norteado por ações inconscientes ou pré-conscientes, assumindo sempre um significado simbólico, que podem fazer emergir comportamentos e novas formas de relacionamentos, vindo a ocorrer mudanças no indivíduo pelo estímulo da criatividade do uso do corpo, tempo e espaço (Chaiklin & Wengrower, 2009).

O ‘movimento autêntico’ propagado por Mary Whitehouse (1950), tinha o conceito junguiano de “imaginação ativa” como base para seu trabalho. Fazendo uso do movimento espontâneo do corpo, surgido a partir das sensações cinestésicas internas, os indivíduos comunicam-se de forma simbólica, estabelecendo caminhos para a autoconsciência e possíveis mudanças comportamentais. Seu trabalho era chamado de “*Movement in Depth*” (Movimento em Profundidade) e posteriormente de “Movimento Autêntico” por seus seguidores. Em síntese, sua abordagem da dança fazia uso de explorações criativas e brincadeiras naturais, trabalhando com fantasias e tendo por base a consciência corporal, escutando o surgimento de movimentos expressivos e mudanças posturais (Chaiklin & Wengrower, 2009; Levy, 1988; Stromsted, 2009).

Os seguidores do ‘movimento autêntico’ de Mary Whitehouse, defendiam esta abordagem em qualquer ambiente onde se verificasse necessidade de cura, incluindo ambientes educacionais e prisões. Procuravam levar a terapia pela dança para onde houvesse a necessidade de resolução de traumas passados e de melhorarias nas relações sociais, buscando promover relações mais positivas com os outros (Chaiklin & Wengrower, 2009).

No contexto da DMT, a criatividade é entendida como a criação de algo novo, através da conexão de ideias e fenômenos, feita pelo indivíduo na busca de encontrar soluções novas e diferentes para os seus problemas existentes. “Thus, an insight may be considered a moment of creation, or the connection stablished among aspects of personal life and feelings, thoughts, and modes of behaving” (Chaiklin & Wengrower, 2009, p.15).

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Segundo a perspectiva da dança/movimento terapia os resultados do processo criativo são psicologicamente significativos e curativos para os indivíduos envolvidos (Chaiklin & Wengrower, 2009).

A DMT teve forte influência das perspectivas de D. Winnicott, no que diz respeito aos fenômenos de transição e a criatividade. Winnicott refere-se ao processo de criação como fundamental para o desenvolvimento do indivíduo e de seus relacionamentos. Ressalta aqui o primeiro processo de simbolização, onde, pela criatividade, o bebê cria de forma representativa o substituto do seu cuidador, criando, nas palavras de Winnicott o ‘objeto transicional’, e ocorrendo assim no indivíduo o nascimento do primeiro processo simbólico de criação (Chaiklin & Wengrower, 2009).

O trabalho de introdução no mundo da simbolização através da dança e movimento criativo, torna-se um objetivo nas intervenções terapêuticas com pessoas deprimidas, ansiosas, rígidas, impulsivas e hiperativas, podendo trazer benefícios pelo processo criativo da DMT (Chaiklin & Wengrower, 2009).

Para Victoria (2012), “Movement metaphor is the communication of one’s inner state through embodied movement symbolism” (p.169). Diante desse fato, o material psicológico é representado através de gestos, posturas ou frases de movimento já simbolizados por outras pessoas. Dessa forma, a DMT apoia-se no valor terapêutico da metáfora, pela expressão de emoções pelo movimento, como uma comunicação não verbal advinda do interior do indivíduo (Victoria, 2012).

Neste contexto, o ‘movimento autêntico’ procura facilitar a entrada do indivíduo no mundo interior da sua *psique* pelo movimento natural e criativo, seguindo os recursos instintivos mais profundos da natureza humana nos níveis intrapessoal, interpessoal e transpessoal (Stromsted, 2009).

O ‘movimento autêntico’ é visto como uma prática holística que busca envolver dimensões físicas, psicológicas, espirituais, sociais, emocionais e estéticas. Em síntese, o “movimento autêntico” pode ser trabalhado de forma individual ou em grupos, e apresenta-se eficaz também enquanto uma prática meditativa em psicoterapia, através da utilização dos movimentos como uma potente fonte de expressão do indivíduo (Stromsted, 2009).

2.3.2. Expressão e criatividade

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

A dança expressiva revela factos armazenados na musculatura e /ou na mente, e externaliza-os através do corpo ação, possibilitando dessa forma a expressão de material consciente e inconsciente, proporcionando também o contorno de defesas e dificuldades de comunicação verbal e intensificar questões mais profundas da realização pessoal, onde inclusive podem ser reveladas memórias traumáticas não processadas e registadas verbalmente na parte cognitiva do cérebro (Levy, 2014).

Segundo a fundamentação teórica da dança/movimento terapia (DMT), o remeter para a relação corpo e mente, aponta indicativos de que: as informações sobre um indivíduo são reveladas em movimento; que o movimento não precisa ser consciente para ser significativo e causar mudanças; que o reportório do movimento reflete a flexibilidade psicológica e a capacidade de enfrentamento dos sujeitos; que a consciência corporal contribui para um funcionamento saudável e o controlo de dimensões cognitivas; que o movimento e a dança permitem pela expressão criativa e pela vitalidade ser curativa; e que as reações corporais refletem sempre relações interpessoais (Acolin, 2016; Victoria, 2012).

Para Hanna (1995) a dança pode proporcionar uma experiência multissensorial cativante numa pessoa, uma vez que sua combinação intrincada de movimento, ritmo e música envolve o uso simultâneo dos hemisférios cerebrais direito e esquerdo, num complexo processo de auto expressão, podendo ser mais expressivo ainda do que a linguagem verbal oral e escrita. A autora reitera a ideia de que a dança envolve não só o corpo, a emoção e a mente mas que este processo é culturalmente mediado, e que sua intervenção apresenta historicamente um poder de cura, trazendo benefícios positivos em situações transversais para a experiência de *stress* e/ou dor pela sensação de controlo que a dança proporciona. Em síntese, a dança é entendida como mais do que apenas movimento, transmitindo eventos, ideias e sentimentos como um "texto de linguagem em movimento" (Hanna, 1995).

O controlo pelo domínio do movimento da dança pode despertar a sensação de autodomínio, o que contribui para uma autopercepção positiva, uma imagem corporal e autoestima positiva e autoconfiança (Hanna, 1995). Milliken (2002) fala sobre oportunidades físicas contribuindo para o controlo de impulsos, auto regulação e liberação apropriada de tensão e interação grupal (Milliken, 1990). Payne (2006), refere-

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

se a uma fusão perfeita entre o Soma e a imaginação como um princípio comum da DMT e sobre a importância do ‘movimento autêntico’ dentro desse processo da DMT.

A dança contribui para o bem-estar humano e apresenta um poder de cura, advindas das suas características multissensoriais, emocionais, cognitivas e somáticas, promovendo uma sensação de controle sobre o *stress* e dor, pela mudança emocional nos estados de consciência e/ou capacidade física e também pela capacidade de enfrentar pontos de *stress* encontrando maneiras de lidar com eles (Bräuninger, 2012; Hanna, 1995).

Em todos os tempos o processo de cura e a expressão artística, fizeram parte do cotidiano da comunidade (Halprin, 2003; Hanna, 1995). Neste contexto de busca para a cura das dores humanas, “The process of art making and symbolic enactment redirects our destructive energies and impulses, allowing us to encounter and work through the conflict creatively as well as to change our perception of the issue itself” (Halprin, 2003, p. 39). De forma resumida a terapia busca ajudar os sujeitos a tornarem-se conscientes, para depois transcender e transmutar a consciência em consciência de si mesmo e do mundo que o rodeia, para posteriormente desenvolver a capacidade de "fazer algo" sobre sua condição vivida (Halprin, 2003). Milliken (2002) reporta-se sobre a possível transformação das pessoas detentas por acreditar em sua própria capacidade de serem criativas e se engajarem em processos criativos dentro da prisão.

Vertentes da terapia pela dança propagada por Marian Chace (1896-1970), Blanche Evan (1901-1982), Mary Starks Whitehouse (1911-1979), enfatizam a relação entre a *psique* e soma, destacando os aspectos positivos e criativos do inconsciente e da imaginação. Na terapia pela dança a conexão corpo-mente e a ativação criativa desempenham um importante papel, onde o movimento interno (sensação, sentimento, imagem) e o movimento externo, expresso pelo movimento da dança, refletem estados emocionais que podem levar a *insights* psicológicos e mudanças comportamentais (Halprin, 2003).

Para Whitehouse, baseando-se na imaginação ativa de Jung, o objetivo primário do ‘movimento autêntico’ é tornar o inconsciente consciente (Halprin, 2003). Neste contexto movimentos naturais e improvisados, podem liberar emoções reprimidas e conflitos internos.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Movement-based expressive arts therapy works quite actively to bring “inner” sensation, feeling, and image into “outer” action by employing the full range of the creative arts: movement/dance, drama, voice, painting, poetry and other forms of writing, ritual, and performance (Halprin, 2003, p.65).

Entendendo a criatividade como uma força vital que estabelece e promove conexões nos planos biológico, emocional, mental e espiritual, o indivíduo sintonizado com a criatividade, pode experimentar e desenvolver uma liberdade energética e expressiva mais consciente, podendo vir a externalizar todo o modo de ser de um sujeito (Halprin, 2003). O processo criativo permite a redescoberta de si mesmo como um ser humano mais positivo (Milliken, 2002). Sabe-se que

We know that the creative process involves a taking in of the sensory data, a feeling about that which is perceived, an exploration of percepts and feelings, an imaginative relating of present and stored experiences, feelings, and meanings, and finally the forming of a new product (Hawkins, 1988, p. 12 cit. por Victoria, 2012, p. 171).

Segundo Victoria (2012), Hawkins defendeu que pela exploração e expressão do movimento pode-se transformar o inconsciente e o desconhecido, em uma forma consciente a ser conhecida.

Para Halprin, (2003) o processo criativo no espaço terapêutico impulsiona a vontade própria e nutre a capacidade de resposta do indivíduo, sendo este estimulado a ter atenção e foco no material criado e externalizado pela ação expressiva, podendo vir a apresentar resultados diferentes, ou seja, pode vir a promover mudanças estimulada pela capacidade de respostas diferentes pela expressão de movimentos com novos padrões. Uma vez ocorrida mudanças nos movimentos, o mesmo ocorre com a *psique*, trazendo novos estados físicos, novas imagens simbólicas e novas experiências.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

A improvisação é uma ação importante para o processo criativo, podendo utilizar-se de tudo que surge ao nível de soma ou *psique*, como material para criar sem julgamentos ou modelos, e com total espontaneidade onde o consciente e o inconsciente podem se encontrar no processo criativo (Halprin, 2003).

A ausência desta energia criativa pode provocar uma visão limitada, restringindo a capacidade de explorar todas as possibilidades de solução para os problemas, ou seja, a energia criativa quando bloqueada pode se transformar em sentimentos de depressão, ansiedade ou raiva (Halprin, 2003).

2.3.3. A vivência criativa em grupo

O poder da dança apresenta-se evidenciado em estudos como favorecendo o comportamento pró-social (Behrends, Muller & Dziobek, 2012; Santos, 2008). A dança é apontada como possuidora de elementos terapêuticos interativos com aspetos criativos, cooperativos, imitativos ou síncronos, que visam aumentar a qualidade e as possibilidades de relacionamentos com outras pessoas, sendo utilizada em intervenções frequentes no tratamento de grupo. Ressalta-se aqui a empatia cenestésica que a dança pode provocar no contexto de uma interação social, entendendo a cinestesia como um aspeto importante da empatia, por se referir ao sentimento corporal de uma pessoa como resposta ao corpo, movimentos ou postura de outra pessoa (Behrends, Muller & Dziobek, 2012).

Outro ponto importante no processo integrativo de grupo pela dança corresponde ao repertório de movimento expressivo de um sujeito, sendo importante para a empatia, enquanto base para a auto expressão, ajudando a perceber e interpretar o comportamento não-verbal de outra pessoa. Assim interações empáticas compreendem tanto a percepção do estado cognitivo-emocional-corporal expressado pelo parceiro de interação, quanto a percepção e expressão do próprio estado cognitivo-emocional-corporal. Cabe ainda ressaltar os elementos específicos dos movimentos interacionais da dança que promovem efeitos pró sociais podendo vir a promover empatia, sendo estes a imitação, o movimento sincrônico e a cooperação motora norteados de forma criativa (Behrends, Muller & Dziobek, 2012).

Segundo Pylvänäinena e Lappalainenb (2018), o processo grupal da DMT indica resultados positivos para a depressão, pela promoção de movimentos compartilhados induzindo a situações de relacionamento e interação social, através de um modelo

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

integrativo dos temas e movimentos praticados. Neste contexto é citada uma melhora na interação social através da estimulação da tolerância com outras pessoas, da coragem para abordar outras pessoas, da capacidade de agir em situações sociais e a vivência de experiências positivas de apoio entre os pares. Destaca-se também a importância do apoio dos colegas, a atitude sem julgamento durante as reuniões e a oportunidade de compartilhar e debater experiências com os outros elementos do grupo (Pylvänäinen & Lappalainen, 2018).

Grupos de DMT visam promover as características do apego seguro, estimulando a participação, sintonia, capacidade de resposta, modulação das emoções, comunicação e reflexão (Siegel 1999, 2007 cit. por Pylvänäinen & Lappalainen, 2018).

Santos (2008) relata sobre a dançoterapia integrativa e sua influência na transformação de relações interpessoais, indicando a característica multimodal da dança como contribuinte para intervir em pessoas com comportamentos que apresentam dificuldades de relacionamento e comunicação interpessoal, vindo a dança a influenciar na diminuição de comportamentos agressivos, causados por situações relacionais pautados em sofrimento intra-relacional e inter-relacional, e externalizados em expressões corporais. Aborda a compreensão do ser humano pela globalidade corpórea advinda da sua expressão construída através da relação com o seu interior, com o seu exterior, com ele próprio e com o outro. O estudo de Santos (2008) relata também uma melhor disposição pró social em relação a empatia e a confiança.

A dança enquanto intervenção reabilitadora em contexto prisional, é apontada por Williams (2013), como disciplinadora, promotora de coesão social e com consequente diminuição da violência e sua reincidência. Relata que as performances dançantes ressoaram como uma atração “universal” por certos tipos de movimentos expressivos, vindo a considerar a dança como um fenômeno capaz de articular o seu potencial de resposta a conflitos, podendo ser uma ponte para a coesão social em contexto prisional (Williams, 2013).

No cenário da prisão, Seibel (2008), refere-se a necessidade de criar confiança em si mesmo e no outro de modo a diminuir a hostilidade, trabalhando com ‘movimento autêntico’ pela dança, através de uma intervenção pautada nas necessidades das detentas, como criar segurança e confiança em si mesmo, no outro, no momento, no processo do grupo, focando em reduzir o *stress*, o tédio da vida na prisão, a hiper vigilância e a falta de exercício que são fatores exaustivos para essas mulheres. Seibel (2008) relata ainda

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

que após as sessões, o grupo parecia mais comunicativo, mais relacional, com seu tônus muscular relaxado e suas habilidades interpessoais melhorada. Diminuindo também a hostilidade e o sarcasmo sendo substituídos por expressões de calma e gratidão.

A redescoberta de si mesmo também é eficaz na diminuição da violência, sendo o processo criativo da dança promotor de transformação ou mesmo cura pela possibilidade de expressão de sentimentos, como raiva e frustração (Milliken, 2002). Em busca de ajudar os prisioneiros a encontrar a parte criativa e saudável de si mesmo e a dar forma e expressão, sua prática defende que o processo criativo é uma experiência profundamente curativa, que pode levar o indivíduo a maneiras novas e profundamente diferentes de expressar seus sentimentos mais íntimos de raiva, frustração, confusão e alienação. Para a autora pelo processo criativo, torna-se possível olhar para as realidades da violência, seu horror e suas consequências, e encontrar um caminho, na imagem e na arte, na dança ou no teatro, palavras ou música, para transformá-lo e curá-lo (Milliken, 2002). Em seu trabalho a autora reporta ainda que,

Old anti-social behaviors, reflected in movement metaphors such as impulsive, harsh action, loss of control, withdrawal, can be traded in for new behaviors and responses, practiced in movement structures such as slow motion action, deliberate eye contact as signal, regulated tension release, discovered here and explored, reinforced by the group energy and attitude. Together the group members have allowed the dance/movement process to take them beyond themselves in order to experience and envision, for a moment, being healthy, free and more alive to the possibilities of the world around them (Milliken, 2002, p. 206).

Segundo Ritter e Low (1996), várias melhorias físicas e psicológicas foram atribuídas a DMT, sendo categorizadas em áreas como: ressocialização e integração dentro de um sistema de grupo maior, expressão criativa não verbal para expressão emocional, total autoconsciência e consciência do corpo e aumento da autoestima,

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

coordenação muscular, maior capacidade de movimento e liberação de tensão e prazer através do relaxamento. Em sua pesquisa citam estudos de caso que retratam mudanças físicas e psicológicas positivas em pacientes deficientes, onde através do uso de modalidades de terapia de dança, ocorrem melhorias nas habilidades físicas e de coordenação muscular, melhorias no funcionamento diário, mais prazer, aumento da imagem corporal e habilidades ocupacionais (Hecox & Levine, 1975; Rogers, 1977; Tiple, 1975, cit. por Ritter & Low, 1996).

Citando as artes colaborativas como uma ferramenta social, Stanley (2015), reporta-se ao reconhecimento e senso de pertencimento ao grupo fornecida pela dança. Citando a flexibilidade do processo criativo viabilizado pela dança, defende a utilização dela como uma ferramenta social importante e particularmente adequada na prisão (Stanley, 2015).

Um estudo sobre a DMT, entendida como possibilidade de criar, simbolizar, executar e transcender pelos movimentos vivenciados, demonstrou ser eficaz a curto e longo prazo para melhorar a qualidade de vida (QV), e apresentou efeitos positivos de curto prazo nas relações sociais (Bräuninger, 2012). Segundo Schmais, (1991 cit. por Bräuninger, 2012), ocorre um aprendizado dentro do grupo entre os integrantes e os mesmos experimentam a coesão do grupo por meio de interações rítmicas. Em um estudo sobre o *stress* Bräuninger (2012) descreve que houve melhora a longo prazo do sofrimento psíquico por meio da DMT em sensibilidade interpessoal, vindo a promover estratégias de enfrentamento reduzindo problemas como impulsos de fuga, isolamento social, resignação, autopiedade e culpa.

O trabalho como os movimentos de dança, em grupos de necessidades especiais (hospitais psiquiátricos, clínicas, creches, centros de saúde comunitários, escolas especiais ou prisões) pressupõe objetivos como trabalhar a criatividade, questões educativas ou terapêuticas, sendo valiosa para aqueles que desejam atuar como terapeutas do movimento, que visam desenvolver oportunidades para educar, enriquecer e criar conquistas positivas nos indivíduos em contextos relacionais, ou seja, que busca possíveis mudanças duráveis e positivas em relação ao bem-estar físico, emocional e social do indivíduo (Payne, 1990).

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

O trabalho terapêutico com a dança e o movimento, almeja segundo Payne (1990), promover o crescimento emocional e a integração psicológica e social do sujeito, pela promoção do contato em grupos difíceis com características de isolamento social, onde o tratamento em grupo, busca possíveis reabilitações em ambientes educacionais especiais. Segundo a autora “an important dimension of dance movement therapy is, that it offers simultaneous access to both feeling and symbolic levels of human experience” (Payne, 1990, p. 17).

As autoras Ritter e Low (1996), citam o benefício da DMT com adultos forenses (McConnell, 1988), mulheres alcoólatras (Reiland, 1990) e abusadores de substâncias (Plevin, 1993) em estudos qualitativos de suas pesquisas.

Em síntese, evidencia-se o poder da dança trabalhada em grupo, enquanto possível contribuinte no processo para amenizar as dores do aprisionamento e também as dores proeminentes das experiências pessoais de histórias de vida perturbadoras de mulheres detentas. Segundo Stanley (2015), as artes na prisão podem ajudar a desenvolver potencial, senso de autoestima e reconhecimento e senso de pertencimento ao grupo.

2.3.4. A dança, imagem do corpo e autoestima

É crescente o uso terapêutico da dança como intervenção em problemas psicológicos relacionados com a saúde física ou mental (Koch, Kunz, Lykon & Cruz, 2014) referindo estes autores a apresentação de dados que sugerem resultados positivos nestas áreas. Crescem também o número de estudos e pesquisas investigando mais especificamente os efeitos da dança em variáveis como a qualidade de vida, imagem corporal, bem-estar, depressão, ansiedade e outros.

Pensar sobre a imagem corporal relacionada com a dança, implica a evocação de teorias que perspetivam a imagem corporal como podendo ser moldada também por experiências corporais (Schilder, 1950), o que reforça a fundamentação de atividades de movimentos como influenciadores positivos na construção da imagem corporal (Leventhal & Schwartz, 1989 cit. por Koch et al., 2014). No entanto e como em quase todas as intervenções, o tempo é um fator importante, Lewis e Scannell (1995) nos seus estudos referem igualmente que o tempo de intervenção com práticas de dança, é apontado como um fator determinante no impacto da dança sobre a imagem corporal. Estes autores descrevem resultados mais satisfatórios numa melhoria da imagem

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

corporal, em participantes com mais de cinco anos de práticas de dança criativa e expõem resultados contraditórios em pesquisas que abordam estilos de dança predefinidas.

Neste sentido, Lewis e Scannell (1995) defendem o recurso a dança criativa em detrimento de estilos de dança com modelos predefinidos, afirmando que uma abordagem da dança de forma menos estruturada e com ausência de padrões de desempenho predeterminados, apresenta uma influência mais positiva na imagem corporal, devido a esta se transformar constantemente diante de novos estímulos que induzem a mudança de percepção corporal, de autoconceito e de autoestima.

A dança criativa promove uma libertação expressiva que pode provocar o envolvimento emocional necessário para produzir mudança na imagem corporal, onde o indivíduo amplia e explora os movimentos do corpo, sem medo de errar e sem comparações a padrões de movimento predefinidos, manifestando-se numa dança que, na sua variabilidade, todos podem fazer. A amplitude dos movimentos da dança criativa, pode gerar uma satisfação com as diferentes partes do corpo em movimento (Lewis & Scannell, 1995).

Goldov (2011) relata que novas experiências de movimento podem oferecer percepção da identidade da imagem corporal de pacientes com cancro de mama, além da possibilidade de envolver-se em novos padrões de comportamento com consciência cognitiva daquilo que está sendo vivenciado (Rossi, 1993 cit. por Goldov, 2011).

A terapia de dança / movimento entendida como um tratamento psicoterapêutico utiliza a consciência, expressão e aceitação do corpo para facilitar a integração física, emocional, cognitiva e espiritual para curar distúrbios do corpo, da mente e do espírito (Debbell-Hope, 2000). A autora supra citada utilizou do movimento autêntico como forma apropriada da DMT para uma terapia com mulheres com cancro de mama aumejando efeitos fisiológicos e psicológicos. Segundo a autora o movimento autêntico reforça um senso de confiança, força e capacidade interna e incentiva a participação ativa no processo, ajuda o corpo motor a tomar consciência, dar forma física e explorar e integrar sentimentos conscientes e inconscientes sobre o corpo e o Eu. A DMT com base no movimento autêntico é respaldada no conceito junguiano de Imaginação Ativa, no qual um pensamento, sentimento ou imagem interna é auto-incorporado por meio de movimentos exteriorizados (Debbell-Hope, 2000).

Ao estudar mulheres com cancro de mama e seu impacto na imagem corporal, Goldov (2011) descreve sobre mulheres em um contexto de sofrimento emocional,

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

envolvendo fatores psicológicos e físicos como: sentimentos de desamparo, incerteza, ansiedade, depressão e conseqüente impacto negativo sobre a aparência física, condições que podem provocar distúrbios na imagem corporal. Goldov (2011) aponta em seu estudo sobre a dança médica / terapia de movimento (MDMT), resultados positivos sobre a influência dessa teoria e método de dança, que se baseia em habilidades criativas e conseqüente despertar de sentimentos de confiança, na redução de problemas com a imagem corporal em mulheres com cancro. A autora supracitada, retrata ainda a imagem corporal como um componente significativo da autoestima, sendo assim um aspecto crucial do processo de recuperação psicossocial de mulheres com cancro de mama.

Dibble-Hope (1989, 2000) nas suas pesquisas com mulheres com cancro, sobre o *Authentic Movement Treatment* (AMT), método onde as pessoas se movem com os olhos fechados na presença de um testemunha, descobriu que o AMT melhora a autoestima das mulheres, a imagem corporal, sofrimento psicológico, humor e também ajuda a resolver problemas psicossociais como isolamento social (cit por Goldov, 2011).

Em síntese a pesquisa feita por Dibble-Hope (2000), indicou uma melhora geral mínima no humor e na angústia e nenhuma na imagem corporal e autoestima, pelo uso do movimento autêntico no tratamento como resultado da análise quantitativa com os dados objetivos e uma melhora fortemente percebida pela análise qualitativa, através dos dados subjetivos na imagem corporal e na autoestima, sendo menor os resultados no humor e na angústia.

Em relação aos efeitos da dança sobre a variável imagem do corpo, Koch et al. (2014), descrevem sobre um impacto limitado encontrado no seu estudo de meta-análise. Contudo argumentam, que estes dados podem ser devidos, aos estudos variarem na sua operacionalização metodológica com a aplicação de diferentes testes, além do tempo programado para as intervenções serem de curta duração. Também os resultados encontrados no estudo de Sandel, Judge, Quellette e Majczak (2005), indicam uma melhora na imagem corporal tanto no grupo experimental como no grupo controle. Estes fatos demonstram a necessidade de mais estudos sobre os efeitos de terapias com dança em relação a imagem do corpo em mulheres com cancro.

Um estudo sobre mulheres obesas com problemas emocionais, realizado por Meekums, Vaverniece, Majore-Dusele e Rasnacs (2012), ao reportar sobre imagem corporal e autoestima, demonstrou que o grupo DMT indicou uma diminuição estatística no sofrimento psíquico, na angustia da imagem corporal e um aumento da autoestima em

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

comparação ao grupo controle. O grupo DMT também teve níveis significativamente reduzidos de sintomas como depressão, ansiedade e trauma até o final do programa. Segundo Friedman et al., 2002 cit. por Meekums et al. (2012), ocorre uma relação significativa entre obesidade e distúrbios da imagem corporal o qual atua como mediador do aumento da depressão e diminuição da autoestima, vindo a despertar sentimentos negativos sobre aparência física e possíveis consequências psicológicas como baixa autoestima e depressão em adultos.

A DMT com mulheres em relação a saúde psicológica, tem sugerido uma diminuição no efeito da depressão e da ansiedade, um aumento na qualidade de vida, aumento do bem-estar, do humor positivo, afeto e imagem corporal, assim sugere-se que a DMT e dança são intervenções efetivas em muitos contextos clínicos, como um método de tratamento eficaz e útil para atuação clínica e em contextos de prevenção (Koch et al. 2014).

Segundo Ervin, 1973 cit. por Dibble-Hope (2000) os sintomas psicológicos mais comuns em mulheres com cancro de mama são: distúrbio de humor, aumento do nível de angústia, imagem corporal distorcida e diminuição da autoestima. Diante desses traumas físico, psicológico e social, Dibble-Hope (2000) reporta em seu estudo sobre adaptação psicológica, que a resposta ao “Movimento Autêntico” é altamente dependente das características e diferenças individuais dos pacientes, citando a idade de mulheres mais jovens e com experiências em atividades de dança ou com outras práticas motoras de movimentos, como preditor para uma melhor imagem corporal. A autora descreve em seu estudo, resultados qualitativos que demonstram alguma melhora subjetiva no humor, angustia, imagem corporal e autoestima, em mulheres que participaram de uma intervenção com movimento autêntico, porém indica a necessidade de mais pesquisas (Dibble-Hope (2000).

Meekums, Karkou e Nelson (2015) estudaram os efeitos da DMT em relação a depressão, concluindo sobre a necessidade de mais estudos envolvendo a abordagem com essa população e Zubala e Karkou (2015) relatam sobre a DMP (Psicoterapia do Movimento de Dança) e sua contribuição em estudos sobre a depressão.

Uma vez que a imagem corporal de pessoas com depressão caracteriza-se como fragmentada, distorcida e com falta de consciência corporal, a DMT como tratamento para a depressão pode proporcionar prazer e sensações com significado das experiências vividas no corpo (Pylvänäinena & Lappalainenb, 2018).

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

São características de indivíduos deprimidos entre outras, tensão muscular e perda da consciência sensorial (Stötter et al., 2013 cit. por Pylvänäinena & Lappalainenb, 2018). Indivíduos que sofrem de depressão apresentam falta de consciência corporal que pode ser advinda de experiências de apego inseguro na primeira infância (Segal, Williams, & Teasdale, 2002 cit. por Pylvänäinena & Lappalainenb, 2018).

O trabalho com a DMT em indivíduos com depressão, pode despertar para o total envolvimento com o corpo, através da criatividade, espontaneidade e o uso de metáforas vindo a desenvolver consciência corporal e atenção plena através das experiências vividas que posteriormente se transformam em qualidade cinestésica, sensorial, emocional pelas percepções incorporadas (Pylvänäinena & Lappalainenb, 2018). Assim, pela abordagem terapêutica de mover e verbalizar sobre as experiências vividas, as redes neurais são ativadas e integradas, esta integração funcional da rede neural promove bem-estar importante no tratamento da depressão (Siegel, 2007 cit. por Pylvänäinena & Lappalainenb, 2018).

Em síntese os resultados do estudo de Pylvänäinena e Lappalainenb (2018) apresentou um *feedback* de mudanças na imagem corporal pela consciência despertada para a própria imagem do corpo, através da capacidade desenvolvida para sentir o próprio corpo, tolerar sensações, encontrar prazer no corpo e atribuir significado as sensações e experiências vividas, contribuindo para um melhor acesso as memórias do corpo. Todos estes fatores e mudanças levam a um possível alívio da depressão (Koch et al., 2014; Pylvänäinena & Lappalainenb, 2018).

Segundo Meekums, Karkou e Nelson, (2015), no seu estudo de revisão sistemática, onde o foco principal estudado foi a depressão, apesar dos indícios positivos em dados qualitativos, os autores não encontraram evidências sugerindo um efeito da DMT sobre a autoestima no estudo e não houve medidas relacionadas a imagem corporal, nos três estudos da sua revisão. Diante desses dados, concluiu-se que ainda não é possível tirar conclusões sobre os efeitos da DMT com esta população, necessitando de mais pesquisas com qualidade metodológica.

Em relação ao contexto prisional, as artes são adequadas para ajudar nas necessidades de estima, por exemplo, conquista, respeito, reconhecimento, responsabilidade, prestígio, competência, independência, importância e apreciação (Stanley, 2015). E nas necessidades de auto-atualização, por exemplo, desenvolvimento

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

pleno de potencial único, expressão criativa e forte senso de autoestima (Maslow, 1970 cit. por Stanley, 2015).

Batcup (2013) refere-se em seu estudo sobre a psicoterapia do movimento de dança em relação a prisões, sobre efeitos positivos na autoestima e um maior envolvimento em pessoa com problemas de saúde mental. Como em contexto forense as pessoas apresentam-se emocionalmente em luta durante suas sentenças, Batcup (2013) cita também os benefícios da dança em relação a redução da ansiedade e contribuições para a redução da depressão. Meekums e Daniel (2011), destaca como as psicoterapias artísticas melhoram a excitação emocional e a qualidade de vida. Batcup (2013), ao reportar sobre os clientes forenses apresentarem-se mais propensos a ligar o inconsciente aos pensamentos conscientes, destaca o fortalecimento de sua capacidade de pensar, pelos movimentos de dança, fator que contribui para mudança e reconstrução de um Eu menos patológico.

3. Método

O estudo que se apresenta baseia-se numa abordagem quase-experimental randomizada, de metodologia quantitativa e com uma análise de conteúdo (qualitativa), através de uma intervenção para estudar a percepção da imagem corporal, a autoestima e a agressividade em um grupo de mulheres detentas.

3.1. Objetivos do estudo

O objetivo geral do estudo foi verificar os efeitos de uma intervenção de Dança Criativa e Movimento Expressivo na Imagem do Corpo, na Autoestima e nos Comportamentos agressivos de mulheres presidiárias.

Os objetivos específicos do estudo foram:

- Verificar se existem diferenças ao nível da Imagem do Corpo após a Intervenção. Verificar se existem diferenças ao nível da Autoestima após a Intervenção;
- Verificar se existem diferenças ao nível dos Comportamentos Agressivos após a Intervenção, em geral e especificamente nas dimensões da agressividade física, agressividade verbal, raiva e hostilidade.

3.2. Participantes

Este estudo contou com uma amostra constituída por mulheres do PREFEM – Presídio Feminino do Estado de Sergipe / Brasil, com idade compreendida entre 25 e 45 anos. As participantes obedeceram aos seguintes critérios de inclusão: 1) Apresentar idade entre 25 e 45 anos; 2) estar de acordo e assinar os termos de participação na pesquisa; 3) estar sobre o consentimento da administração do PREFEM; 4) estar sobre cumprimento de pena durante todo o período da pesquisa. Foram critérios de exclusão as gestantes e/ou lactantes, as mulheres com menos de 25 anos, as que estavam em isolamento, as com perturbação mental diagnosticada, as que estavam em regime semiaberto e as que participavam noutra ação terapêutica. Foram acedidas pela direção do PREFEM 20 mulheres participantes as quais foram aleatoriamente alocadas a um dos grupos: um grupo experimental (GE) com 10 mulheres e um grupo controlo (GC) com 10 mulheres. Receberam intervenção as 10 mulheres do Grupo Experimental (GE).

3.3. Instrumentos de avaliação

Em conformidade com as variáveis a serem investigadas, perante uma amostra composta por mulheres adultas constituintes de um presídio e seus aspetos relevantes diante dos efeitos do aprisionamento, sentidos na *Psique* e *Soma*, procurou-se investigar a imagem do corpo, a autoestima e a agressividade desta população, tomando como base as características técnicas consecutivas dos seguintes instrumentos de avaliação: Questionário de Imagem Corporal (QIC) de Bruchon-Schweitzer; a *Rosenberg Self-Esteem Scale* – RSES; o Questionário de Agressividade de Buss-Perry (AQ) e um Testemunho final.

3.3.1. Questionário de Imagem do Corpo Bruchon Schweitzer

O questionário de Imagem do corpo (QIC) é um teste para a avaliação de como o indivíduo apresenta sua percepção sobre o seu corpo atualmente (Untas, Quintard, Koleck, Borteyrou & Azencot, 2009). A versão utilizada foi a tradução portuguesa feita por Santos (2006), do original francês de Bruchon-Schweitzer realizado em 1990. Esta versão é constituída por 19 itens bipolares onde a escala de respostas corresponde a 5

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

pontos. Esta escala varia dentro dos dois polos entre: muitas vezes valendo 1 ponto ou 5 pontos, algumas vezes valendo 2 pontos ou 4 pontos e a opção nem um nem outro valendo 3 pontos. Sendo que esta pontuação é norteadada pela divisão dos 19 itens em quatro dimensões. A primeira dimensão corresponde ao corpo em estado fechado ou acessível e está correlacionado aos itens 11, 12 e 15 em pontuação crescente e os itens 2,8,10,17 e 18 com pontuação invertida. A segunda dimensão retrata sobre a insatisfação ou satisfação com o corpo e corresponde aos itens 9,13 e 16 para a pontuação crescente e os itens 3,5, 14,18 e 19 com pontuação invertida. A terceira dimensão reporta sobre o corpo passivo ou ativo e refere-se aos itens 1,4,6 e 13 em pontuação crescente e aos itens 9 e 16 em pontuação invertida. Por fim a quarta dimensão faz referência ao corpo tenso ou sereno e corresponde aos itens 7, 10 e 12 para pontuação invertida. Segundo Bourgoin, Callahana, Séjournéa e Denis (2012), uma pontuação abaixo de 70 é representativa de uma insatisfação com a imagem corporal.

3.3.2. Escala de Autoestima de Rosenberg

Em relação a autoestima foi utilizada a *Rosenberg Self-Esteem Scale* – RSES desenvolvida por Rosenberg em 1986. A versão utilizada foi traduzida e adaptada para o Brasil por Dini, Quaresma e Ferreira -versão EMP/ Rosenberg (2004). Esta escala é um questionário de autorresposta constituído por 10 sentenças fechadas, sendo cinco referentes à autoimagem positivas e cinco referentes à autoimagem negativa (Dini, Quaresma & Ferreira, 2004; Hutz & Zanon, 2011). “Esta é uma medida unidimensional constituída por dez afirmações relacionadas a um conjunto de sentimentos de autoestima e auto aceitação que avalia a autoestima global” (Hutz & Zanon, 2011 p. 43). As alternativas de respostas são apresentadas em uma escala tipo *Likert* de quatro pontos variando entre concordo plenamente valendo 1 ponto, concordo valendo 2 pontos, discordo valendo 3 pontos e discordo plenamente valendo 4 pontos, para o cálculo do escore da escala com itens formulados positivamente (itens 1, 3, 4,7 e 10). A pontuação ocorre de forma invertida para os itens formulados na negativa, onde o concordo plenamente apresenta o valor de 4 pontos, concordo valendo 3 pontos, discordo valendo 2 pontos e discordo plenamente valendo 1 ponto, assim são pontuados os itens 2,5,6,8 e 9. Obtém-se o valor total relativo à autoestima somando os valores obtidos em cada item, sendo que o valor total da escala varia entre 10 e 40 pontos. De referir, que quanto mais

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

alta for a pontuação, mais elevado será o nível da Autoestima Global de cada indivíduo e vice-versa.

3.3.3. Questionário de Agressividade de Buss-Perry

Referindo-se a variável agressividade a avaliação aplicada foi o Questionário de Agressividade de Buss-Perry (AQ), que é uma escala do tipo *Likert* constando de 29 itens. A versão utilizada foi a tradução e adaptação portuguesa de Cunha e Gonçalves (2012). Este questionário é constituído por quatro subescalas, sendo estas: agressividade física constando de 9 itens, agressividade verbal com 5 itens, raiva com 7 itens e hostilidade constituída por 8 itens, (Buss & Perry, 1992; Cunha & Gonçalves, 2012; Gouveia, Chaves, Peregrino, Branco & Gonçalves, 2008). A pontuação da escala apresenta respostas que variam entre discordo totalmente valendo 1 ponto, discordo valendo 2 pontos, nem um nem outro valendo 3 pontos, concordo valendo 4 pontos e por fim concordo totalmente valendo 5 pontos. Lembrando que deve ser revertida a pontuação dos dois itens escritos na direção oposta à agressão. A pontuação de cada escala é a soma de seus itens e a pontuação total para agressão é a soma do *escore* de cada subescala (Buss & Perry, 1992).

3.3.4. Testemunho Final

Em relação aos dados qualitativos, foram recolhidos através de um testemunho gravado em vídeo de forma individual e consensual, com a devida autorização e consentimento informado e assinado por todas as integrantes do grupo experimental (GE) (anexo IV), ao término do período de intervenção. Porém das dez integrantes do grupo, duas não quiseram gravar, embora tenham assinado a autorização para o uso de imagem e depoimentos.

A questão norteadora para o testemunho referiu-se a mesma abordagem para todas as integrantes do GE, através da indagação: como se sentiu durante os três meses de intervenção com as práticas de dança?

Posteriormente estes testemunhos foram transcritos e catalogados em forma de categorias, para uma posterior análise de conteúdo, norteado pelos objetivos específicos da intervenção.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

3.4. Intervenção

3.4.1. Objetivos

Objetivo geral- A implementação desta intervenção com recurso à vivência da dança criativa e movimentos expressivos, visou promover a melhoria da imagem corporal, da autoestima e uma diminuição dos comportamentos agressivos, numa população com características específicas advindas de experiências traumáticas, como sejam as mulheres em contexto prisional.

Objetivos específicos - Este programa de intervenção almejou despertar nas detentas habilidades necessárias para uma mudança de desempenho comportamental em relação a aspetos sociais e afetivos, buscando intervir pelas vivências corporais na transformação de sentimentos sobre si próprio e conseqüentemente na qualidade das construções relacionais intrapessoal e interpessoal.

Quadro 1- Objetivos específicos da intervenção

Dimensão Intrapessoal	Corporal	*Enriquecimento e reconhecimento de experiências corporais *Vivência de experiências corporais positivas
	Emocional	*Promoção de estados emocionais positivos *Promoção da autoestima
	Comportamental	*Diminuição da impulsividade *Promoção do relaxamento *Diminuição da agressividade
Dimensão interpessoal	Emocional	*Promoção da confiança *Promoção da empatia e tomada de perspectiva do outro *Estimular o desejo de pertença *Despertar para sentimentos de comunhão
	Disposição Pró-Social	*Desenvolvimento de atitudes pró-sociais * Promoção da integração com pares

3.4.2. Estrutura e sequência

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Foram utilizadas estratégias norteadoras para a intervenção na perspectiva intrapessoal, através de abordagens da vivência corporal, com um trabalho de: liberação e reconhecimento das tensões corporais; liberação catárticas; conhecimento, ampliação e percepção das potencialidades corporais; despertar para a capacidade expressiva; conhecimento corporal pela respiração, ritmo e variações entre tensão-relaxação; promoção do relaxamento, todas vivenciadas de forma individual.

Em relação a manifestação e vivência emocional, o trabalho desenvolvido buscou: promover o contato e expressão de afeto; vivenciar atividades prazerosas no intuito de despertar o contentamento e a satisfação; contactar com sentimentos de incapacidade, medo e raiva; exteriorizar e ressignificar a agressividade; e promover a confiança em si mesmo.

No tocante ao gerenciamento dos próprios comportamentos, buscou-se intervir na impulsividade, provocar uma mobilidade para a capacidade de respostas e despertar para a iniciativa, promover o ânimo e a participação criativa, viabilizar a comunicação consigo própria, com os outros e com o espaço da prisão.

Para intervir na perspectiva interpessoal buscou-se desenvolver um trabalho visando: promoção da empatia; desenvolvimento do desejo de pertença; promoção da integração com pares; desenvolvimento de comportamentos e ações pró-sociais; promoção da confiança no outro; promoção de sentimentos de comunhão e promoção de comportamentos respeitadores das regras.

Diante das características específicas da população desta pesquisa, no intuito de criar um espaço harmonioso e de liberdade para a efetivação da intervenção, foi construída de forma coletiva, a determinação de normas de convivência norteadoras, para o comportamento dentro do espaço e durante as sessões. Após esta construção, as sessões foram guiadas por temáticas norteadoras, no intuito de contemplar temáticas que promovam a reflexão e possível externalização corporal/ expressiva e verbal dos sentimentos provocados pelas vivências corporais.

A dança criativa e movimentos expressivos utilizados como um recurso da psicomotricidade, pode vir a despertar no sujeito adulto um afloramento da construção e reconstrução do esquema corporal, onde a vivência do corpo, a percepção do corpo e a

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

representação do corpo, possam intervir na construção da imagem corporal, na autoestima e na externalização de emoções e sentimentos sentidos nesse corpo.

Diante deste entendimento a intervenção foi norteada por ações que pudessem instigar o aflorar dessa percepção, desde a autopercepção corporal até as sensações provocadas de forma individual e em vivências coletivas. Assim o trabalho de intervenção apresentou a seguinte estrutura geral:

1- Primeiramente vivências individuais onde foi motivado o contato com o seu próprio corpo – estimulando a percepção do seu volume, peso, elasticidade, tensão, completude, forma, harmonia, ritmo, força, suavidade, agressividade, coragem, ousadia, iniciativa, impulsividade, persistência, freios inibitórios, timidez, entre outros.

2- Posteriormente foi promovido vivências que estimulassem o contato corporal em díades – buscando perceber a interação, contenção, sintonia, respeito, criatividade, completude dual, sincronia e outras.

3- Por fim foi realizado vivências de interação grupal – no intuito de ampliar todas as sensações causadas anteriormente agora norteada pelo conflito de interesses provocados pelas diferenças sentidas dentro do grupo.

As sessões apresentaram a seguinte estrutura: tempo 1- aquecimento geral; tempo 2- aquecimento específico; tempo 3- foco central; tempo 4-relaxamento e tempo 5- verbalização/ *feedback*, no intuito de promover um tempo para verbalização das experiências vividas e sentidas (ver anexos V e VI).

3.4.3. Planeamento e flexibilização

A intervenção foi planeada para 24 sessões, divididas em 6 blocos temáticos contendo 4 sub sessões para cada bloco temático. As sessões seguiram uma organização temática, que parte do sujeito individualizado para buscar primeiramente a autopercepção e um autoconhecimento, através de vivências que potencializem e evidenciem características do seu *psique* soma, após a promoção deste encontro com o Eu corpo, as sessões posteriormente buscaram proporcionar pela relação com o outro, o despertar para as influências do outro em seu próprio comportamento, sendo relatado através das manifestações expressivas sobre o Eu relacional.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Em termos de progressão temporal as sessões tiveram uma frequência bissemanal de 80 minutos e foram constituídas por cinco momentos: primeiramente 10 minutos para o aquecimento geral, após este momento foi destinado 5 minutos para aquecimento específico direcionado ao tema da sessão, seguido de 40 minutos destinados ao foco central voltado para a temática norteadora da sessão, finalizando com 5 minutos para o relaxamento e por fim 15 minutos para o espaço de verbalização, onde as experiências sensório-corporais pré-verbais possam ser transformadas em experiências verbais, objetivando um *feedback* individual e coletivo sobre as experiências vivenciadas durante cada sessão.

3.4.4. Cenário e materiais

As sessões ocorreram em uma sala de recursos pedagógicos existente dentro do PREFEM, como nesta sala existiam carteiras, era preciso antes das sessões afastar todas as carteiras para ter espaço livre para a dança, ainda assim era um espaço pequeno para uma intervenção com 10 mulheres. Para além do espaço físico, foi utilizado uma caixa amplificadora de som e um aparelho de DVD para reproduzir os CDs com as músicas.



Figura 1- Espaço com um momento de intervenção



Figura 2- Espaço onde foram realizadas as sessões

3.5. Procedimentos

3.5.1. Intervenção

Em relação aos procedimentos da intervenção primeiramente foi assinado um termo de consentimento informado, individualmente com todas as participantes, atestando a livre participação na pesquisa (anexo I). Posteriormente após ter conseguido estabelecer uma relação de confiança, foi assinado um termo de autorização individual de uso de imagens e depoimentos, onde todas as 10 participantes do grupo experimental concordaram e assinaram (anexo IV).

A intervenção constou de 24 sessões, subdividida em seis blocos temáticos, apresentando cada bloco 4 subseções, guiadas por temáticas norteadoras.

O primeiro bloco foi trabalhado de forma individual, com o tema no meu corpo (Eu sou), sendo a sessão 1 utilizada para estabelecer normas para o grupo e as 3 sessões posteriores seguiram os subtemas: no meu corpo equilíbrio, força, tensão e suavidade; no meu corpo grande, pequeno, redondo e anguloso e no meu corpo rápido, lento, contínuo, percutido (movimentos curtos/ interrompido).

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

O segundo bloco apresentou o tema no meu corpo (Eu expresso), trabalhado individualmente, e constou dos subtemas: no meu corpo contraste de sensações e sentimentos; no meu corpo características vista por mim como positivas; no meu corpo minhas características vistas como negativas e no meu corpo características que gostaria de ter.

O terceiro bloco apresentou o tema na relação com o outro (Eu encontro), trabalhado em díades, e apresentou os seguintes subtemas: interação; completude; parceria e confiança.

O quarto bloco apresentou o tema na relação com o outro (Eu partilho), trabalhado em díades, e apresentou os seguintes subtemas: espelhamento/ sincronia / harmonia; completude rítmica; completude e expressão corporal.

O quinto bloco apresentou o tema Eu Dionísio (desencontros), trabalhado em grupo, e apresentou os seguintes subtemas: desencontros; fogo; pulsação vibrante / euforia/ catarse e provocação.

O sexto bloco apresentou o tema Eu Apolo (sintonia), trabalhado em grupo, e apresentou os seguintes subtemas: ritmo, coordenação e memória; ritmo e sincronia; ritmo e cooperação e pôr fim a última sessão com o subtema: revelação, durante essa sessão foi recolhido um testemunho verbalizado e filmado, como um *feedback* individual, sobre os três meses com a dança e as sessões.

Em anexo está apresentada um modelo do planeamento das sessões, todas as outras seguem a mesma estrutura (anexos V e VI).

3.5.2. Recolha de Dados

Após o consentimento da direção do DESIPE (anexo II), foi agendado com a direção do PREFEM uma data para a efetivação da avaliação pré-intervenção. Ocorrendo no dia 19 de fevereiro de 2019 uma visita ao presídio da pesquisadora acompanhada da psicóloga colaboradora, onde foi estabelecido o esclarecimento, explicação e apresentação da pesquisa para o coordenador pedagógico do PREFEM e ficou agendada a implementação das avaliações pré-intervenção com a população amostra para o dia 21

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

de fevereiro de 2019, com possibilidade de agendamento de uma outra data conforme a necessidade apresentada. Após este momento, foram selecionadas pelo coordenador pedagógico do PREFEM, 20 mulheres do presídio que se adequassem aos critérios de inclusão.

No dia 21 de fevereiro de 2019 foi realizada a avaliação pré-intervenção aplicada pela psicóloga colaboradora da pesquisa acompanhada da pesquisadora. No momento da avaliação foram utilizadas duas salas de apoio pedagógico do presídio, onde em um primeiro momento houve a apresentação da pesquisadora e da psicóloga colaboradora da pesquisa, pelo coordenador pedagógico do PREFEM para o grupo das 20 mulheres reunidas em uma sala. Em seguida houve uma breve explicação e apresentação do trabalho de pesquisa e dos procedimentos necessários, deixando explícito o caráter voluntário da participação. Após este momento foram conduzidas de forma aleatória, 13 mulheres para a outra sala de apoio, acompanhada da pesquisadora e ficaram 7 mulheres na primeira sala com a psicóloga para responder as avaliações.

No momento da avaliação, as 7 mulheres foram distribuídas na sala de forma separada e sentadas em carteiras pedagógicas, sendo distribuído uma caneta e o primeiro questionário de avaliação referente a imagem corporal. Foi realizada uma explicação do procedimento da avaliação seguida da leitura das questões. Posteriormente realizou-se a mesma forma de aplicação, para as avaliações sobre a autoestima e por fim sobre o questionário de agressividade.

Após o término das três avaliações, foram trocadas de sala e aplicado o mesmo procedimento com mais 7 mulheres, até completar as 20 participantes. Sendo assim as avaliações foram aplicadas em dois subgrupos com 7 mulheres e um subgrupo com 6 mulheres.

O tempo determinado pelo PREFEM para a aplicação das avaliações foi das 13:30 até as 15:30 horas, sendo retirado 10 minutos para a explicação geral para todo o grupo. A avaliação constou de 1 hora e 50 minutos, subdividida em uma média de 35 minutos para cada subgrupo de mulheres. Em síntese cada participante gastou uma média de mais de dez minutos para responder cada questionário individualmente. O tempo foi a contento para a aplicação de todos os questionários, com toda a população da pesquisa.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Enquanto as participantes estavam na outra sala pedagógica, esperando a sua vez de responder as avaliações, foi explicado e assinado o termo de consentimento informado, confirmando o interesse e livre vontade em participar da pesquisa.

Após a recolha dos dados do momento pré-intervenção, a amostra foi dividida de forma aleatória entre o grupo experimental e o grupo controle.

A intervenção propriamente dita, só foi liberada para iniciar no dia dezoito de março de 2019, após esta data seguiu-se a intervenção por três meses com o grupo experimental, vindo a realizar o pós-teste no dia dezoito de junho de 2019 com o grupo experimental e o grupo controle, após três meses sem intervenção foi realizado no dia dezoito de setembro de 2019 os testes do momento follow-up com os dois grupos. A aplicação dos testes do momento pós-intervenção e follow-up seguiram a mesma logística de aplicação do pré-teste. A tabela 1 sintetiza os momentos de avaliação.

Tabela 1-Momentos de Avaliação

Grupos	Pré-intervenção	Pós-intervenção	Follow-up
GE (n=10) GC (n=10)	QIC	QIC	QIC
	RSES	RSES	RSES
	AQ	AQ	AQ

NOTA: GE – Grupo Experimental, GC- Grupo controle, n – número de participantes, QIC – Questionário de Imagem do Corpo, RSES- Escala de Autoestima de Rosenberg, AQ- Questionário de Agressividade

3.5.3. Análise de Dados

Os dados recolhidos foram analisados por uma estatística descritiva. Na estatística descritiva foram utilizadas as médias e desvios padrão. Primeiramente os dados foram registados em uma base de dados do *Microsoft Excel*, e posteriormente foram calculados os scores dos testes pelo somatório de cada integrante da amostra. De seguida, para o tratamento estatístico, os dados foram analisados pelo programa SPSS 25 (*IBM SPSS Statistics*). Para todos os testes estatísticos realizados foi usado um nível de significância de 5% ($p \leq 0.05$).

A amostra apresentou um número de integrantes de 20 mulheres. Diante do valor de N ser menor que 30 integrantes, foi aplicado o teste de normalidade de Shapiro-Wilk.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Os dados encontrados respeitaram a normalidade e homogeneidade necessária à utilização de métodos estatísticos com teste paramétricos.

3.5.3.1. Análise estatística

Diante da comparação de dados entre as variáveis de dois grupos diferentes (GE e GC), em três momentos diferentes para cada grupo (pré-intervenção, pós-intervenção e follow-up), objetivando encontrar as diferenças entre os momentos, foi aplicado o teste paramétrico de análise fatorial (de variância) ANOVA TWO WAY para medidas repetidas, para os testes intra-grupos e inter-grupos.

Foi realizada também uma Análise Delta Percentual, onde os pontos de medida t1 e t2 e depois t1 e t3 foram calculados em diferenças de média percentual, para verificar a magnitude das diferenças encontradas intra-grupos. O cálculo foi realizado no *Microsoft Excel* através da fórmula: média delta percentual ($M\Delta\%$) igual (=) média pós- intervenção menos (-) média pré-intervenção dividido (\div) média pré- intervenção e a mesma fórmula com os dados da média follow-up, calculado nos grupos experimental (GE) e controle (GC).

3.5.3.2. Análise de conteúdo

Para a análise e tratamento dos dados qualitativos recolhidos nos testemunhos, optou-se pela técnica de análise de conteúdo de Laurence Bardin (1996), entendida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 1996, p.47 cit. por Freitas & Janissek, 2000, p.41).

A análise de conteúdo da presente pesquisa, teve como base os objetivos específicos da intervenção. Através destes objetivos tornou-se possível organizar e resumir informações contidas nas falas das mulheres do grupo experimental, primeiramente pela transcrição das falas e posteriormente estabelecendo categorias e subcategorias, viabilizadas pela criação de unidades mínimas de significação pela análise da expressão verbal, que contemplasse as dimensões elencadas pelos objetivos

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

específicos da intervenção, presente na comunicação dos testemunhos gravados em vídeos.

Num esforço de objetividade e operacionalização, as categorias e as subcategorias foram validadas por dois juízes, sendo estes a investigadora principal e a auditora da pesquisa, no intuito de controlar a subjetividade dos dados colhidos.

A análise de conteúdo, é considerada uma metodologia adequada para uma análise qualitativa, e neste caso, viabilizou que as mensagens dos testemunhos das impressões individuais, sobre os três meses de intervenção, fossem transcritas e catalogadas, através dos depoimentos sobre a indagação de “como se sentiram durante este período?”. Após colhido estes testemunhos (anexo VII), foi criada unidades de significação almejando contemplar as dimensões estabelecidas e norteadas por questões corporais, emocionais e comportamentais numa perspectiva intrapessoal, bem como a disposição pró-social e questões emocionais numa perspectiva interpessoal dos objetivos específicos da intervenção.

Foram criados códigos de identificação com a palavra testemunho para os 8 integrantes do grupo experimental (n=10), que quiseram gravar o testemunho, ficando assim caracterizados em Testemunho 1 (T1) até Testemunho 8 (T8). Para facilitar a interpretação dos resultados, os dados recolhidos e categorizados, informam sobre o número de vezes que à categoria foi referenciada (N), o número de participantes que a referenciaram (n) e a percentagem referente a abordagem de cada categoria apresentada (%). A grelha de análise das categorias deste estudo está descrita na apresentação e análise dos resultados.

4. Apresentação e Análise de Resultados

4.1 Análise estatística

No presente capítulo, são apresentados os resultados obtidos dos instrumentos utilizados no estudo nos momentos de avaliação pré-intervenção, pós-intervenção e follow-up, dos grupos experimental e controlo.

4.1.1. Questionário de Imagem do Corpo (QIC)

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Primeiramente é indicado os resultados do Questionário de Imagem do Corpo de Bruchon-Schweitzer, objetivando perceber seus resultados durante os três momentos avaliados, no que diz respeito a variável imagem corporal de mulheres detentas.

A variância intergrupar desta variável reflete um *escore* entre 25 e 125 pontos, sendo que, quanto mais alto o valor melhor é o *score* para uma imagem corporal satisfatória.

Na tabela 2 que se apresenta em seguida, percebe-se que não foram encontradas diferenças significativas entre os momentos pré-intervenção, pós-intervenção e follow-up. Contudo o gráfico da ANOVA, apresenta um indicativo significativo sobre a dimensão 1 do corpo fechado e acessível referente ao GE. Também é notória um aumento das médias da Dimensão 1 que retrata sobre o corpo fechado e acessível, do GE entre o momento pré -intervenção e pós-intervenção. Também se percebe um pequeno aumento das médias delta percentual do GE de 0.05% no momento pós-intervenção e de 0.06% no momento follow-up em relação aos dados do momentos pré- intervenção. Sendo que o GC não apresentou nenhum aumento em suas médias na mesma dimensão.

Em relação a dimensão 2 que retrata a insatisfação e satisfação corporal, a dimensão 3 que retrata o corpo passivo e ativo e a dimensão 4 sobre o corpo tenso e sereno, não foram encontradas diferenças significativas, e também nenhum aumento de média com diferenças significativas entre os grupos. Nestas dimensões tanto o GE como o GC apresentaram aumento em suas médias, assim não ficando evidente se ocorreu ou não uma interferência da intervenção nas médias encontrada para o GE.

Sobre a imagem corporal total encontrou-se um valor significativo ($p=0.04$) referente ao GC entre os momentos pré-intervenção e follow-up. Em relação as médias entre os grupos, os dois apresentaram aumento de médias, fato este que impossibilita uma percepção da interferência da intervenção nos dados encontrados no GE.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Tabela 2- Resultados das diferenças intra-grupos e inter-grupos do QIC- Questionário de Imagem do Corpo

Subescala	Grupos	Momento da intervenção			M Δ% Pós / Follow up	F	p-valor ^a
		Pré intervenção	Pós intervenção	Follow up			
		(M ± DP)	(M ± DP)	(M ± DP)			
DIM 1	GE	23.60 ± 3.06	24.70 ± 2.75	24.53 ± 3.72	0.05% / 0.06%	0.193	0.825
	GC	25.30 ± 2.90	25.40 ± 2.95	25.41 ± 3.80	0.00% / 0.01%		
DIM 2	GE	27.30 ± 3.65	28.60 ± 5.12	27.94 ± 7.27	0.04% / 0.02%	1.729	0.192
	GC	26.10 ± 4.53	27.50 ± 5.64	30.25 ± 3.83	0.07% / 0,18%		
DIM 3	GE	17.50 ± 2.50	18.20 ± 2.25	18.04 ± 1.90	0.06% / 0.04%	1.899	0.164
	GC	17.10 ± 2.96	17.50 ± 2.83	19.03 ± 2.92	0.02% / 0,12%		
DIM 4	GE	8.90 ± 2.37	8.20 ± 2.34	8.80 ± 1.54	0.05% / 0.05%	0.580	0.565
	GC	7.50 ± 2.79	9.50 ± 3.17	9.35 ± 2.96	0.43% / 0.54%		
ICT Total	GE	77.30 ± 7.39	79.70 ± 7.08	79.31 ± 9.93	0.03% / 0.03%	3.576	0.038
	GC	76.00 ± 4.92	79.90 ± 7.86	84.04 ± 827	0.05% / 0,10%		

Nota: DIM 1- Dimensão 1 corpo fechado / acessível, DIM 2- Dimensão 2 insatisfações / satisfação, DIM 3 Dimensão 3 corpo passivo / ativo, DIM 4 – Dimensão corpo tenso/ sereno, ICT – Imagem corporal somatório total das dimensões 1, 2, 3 e 4. GE – Grupo Experimental; GC – Grupo Controle, M – Média, D - Desvio Padrão, M Δ% - Média Análise Delta percentual no momento pós intervenção e follow-up em relação aos valores do pré- intervenção, (a) p-valor calculado através do Anova Fatorial, F -análise fatorial

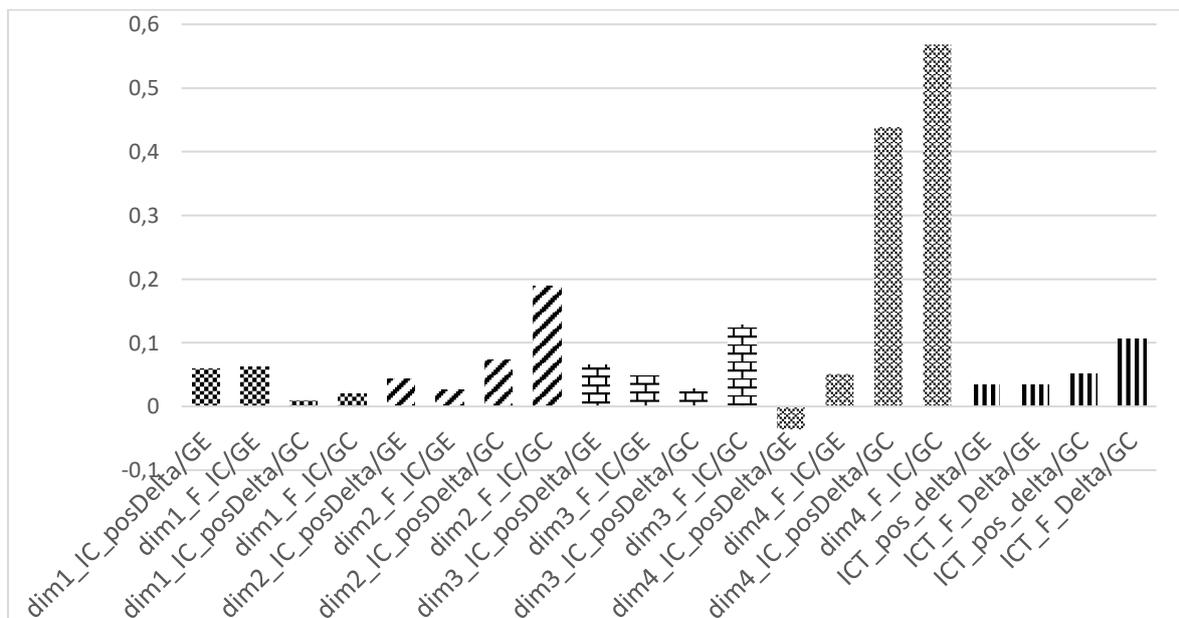


Gráfico 1 – Análise Delta Percentual da Dimensão 1 (corpo fechado e acessível), dimensão 2 (insatisfação /satisfação), dimensão 3 (corpo passivo / ativo), dimensão 4 (corpo tenso / sereno) e dimensão da Imagem Corporal Total

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

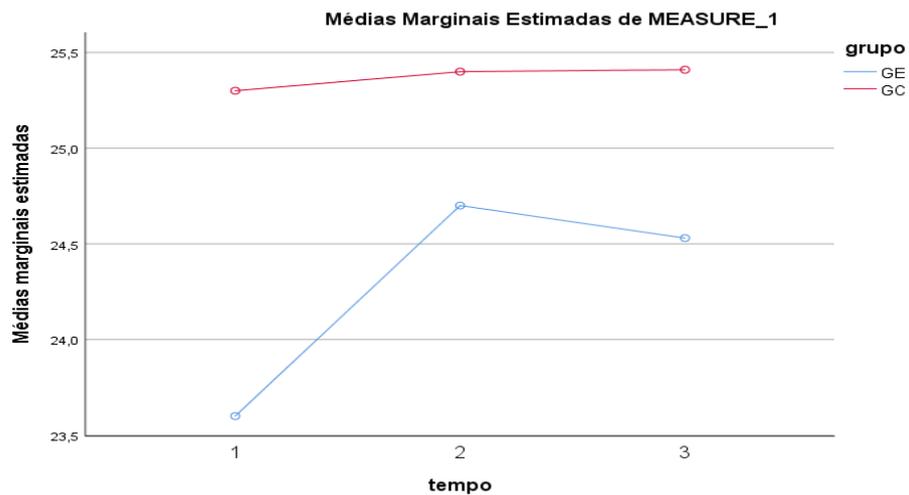


Gráfico 2 – Análise ANOVA Fatorial da Dimensão 1 (corpo fechado e acessível) da Imagem Corporal

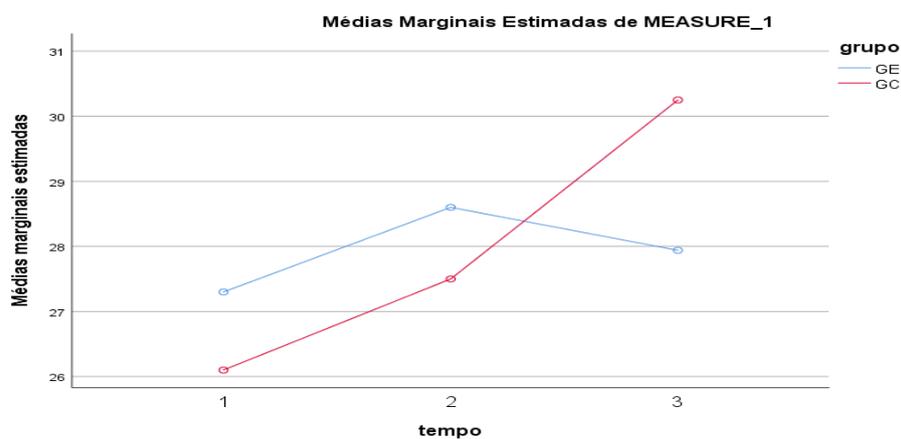


Gráfico 3 – Análise ANOVA Fatorial da Dimensão 2 (insatisfação /satisfação) da Imagem corporal

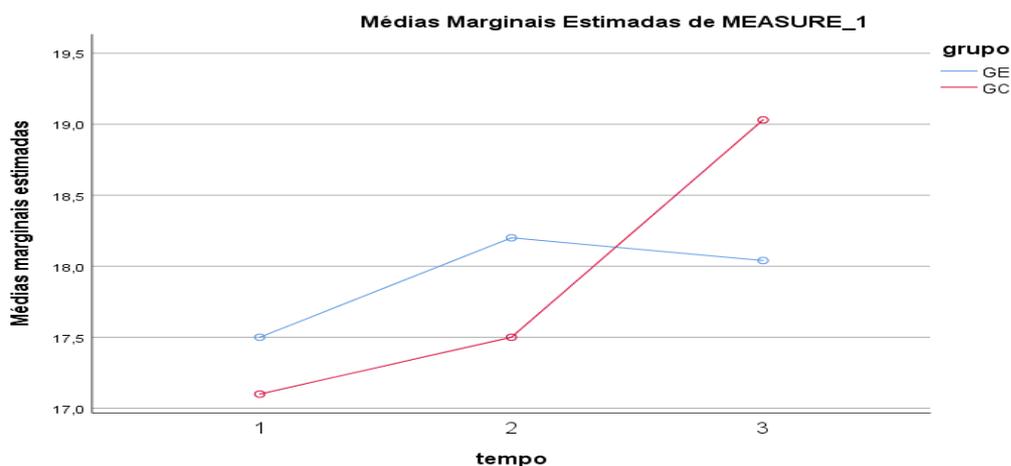


Gráfico 4 – Análise ANOVA Fatorial da Dimensão 3 (corpo passivo / ativo) da Imagem Corporal

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

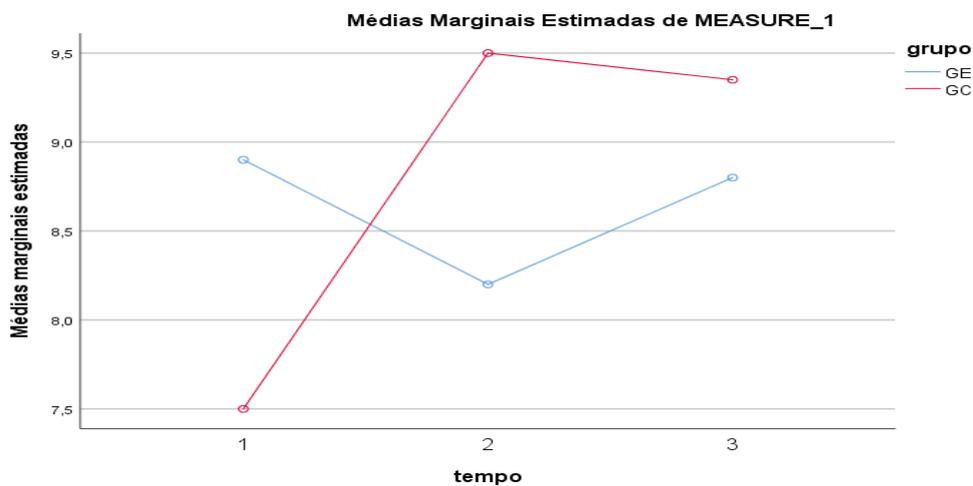


Gráfico 5 – Análise ANOVA Fatorial da Dimensão 4 (corpo tenso / sereno) da Imagem Corporal

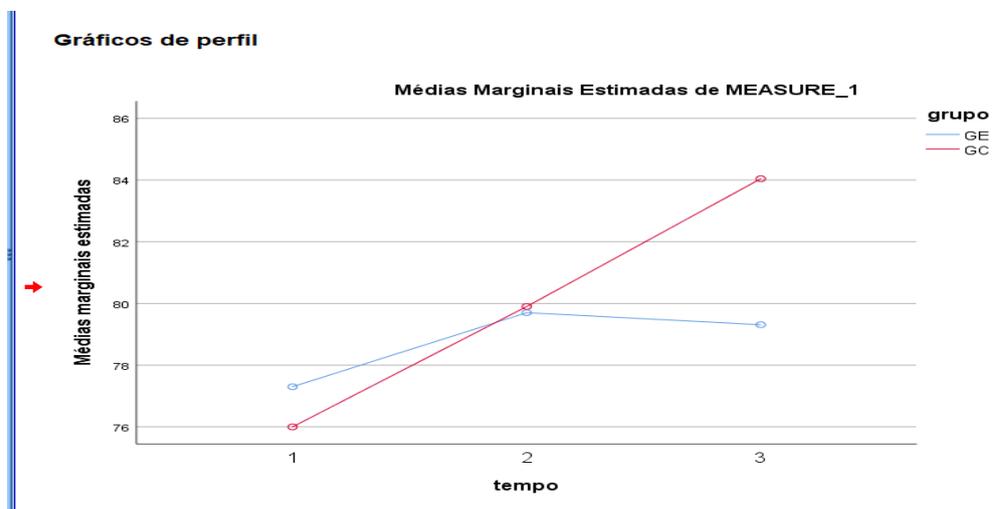


Gráfico 6 – Análise ANOVA Fatorial da Dimensão da Imagem Corporal Total

4.1.2. Escala de Autoestima de Rosenberg

Em relação a autoestima os dados encontrados intra-grupos e inter-grupos não foram significativos em nenhum momento da intervenção. Contudo percebe-se pelas médias encontradas um escore indicativo de baixa autoestima nesta população amostra, devido ao *score* da escala se apresentar entre 10 e 40 pontos, onde valores abaixo de 32 pontos reportam-se sobre uma média e baixa autoestima.

Estes dados são apresentados na tabela 3 e nos gráficos referentes a esta

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

variável demonstrados de seguida.

Tabela 3- Resultados das diferenças intra-grupos e inter-grupos da Rosenberg Self- Esteem Scale-RSES

Subescala	Grupos	Momento da intervenção			M Δ% Pós / Follow up	F	p-valor ^a
		Pré intervenção (M ± DP)	Pós intervenção (M ± DP)	Follow up (M ± DP)			
RSES	GE	21.40 ± 5.03	18.10 ± 3.87	21.12 ± 5.07	-0.13% / 0.00%	0.956	0.394
	GC	19.30 ± 4.93	20 ± 7.64	17.38 ± 6.67	0.03% / -0.10%		

Nota: GE – Grupo Experimental, GC – Grupo Controlo; M – Média; DP - Desvio Padrão, M Δ% - Média Análise Delta percentual no momento pós-intervenção e follow-up em relação aos valores do pré-intervenção, (a) p-valor calculado através do Anova Fatorial, F -análise fatorial

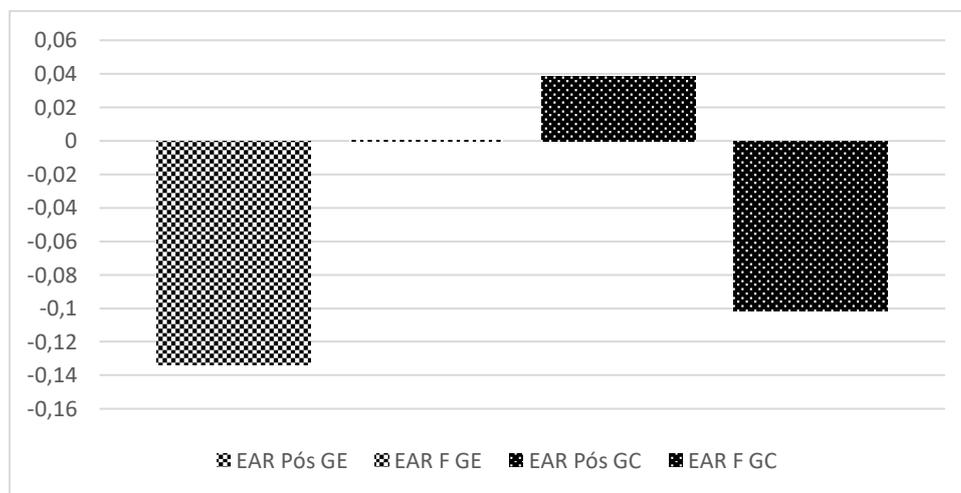


Gráfico 7 – Análise Delta Percentual da Autoestima

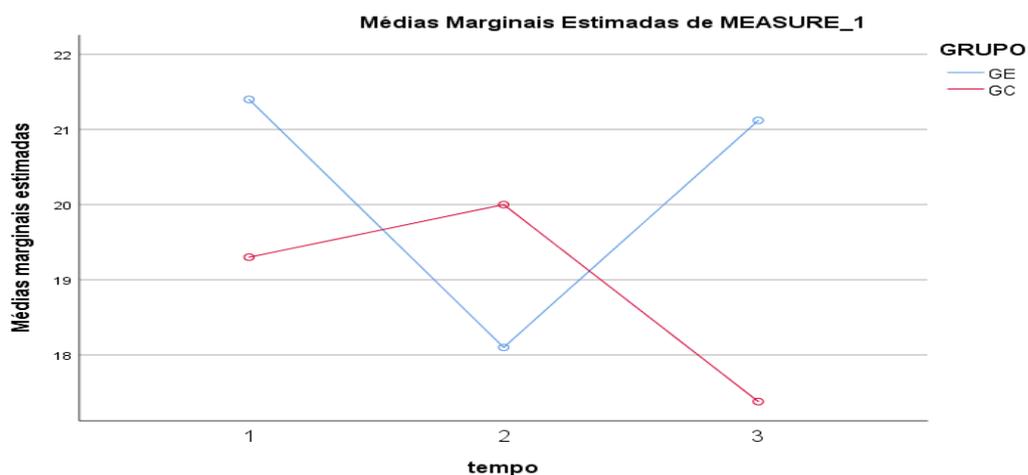


Gráfico 8 – Análise ANOVA Fatorial da Autoestima

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

4.1.3. Questionário de Agressividade de Buss & Perry

A tabela 4 apresentada abaixo, refere-se as diferenças intra-grupos e inter-grupos em relação a agressividade total e suas 4 subescalas, lembrando que quanto mais alto o *score* encontrados maiores são os indicativos de comportamento violento.

Os dados encontrados em relação as subescalas agressividade física, agressividade verbal e agressividade raiva não foram significativos intra-grupos e nem inter-grupos. Porém em relação a agressividade hostilidade, apresentou-se uma diminuição das médias encontradas e um valor de $p = 0.07$, como um possível indicativo de significância da intervenção.

Em relação a agressividade total, foi encontrado um valor entre grupos significativo, apresentando um valor de $p = 0.04$, porém a análise ANOVA Fatorial não identificou o momento significativo, devido ao valor de n (número da amostra) ser muito pequeno. Porém em relação a diminuição dos valores apresentados sobre as médias, foi encontrado tanto no GE como no GC.

Tabela 4- Resultados das diferenças intra-grupos e inter-grupos do Questionário de Agressividade de Buss-Perry- AQ

Subescala	Grupos	Momento da intervenção			M $\Delta\%$ Pós / Follow up	F	p-valor ^a
		Pré intervenção	Pós intervenção	Follow up			
		(M \pm DP)	(M \pm DP)	(M \pm DP)			
AgF	GE	25.60 \pm 9.45	26.80 \pm 4.44	26.40 \pm 5.52	0.13% / 0.17%	1.30	0.28
	GC	25.90 \pm 9.08	19.60 \pm 11.41	20.57 \pm 9.95	-0.21% / -0.20%		
AgV	GE	14.80 \pm 5.51	14.80 \pm 1.22	13.64 \pm 3.61	0.19% / 0.12%	0.22	0.80
	GC	16.80 \pm 5.16	15.60 \pm 6.38	16.39 \pm 5,25	-0.03% / 0.03%		
AgR	GE	21.10 \pm 4.20	20.10 \pm 3.84	20.57 \pm 4.33	-0.01% / 0.00%	0.73	0.48
	GC	19.30 \pm 5.57	17.20 \pm 9.60	18.15 \pm 8.02	-0.13% / -0.08%		
AgH	GE	30.90 \pm 5.19	25.90 \pm 6.10	29.48 \pm 5.76	-0.15% / -0.03	2.74	0.07
	GC	27.10 \pm 5.82	25.60 \pm 1,93	27.06 \pm 10.02	-0.06% / -0.00		
Ag Total	GE	102.10 \pm 21.98	87.60 \pm 8.19	91.00 \pm 14.41	-0.10% / -0.06%	3.52	0.04
	GC	89.10 \pm 22.27	78.00 \pm 34.99	83.00 \pm 29.82	-0.12% / -0.07%		

Nota: AgF- Agressividade Física, AgV- Agressividade Verbal, AgR- Agressividade Raiva ,AgH- Agressividade hostilidade, AgT- Agressividade Total somatório total das agressividades, GE – Grupo Experimental; GC – Grupo Controle, M – Média, D - Desvio Padrão, M $\Delta\%$ - Média Análise Delta percentual no momento pós intervenção e follow-up em relação aos valores do pré-intervenção, (a) p -valor calculado através do Anova Fatorial, F -análise fatorial

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

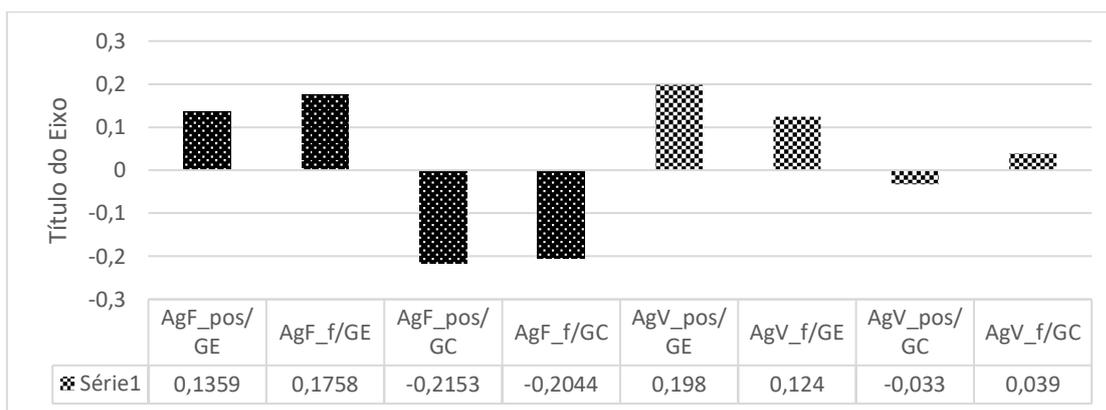


Gráfico 9 – Análise Delta Percentual da Agressividade Física e Verbal

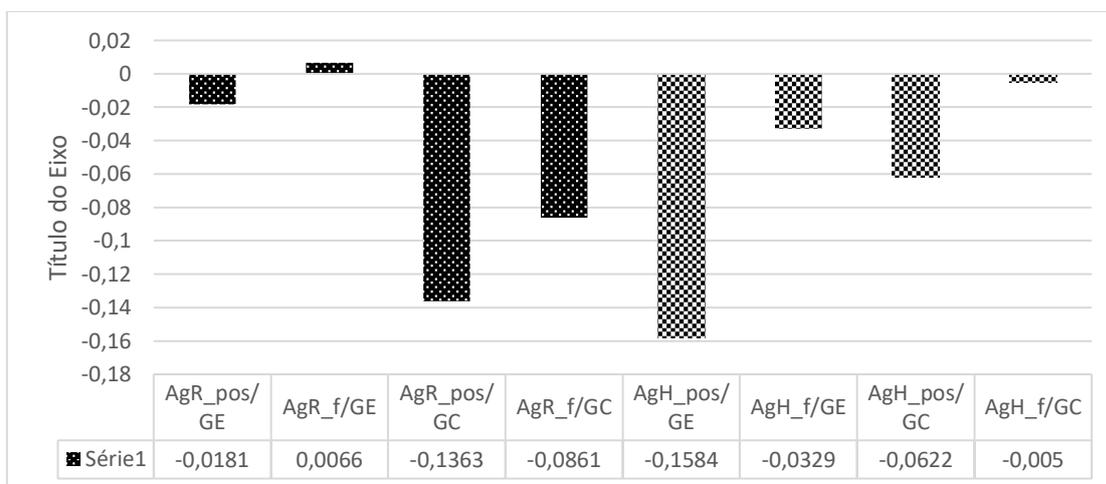


Gráfico 10 – Análise Delta Percentual da Agressividade Raiva e Hostilidade

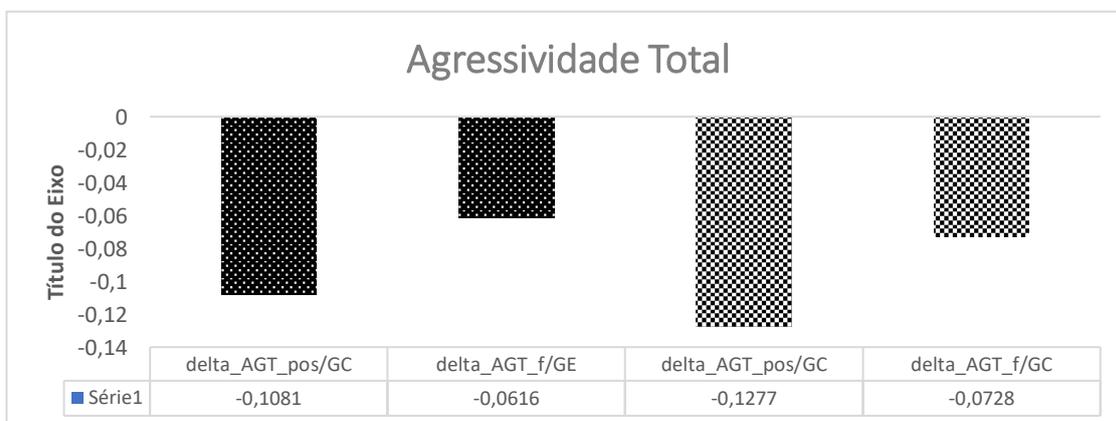


Gráfico 11 – Análise Delta Percentual da Agressividade Total

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

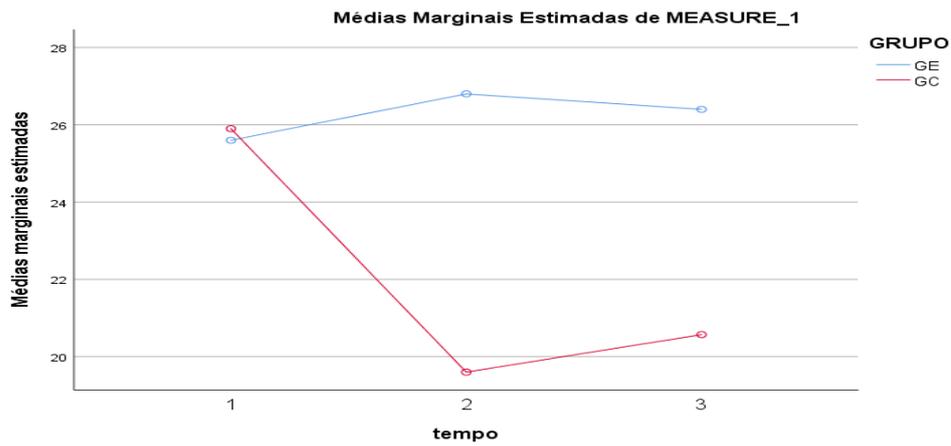


Gráfico 12 – Análise ANOVA Fatorial da Agressividade Física

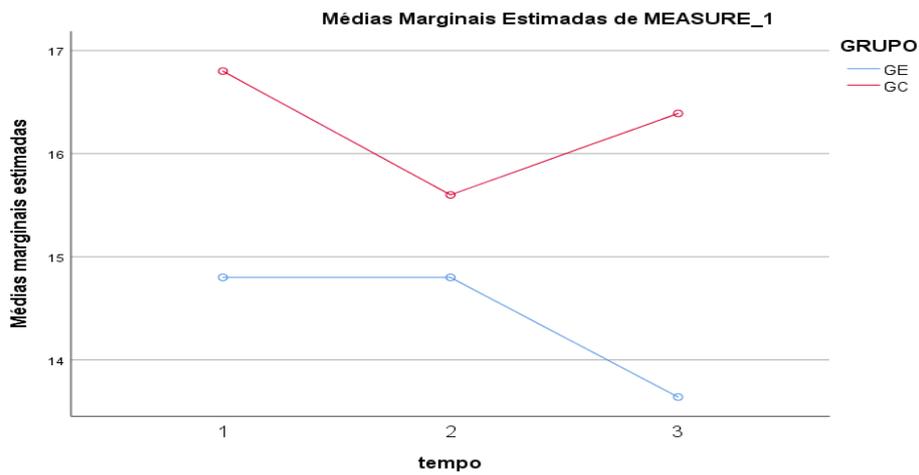


Gráfico 13 – Análise ANOVA Fatorial da Agressividade Verbal

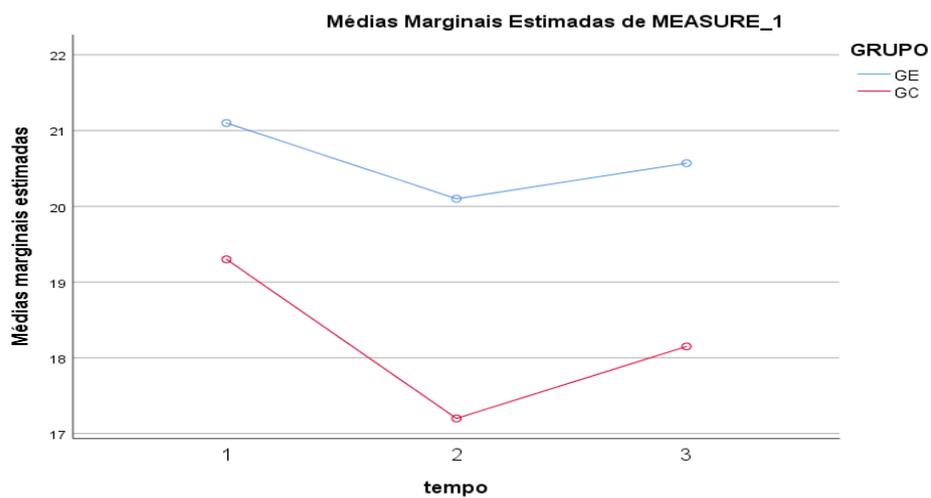


Gráfico 14 – Análise ANOVA Fatorial da Agressividade Raiva

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

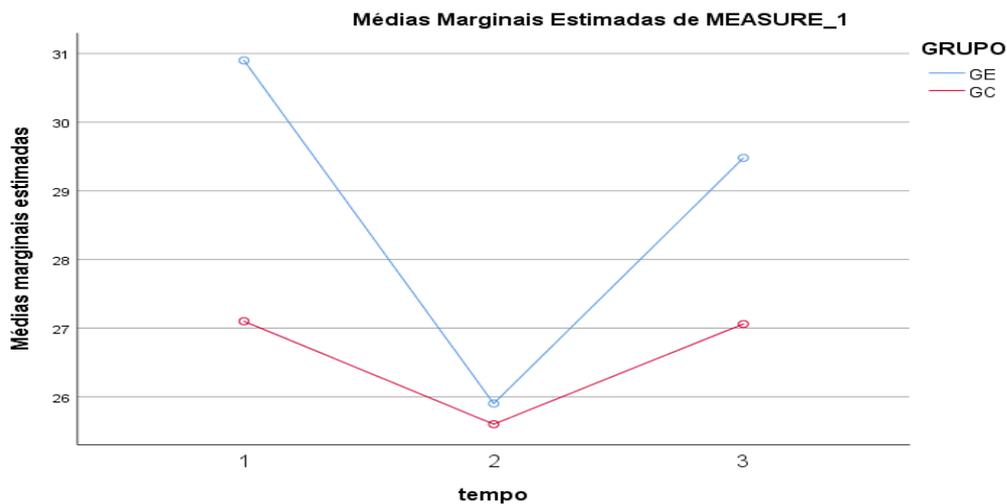


Gráfico 15 – Análise ANOVA Fatorial da Agressividade Hostilidade

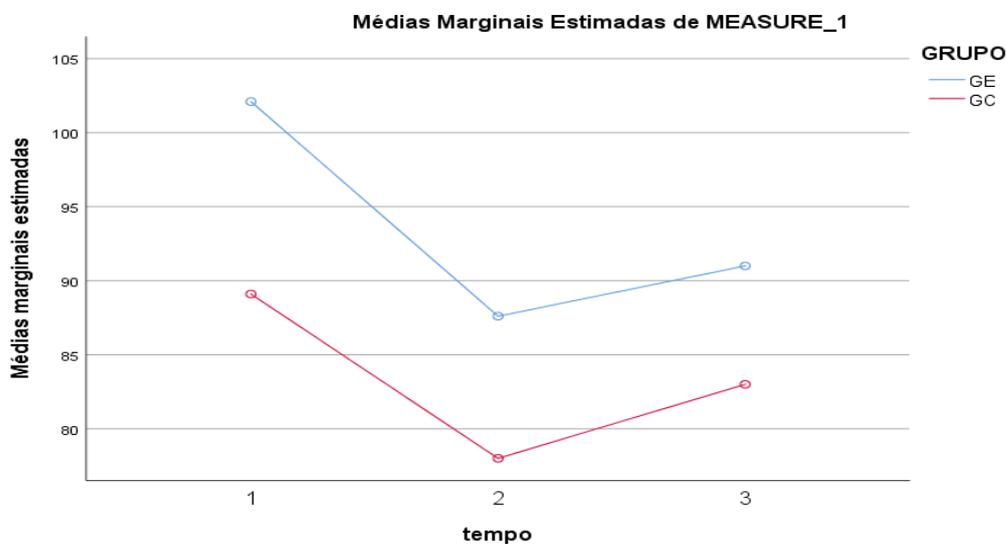


Gráfico 16– Análise ANOVA Fatorial da Agressividade Total

4.2. Análise de conteúdo

Para melhor compreender a percepção da intervenção com os participantes do grupo experimental, foi realizado um relato de testemunho, de forma livre ao término do período de intervenções. Como forma de organização das ideias contidas no testemunho, seguiu-se as dimensões trabalhadas correspondentes aos objetivos específicos da intervenção. São doze as dimensões que correspondem aos objetivos específicos propostos, são elas: enriquecimento e reconhecimento de experiências corporais; vivência

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

de experiências corporais positivas; promoção de estados emocionais positivos; promoção da autoestima; diminuição da impulsividade e da agressividade; promoção do relaxamento; promoção da confiança; promoção da empatia e tomada de perspectiva do outro; estimular o desejo de pertença; despertar para sentimentos de comunhão; desenvolvimento de atitudes pró-sociais e promoção da integração com pares. Dentro de cada uma destas dimensões emergiram categorias e/ou subcategorias decorrentes da uma pré-análise dos testemunhos, buscando identificar os tópicos em evidências, em busca de unidades mínimas de significação.

Na dimensão “enriquecimento e reconhecimento de experiências corporais” emergiram as seguintes categorias: “expressão de emoções”, “descoberta”, “novas experiências corporais”, “bem-estar/satisfação” e “tristeza/pesar pelo término”.

Na dimensão “vivência de experiências corporais positivas” foram identificadas quatro categorias “evocação de memória”, “mudança” (com as subcategorias “corpo ativo e “criatividade”), “prazer da atividade” e “memória corporal”.

Na terceira dimensão “promoção de estados emocionais positivos” emergiram três categorias: “liberdade”, “transformação” e “força de vontade”.

Na quarta dimensão “promoção da autoestima” foram identificadas a categoria “cognição positiva” e a categoria “autoestima elevada”.

Na quinta dimensão “diminuição da impulsividade e da agressividade” emergiram três categorias: “autocontrole”, “controle da agressividade” e “diminuição do *stress* e raiva”.

Na sexta dimensão “promoção do relaxamento” emergiu a categoria “sentir-se relaxado”.

Na sétima dimensão “promoção da confiança” emergiram três dimensões: “autocontrole”, “capacidade” e “autoconhecimento”.

Na oitava dimensão “estimular o desejo de pertença” emergiu a categoria “sentimento de pertença”.

Na nona dimensão “despertar para o sentimento de comunhão” emergiu a categoria “consideração”.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Na décima dimensão “desenvolvimento de atitudes pró-sociais” emergiu a categoria “interação relacional”.

Por fim na décima primeira dimensão “promoção da integração com pares” emergiu a categoria “interação social”.

A dimensão “promoção de empatia e tomada de perspectiva do outro”, presente nos objetivos específicos da intervenção, não foi contemplada e categorizada, devido à não percepção dessa dimensão nas falas dos testemunhos. Este ocorrido pode ter sido devido à pouca e restrita fala das detentas no testemunho. Contudo, este dado revela a pouca capacidade de empatia desta população amostra, enquanto efeito de uma intervenção com 12 semanas.

De seguida serão apresentados os resultados detalhados de cada dimensão, associada a cada um dos objetivos propostos para a intervenção, e caracterizado nas respetivas categorias e subcategorias. Posteriormente segue os quadros constando as categorias, subcategorias, o número de vezes que a categoria ou subcategoria foi referenciada (N); o número de participantes que referenciaram a categoria ou subcategoria (n), a percentagem referente a abordagem de cada categoria ou subcategoria apresentada (%) e os exemplos com as falas dos testemunhos.

Na dimensão I “enriquecimento e reconhecimento de experiências corporais” foi considerado a percepção corporal e de sentimentos dentro da perspectiva intrapessoal. Os resultados desta primeira dimensão apresentam e revelam um significado relevante, como pode ser verificado do Quadro 2, aonde a categoria “bem-estar/ satisfação” que refere-se ao contentamento e a uma qualidade de vida pela prática da dança, foi a mais referenciada, apresentando um total de oito referências (100%), revelando um efeito positivo da intervenção nesta perspectiva.

A segunda categoria mais referenciada aponta a “descoberta” e a “tristeza /pesar pelo término ambas com três referências (37.5%), referindo-se ao significado da dança e o gosto pela prática da dança.

As últimas categorias referenciadas, demonstradas pela “expressão de emoções” e pelas “novas experiências corporais”, ambas com duas referências (25%), referem-se

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

respetivamente à capacidade de autoexpressão pela dança e seus efeitos positivos em relação ao corpo, atitude e ao gosto despertado pela prática da dança (Ver Quadro 2).

De forma sintetizada o “bem-estar/ satisfação”, assume como a categoria mais expressiva, ou seja, dentre os objetivos específicos da intervenção este ponto foi o mais contemplado dentro da dimensão I.

Na dimensão II “vivência de experiências corporais positivas” também foi considerado a percepção corporal e de sentimentos dentro da perspectiva intrapessoal. Nesta dimensão foram identificadas quatro categorias passíveis de observação no Quadro 3. A categoria mais referenciada foi a “mudança” com seis referências (75%), englobando os efeitos de autotransformação percebidos e revelados nas subcategorias “corpo ativo” (37.5%) referindo-se as transformações sentidas pelo corpo e “criatividade” (37.5%) referindo-se aos significados positivos sobre a ação de criar.

A segunda categoria “evocação de memória”, com quatro referências (50%), está associada a ação da dança no cognitivo. A terceira categoria referente ao “prazer na atividade”, foi referenciada duas vezes (25%) e refere-se à identificação com os efeitos positivos pela prática da dança.

A última categoria “memória corporal”, foi referenciada uma vez (12.5%), e engloba sobre a continuidade da ação da dança no corpo e na memória (Ver Quadro 3).

De forma sintetizada a categoria “mudança” assume como a categoria mais expressiva, enquanto efeito da intervenção pela dança dentro da dimensão II.

Na dimensão III “promoção de estados emocionais positivos”, foi considerado a percepção emocional dentro da perspectiva intrapessoal. Foi revelado nesta dimensão três categorias visíveis no Quadro 4. A categoria mais significativa foi a “transformação” sendo referenciada oito vezes (100%), e representa o significado da intervenção na transformação emocional pessoal.

A segunda categoria mais relevante foi a “liberdade”, sendo referenciada duas vezes (25%), e refere-se ao momento da vivência da dança com um sentido libertador.

A última categoria foi a “força de vontade”, referenciada uma vez (12.5%), referindo-se ao sentimento de capacidade (Ver Quadro 4).

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

De forma sintetizada a categoria “transformação” assume como a categoria mais expressiva, enquanto efeito da intervenção pela dança dentro da dimensão III.

Na dimensão IV “promoção da autoestima”, foi considerado também a percepção emocional dentro da perspectiva intrapessoal. Foi destacado nesta dimensão duas categorias, a primeira “cognição positiva” referenciada quatro vezes (50%), referindo-se ao significado da dança enquanto estimulador de pensamentos positivos.

A segunda categoria “autoestima elevada”, com três referências (37.5%), refere-se sobre a interferência da dança para a construção de uma autoestima positiva (Ver Quadro 5).

De forma sintetizada a categoria “cognição positiva” assume como a categoria mais expressiva, enquanto efeito da intervenção pela dança dentro da dimensão IV.

Na dimensão V “diminuição da impulsividade e da agressividade”, foi considerado a percepção comportamental dentro da perspectiva intrapessoal. Foi abordada nesta dimensão três categorias vistas no Quadro 6. A categoria “autocontrole” foi referenciada quatro vezes (50%), e abrange o efeito da dança enquanto gerador de aspectos comportamentais positivos. Em relação a categoria “controle da agressividade”, o número de referência também foi de quatro vezes (50%), e refere-se sobre a interferência positiva da dança em comportamentos agressivos.

A terceira categoria foi a “diminuição da raiva e *stress*”, sendo referida duas vezes (25%), e abrange a influência da dança no *stress* e também na agressividade raiva (Ver Quadro 6).

De forma sintetizada a categoria “autocontrole” e “controle da agressividade” assumem como as categorias mais expressivas e de igual peso, enquanto efeito da intervenção pela dança dentro da dimensão V.

A VI dimensão “promoção do relaxamento”, considerou também a percepção comportamental dentro da perspectiva intrapessoal. Esta dimensão apresentou uma categoria “sentir-se relaxado”, sendo referida apenas uma vez (12.5%), e abrange sobre a percepção do efeito da relaxação (Ver Quadro 7).

Na VII dimensão “promoção da confiança” foi considerado a percepção emocional em uma perspectiva interpessoal. Esta dimensão apresentou três categorias. A

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

primeira sendo “capacidade” retratada três vezes (37.5%), referindo-se aos aspetos positivos da dança para despertar o sentimento de sentir-se capaz.

A segunda categoria foi “autocontrolo” com uma referência (12.5%), e referindo-se à capacidade de controlar a si mesmo. Seguida da categoria “autoconhecimento” também com uma referência (12.5%) e abrangendo a capacidade de conhecer a si mesmo. Ambas relatam sobre o processo de interiorização pela dança (Ver Quadro 8).

De forma sintetizada a categoria “capacidade” assume como a categoria mais expressiva, enquanto efeito da intervenção pela dança dentro da dimensão VII.

Na VIII dimensão “estimular o desejo de pertença” foi considerado também a percepção emocional em uma perspectiva interpessoal. Nesta dimensão foi percebida somente uma categoria “sentimento de pertença”, referida cinco vezes (62.5%) e abrange a necessidade de pertencer a grupos. Estes dados revelam um significativo resultado sobre o gosto de pertencer a um grupo de dança (Ver Quadro 9).

Na IX dimensão “despertar para o sentimento de comunhão”, foi considerado também a percepção emocional em uma perspectiva interpessoal. Para esta dimensão foi criada uma categoria “consideração”, esta foi referida três vezes (37.5%) e refere-se aos processos relacionais, atestando uma tímida influência da intervenção nas relações sociais (Ver Quadro 10).

Em relação aos objetivos da intervenção para a disposição pró-social em uma perspectiva interpessoal, a X dimensão “desenvolvimento de atitudes pró-sociais”, apresentou uma categoria “interação relacional”, sendo referida três vezes (37.5%) e considerou aspetos da interação social. Este dado revela uma tímida significância da intervenção no aspeto relacional (Ver Quadro 11).

A última dimensão “promoção da integração com pares”, foi também considerado a disposição pró-social em uma perspectiva interpessoal. Esta dimensão apresentou a categoria “interação social”, sendo referida no total quatro vezes (50%), e considerou o grupo e as interações possíveis dentro dele. Esta categoria foi subdividida em duas subcategorias o “contentamento” referida uma vez (12.5), referindo-se ao sentir-se bem por estar inserida em um grupo e a subcategoria “mudança” referida três vezes

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

(37.5) e abordando as mudanças comportamentais em situação de grupo. Estes dados demonstram uma significativa influência da dança nas mudanças pessoais interferindo nas relações sociais (Ver Quadro 12).

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Quadro 2

Categorias e subcategorias da Dimensão I - Enriquecimento e reconhecimento de experiências corporais

Categoria	Subcategoria	N	n	%	Exemplos
Expressão de emoções		2	1	25	<i>“Expresso todos os meus sentimentos através da dança, todos os meus tormentos, alegrias, tristezas”</i> (T1)
Descoberta		3	3	37.5	<i>“A dança foi mais que uma dança, foi um aprendizado”</i> (T1) <i>“A dança para mim é maravilhosa, significativa”</i> (T2) <i>“No começo eu achei muito chato, porque eu disse que não era o tipo de dança que eu gostava de dançar”</i> (T6)
Novas experiências corporais		2	2	25	<i>“A partir das danças eu estou amolecendo mais o corpo, estou ficando mais solta, estou ficando mais ousada”</i> (T3) <i>“No começo eu achei muito chato, porque eu disse que não era o tipo de dança que eu gostava de dançar”</i> (T6)
Bem-estar/satisfação		8	5	100	<i>“A dança é tudo para mim”</i> (T3) <i>“Então estes três meses foi muito bom para mim”</i> (T6) <i>“Porque a dança é maravilhoso”</i> (T8) <i>“A dança é uma coisa que eu gosto de fazer”</i> (T8)
Tristeza/pesar pelo término		3	3	37.5	<i>“Vou sentir falta se não tiver mais a dança”</i> (T3) <i>“E estou até triste porque já tá chegando à temporada”</i> (T4) <i>“Então estou muito triste porque já está acabando estes três meses”</i> (T6)

Nota: N: número de vezes que à categoria ou subcategoria foi referenciada; n: número de participantes que referenciaram a categoria ou subcategoria; %: percentagem referente a abordagem de cada categoria ou subcategoria apresentada.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Quadro 3

Categorias e subcategorias da Dimensão II - Vivência de experiências corporais positivas

Categoria	Subcategoria	N	n	%	Exemplos
Evocação de memória		4	2	50	<p><i>“Tinha perda de memória, depois da dança eu consegui ter lembranças” (T1)</i></p> <p><i>“Hoje com essa dança eu voltei ao meu passado” (T5)</i></p>
Mudança	Corpo ativo	3	2	37.5	<p><i>“Participando das aulas, eu venho adquirindo mais capacidade e conhecimento, de conseguir sair da ociosidade” (T1)</i></p> <p><i>“Antes da dança entrar na minha vida aqui no PREFEM, eu era sedentária, uma pessoa que só vegetava, porque tudo aqui virava rotina” (T8)</i></p>
	Criatividade	3	2	37.5	<p><i>“Abriu portas para a gente, não porta visível, mas invisível como: flexibilidade, mais vontade de dançar” (T8)</i></p> <p><i>“De repente veio essa dança, coisa assim que nunca tinha feito, um exemplo trabalhar com minha mente, trabalhar com minha criatividade, criar coisas novas, coisas que eu não andava criando” (T6)</i></p> <p><i>“Aprendi coisas novas, danças novas que eu nem conhecia que existia esse tipo de dança, de levar sua mente para outro lugar, de ser, pensar de ser um pouco livre” (T6)</i></p> <p><i>“Através da professora tudo expandiu na minha vida, parece que sobe um negócio daqui de dentro, como se você tivesse grávida, um negócio assim um reboliço dentro da barriga, tão gostoso, que é a dança, que quando você vai olhar, mesmo sem a música, você tá mexendo o corpo” (T8)</i></p>
	Total	6	4	75	
Prazer da atividade		2	2	25	<p><i>“Antigamente eu não gostava, no começo eu não gostei, né, mas depois aí quando eu passei a vim de novo, aí eu fui gostando, gostando e agora eu não quero perder mais” (T3)</i></p> <p><i>“Muitas vezes eu erro em alguns passos, não vou mentir, mas é bom” (T5)</i></p>
Memória corporal		1	1	12.5	<p><i>“Quando eu entro para a cela eu fico só imaginando os passos que a professora me ensinou” (T5)</i></p>

Nota: N: número de vezes que à categoria ou subcategoria foi referenciada; n: número de participantes que referenciaram a categoria ou subcategoria; %: percentagem referente a abordagem de cada categoria ou subcategoria apresentada.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Quadro 4

Categorias e subcategorias da Dimensão III - Promoção de estados emocionais positivos

Categoria	Subcategoria	N	n	%	Exemplos
Liberdade		2	2	25	<p><i>“Faz eu me sentir menos presa e me sentir muito bem” (T2)</i></p> <p><i>“Na verdade, aqui eu me senti um pouco livre” (T6)</i></p>
Transformação		8	4	100	<p><i>“A partir do momento que veio essa dança, daí eu fui me soltando, me soltando e fui sendo uma pessoa diferente” (T3)</i></p> <p><i>“E também eu era tímida, eu andava que nem um homem e isso eu tinha vergonha, então a partir de um momento eu fui mudando aos poucos e me sinto uma mulher” (T3)</i></p> <p><i>“Ousada na dança e em conversar com as pessoas, porque eu era muito envergonhada” (T3)</i></p> <p><i>“Aprendi a gostar dela e a amar ela e a dança” (T3)</i></p> <p><i>“Hoje sou outra pessoa” (T4)</i></p> <p><i>“Antes de participar da dança corporal eu era ignorante” (T4)</i></p> <p><i>“Após participar da dança corporal me sinto muito bem, mais leve, mais calma” (T7)</i></p> <p><i>“Nós agora somos mais companheiras” (T8)</i></p>
Força de vontade		1	1	12.5	<p><i>“Porque quando a gente quer uma coisa, a gente consegue e só a gente querer” (T5)</i></p>

Nota: N: número de vezes que à categoria ou subcategoria foi referenciada; n: número de participantes que referenciaram a categoria ou subcategoria; %: percentagem referente a abordagem de cada categoria ou subcategoria apresentada.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Quadro 5

Categorias e subcategorias da Dimensão IV - Promoção da autoestima

Categoria	Subcategoria	N	n	%	Exemplos
Cognição positiva		4	3	50	<p><i>“Porque a dança fez a gente ver que a gente pode, a gente pode sim fazer algo mais, coisa novas” (T6)</i></p> <p><i>“Porque quando a gente quer uma coisa, a gente consegue é só a gente querer” (T5)</i></p> <p><i>“Eu danço pra caramba, é tudo que eu sei fazer” (T8)</i></p> <p><i>“Vaidade, que é o que a gente tem aqui né vaidade” (T8)</i></p>
Autoestima elevada		3	3	37.5	<p><i>“No começo eu até achei que eu não ia dar certo, por causa da minha autoestima que era muito agressiva, muito grossa” (T4)</i></p> <p><i>“Levantava minha autoestima, me senti uma pessoa de bem com a vida, com harmonia” (T7)</i></p> <p><i>“Deixou minha autoestima lá em cima, tenho mais vontade de me arrumar, de ajeitar meus cabelos, de botar uma coisa diferente, de criar” (T8)</i></p>

Nota: N: número de vezes que à categoria ou subcategoria foi referenciada; n: número de participantes que referenciaram a categoria ou subcategoria; %: percentagem referente a abordagem de cada categoria ou subcategoria apresentada.

Quadro 6

Categorias e subcategorias da Dimensão V – Diminuição da impulsividade e da agressividade

Categoria	Subcategoria	N	n	%	Exemplos
Autocontrole		4	3	50	<p><i>“Antes da dança eu era (...) agressiva, nervosa, sem paciência nenhuma” (T1)</i></p> <p><i>“Eu era ignorante, lá dentro com as minhas colegas de cela” (T3)</i></p>

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

					<p><i>“Eu não tinha paciência, eu era muito rebelde em relação lá dentro” (T4)</i></p> <p><i>“Eu discutia muito com as minhas colegas de cela” (T3)</i></p>
Controlo da agressividade		4	3	50	<p><i>“Antes da dança eu era muito agressiva” (T1)</i></p> <p><i>“Antes de eu vir para cá durante estes três meses, eu era muito agressiva” (T3)</i></p> <p><i>“Eu discutia muito com as minhas colegas de cela” (T3)</i></p> <p><i>“Eu era uma pessoa muito agressiva, com as minhas companheiras de cela” (T4)</i></p>
Diminuição do stress e raiva		2	1	25	<p><i>“Antes de participar da dança corporal eu era (...) estressada, ficava com muita raiva das pessoas, não conseguia controlar a minha raiva” (T7)</i></p> <p><i>“Me sentia muito bem na dança, consegui tirar meus stress” (T7)</i></p>

Nota: N: número de vezes que à categoria ou subcategoria foi referenciada; n: número de participantes que referenciaram a categoria ou subcategoria; %: percentagem referente a abordagem de cada categoria ou subcategoria apresentada.

Quadro 7

Categorias e subcategorias da Dimensão VI – Promoção do relaxamento

Categoria	Subcategoria	N	n	%	Exemplos
Sentir-se relaxado		1	1	12.5	<i>“Quando a professora pede para a gente relaxar, eu consigo voltar ao meu passado” (T1)</i>

Nota: N: número de vezes que à categoria ou subcategoria foi referenciada; n: número de participantes que referenciaram a categoria ou subcategoria; %: percentagem referente a abordagem de cada categoria ou subcategoria apresentada.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Quadro 8

Categorias e subcategorias da Dimensão VII – Promoção da confiança

Categoria	Subcategoria	N	n	%	Exemplos
Autocontrole		1	1	12.5	<i>“Depois da dança comecei a controlar os meus ânimos, a controlar os meus nervos, consigo controlar todas as ações do meu corpo” (T1)</i>
Capacidade		3	3	37.5	<i>“Tive capacidade de criar, tive a capacidade de copiar” (T1)</i> <i>“Teve a parte para criar os movimentos, que para mim foi um pouco difícil, como há muito tempo eu já não dançava mais, para mim foi um pouquinho complicado, mas eu consegui” (T5)</i> <i>“Porque eu não tinha isso na minha vida de criar, por ser uma interna não tinha capacidade” (T8)</i>
Autoconhecimento		1	1	12.5	<i>“Consegui conhecer cada ponto do meu corpo, consegui conhecer até a minha alma” (T1)</i>

Nota: N: número de vezes que à categoria ou subcategoria foi referenciada; n: número de participantes que referenciaram a categoria ou subcategoria; %: percentagem referente a abordagem de cada categoria ou subcategoria apresentada.

Quadro 9

Categorias e subcategorias da Dimensão VIII – Estimular o desejo de pertença

Categoria	Subcategoria	N	n	%	Exemplos
Sentimento de pertença		5	5	62.5	<i>“Consigno viver este mundo aqui da dança, esqueço aquele mundo que eu vivo lá dentro” (T1)</i> <i>“Vou sentir falta se não tiver mais a dança” (T3)</i> <i>“E estou até triste porque já tá chegando à temporada” (T4)</i> <i>“Achei muito gratificante fazer parte desse grupo, durante esse pouco tempo” (T5)</i>

Nota: N: número de vezes que à categoria ou subcategoria foi referenciada; n: número de participantes que referenciaram a categoria ou subcategoria; %: percentagem referente a abordagem de cada categoria ou subcategoria apresentada.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Quadro 10

Categorias e subcategorias da Dimensão IX – Despertar para o sentimento de comunhão

Categoria	Subcategoria	N	n	%	Exemplos
Consideração		3	2	37.5	<p><i>“Ela não faz diferença de pessoas, ela nos trata com igualdade e isso fez eu gostar mais e mais da dança corporal” (T1)</i></p> <p><i>“Ela não diferencia, não faz diferença de pessoas aqui quando ela está no nosso meio. Então para mim isso é muito significativo, porque o mundo lá fora, tem diferença entre uma presidiaria e uma pessoa que nunca foi presa” (T1)</i></p> <p><i>“Nós agora somos mais companheiras” (T8)</i></p>

Nota: N: número de vezes que à categoria ou subcategoria foi referenciada; n: número de participantes que referenciaram a categoria ou subcategoria; %: percentagem referente a abordagem de cada categoria ou subcategoria apresentada.

Quadro 11

Categorias e subcategorias da Dimensão X – Desenvolvimento de atitudes pró-sociais

Categoria	Subcategoria	N	n	%	Exemplos
Interação relacional		3	2	37.5	<p><i>“Não costumava gostar de estar perto de pessoas” (T1)</i></p> <p><i>“Nós agora somos mais companheiras” (T8)</i></p> <p><i>“Ela nos trata com igualdade e isso fez eu gostar mais e mais da dança corporal” (T1)</i></p>

Nota: N: número de vezes que à categoria ou subcategoria foi referenciada; n: número de participantes que referenciaram a categoria ou subcategoria; %: percentagem referente a abordagem de cada categoria ou subcategoria apresentada.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Quadro 12

Categorias e subcategorias da Dimensão XI – Promoção da integração com pares

Categoria	Subcategoria	N	n	%	Exemplos
Interação social	Contentamento	1	1	12.5	<i>“Me sinto feliz, não só pela dança, mas pela igualdade da professora conosco” (T1)</i>
	Mudança	3	2	37.5	<i>“Ousada na dança e em conversar com as pessoas, porque eu era muito envergonhada” (T3)</i> <i>“Eu discutia muito com as minhas colegas de cela” (T3)</i>
	Total	4	3	50	<i>“Nós agora somos mais companheiras” (T8)</i>

Nota: N: número de vezes que à categoria ou subcategoria foi referenciada; n: número de participantes que referenciaram a categoria ou subcategoria; %: percentagem referente a abordagem de cada categoria ou subcategoria apresentada.

5. Discussão dos Resultados

5.1. Questionário de Imagem do Corpo Bruchon Schweitzer

Os resultados do presente estudo apontam uma não significância da intervenção com a dança criativa e movimentos expressivos com esta população amostra, no tocante ao efeito da intervenção nas diferenças de percepção da imagem corporal inter-grupos e intra-grupos da Imagem Corporal Total (ICT) do GE e do GC, embora tenha ocorrido uma aumento das médias de pontuação e um crescimento percentual em relação aos valores encontrados antes da intervenção, estes resultados apresentaram-se tanto no GE como no GC.

Estes dados encontrados podem retratar que, embora experiências corporais com base em movimentos como a dança sejam sugeridos como influenciadores positivos na construção da imagem corporal (Leventhal & Schwartz, 1989, cit. por Koch, Kunz, Lykon & Cruz, 2014), o tempo de intervenção com a dança é apontado pelo estudo de Lewis e Scannel (1995) como um fator determinante sobre o impacto da dança em relação a imagem corporal. Lewis e Scannel (1995), relatam ainda que resultados satisfatórios para uma melhora da imagem corporal são encontrados em participante com mais de cinco anos de práticas de dança criativa. Debble-Hope (2000), reporta que dados qualitativos de seu estudo indicam uma melhora subjetiva na imagem corporal, em mulheres que participam de intervenção com movimentos autênticos, ao reportar sobre a adaptação psicológica em resposta a intervenções com movimentos autênticos.

Uma vez que a variância inter-grupal da variável imagem do corpo, reflete um escore entre 25 e 125 pontos, onde quanto mais alto o valor melhor é o escore para uma imagem corporal satisfatória, as detentas do GE apresentaram uma média da ICT pré-intervenção de 77 pontos e o GC uma média da ICT pré- intervenção de 76 pontos, valores estes indicativos de uma imagem corporal elevada sobre si mesmo presente nos dois grupos. Estes dados revelam que esta amostra apresentava antes mesmo da intervenção uma alta e favorável percepção de suas perspectivas sobre a ICT. Embora, estivessem fora dos padrões da imagem do corpo feminino propagada atualmente como o corpo magro (Grogan, 1999), a pertença social referente ao contexto da prisão, aponta indícios de uma imagem corporal fora desses padrões.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Estes dados encontrados, ratificam os dados do estudo de Andrade, Barbosa e Bargni (2018), onde apontam que, as mulheres privadas de liberdade de seu estudo, revelaram em relação ao corpo desejado, que 83,8% das mulheres, almejam estar acima do peso e 40% das mulheres obesas desejam manter o tamanho do corpo ou ainda aumentá-lo. Desse modo, evidenciou-se que a construção da imagem corporal e o referencial de corpo ideal no ambiente da prisão são muito complexos, indo para além de um corpo belo e esguio tradicionalmente desejado pela maior parte das mulheres na sociedade em geral.

Embora na dimensão 1 sobre o corpo fechado e acessível do Questionário de Imagem do Corpo (QIC), não tenha apresentado também um resultado significativo, ao analisar os escores das médias e as médias delta percentual, percebe-se um aumento indicativo de significância da intervenção, pois as médias do GE são superiores às do GC, e apresentam uma diferença entre os momentos pré- intervenção e pós- intervenção do GE, com médias superiores após a intervenção. Percebe-se também um pequeno aumento das médias delta percentual do GE de 0.05% no momento pós-intervenção e de 0.06% no momento follow-up em relação aos dados do momentos pré- intervenção. Sendo que o GC não apresentou nenhum aumento em suas médias na mesma dimensão.

Em relação as dimensões 2 que retrata a insatisfação e satisfação corporal, a dimensão 3 que retrata o corpo passivo e ativo e a dimensão 4 sobre o corpo tenso e sereno, não foram encontradas diferenças significativas, e também nenhum aumento de média com diferenças significativas entre os grupos. Nestas dimensões tanto o GE como o GC apresentaram aumento em suas médias, assim não ficando evidente se ocorreu ou não uma interferência da intervenção nas médias encontrada para o GE.

Levando em consideração que a imagem corporal é constituída por várias dimensões: pelo aspeto das propriedades da imagem, que envolvem pensamentos e valores relacionados com a aparência física, pelo corpo que interage com o ambiente, pelo corpo-*self* constituído pelas informações sensoriais e perceptivas, e por fim, pela memória do corpo, enquanto armazenamento das informações auto apropriadas (Pylvänäinen, 2003 cit. por Pylvänäinen & Lappalainen, 2018), é de se refletir sobre o resultado encontrado enquanto imagem corporal de mulheres detentas, levando em consideração todos os fatores que contribuem para esta construção dentro da cultura do presídio.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Partindo do entendimento de que a imagem corporal se constrói a partir de um corpo não isolado pelas possibilidades criadas na existência social, torna-se evidente a sua característica integrativa, influenciada por estruturas fisiológicas, emocionais e socioculturais, culminando esta interação numa imagem corporal individual, construída a partir da relação com várias pessoas (Schilder,1999 citado por Barros, 2005), fator que remete a construção da imagem corporal influenciada pelas relações construídas dentro da cultura do presídio.

Esta abordagem coloca em evidência a influência do ambiente da prisão, este entendido e representado como uma "instituição total" (Goffman, 1974), que envolve as detentas no contexto da "cultura do presídio" (Banks,2003; Montimer, 2017), vindo este espaço do presídio a promover pelas suas ações de rotinas diárias, a separação do indivíduo do mundo externo, e com isso a destituição da identidade pessoal e mortificação do seu Eu individualizado (Goffman, 1974).

Devido a situação da mulher no presídio ser marcada por um imprevisto institucional, onde se busca uma adaptação de um sistema masculino já existente, que ilustra e reflete o caráter androcêntrico do sistema prisional (Barcinski & Cunico, 2014; Banks, 2003), percebe-se este espaço como masculinizante (Colares & Chies, 2010; Banks, 2003). Este fator pode contribuir para uma percepção da imagem corporal produzida em contexto prisional, diferenciada das imagens corporais propagadas fora deste espaço de segregação e estigmas (Goffman, 1974), sendo influenciado pela "cultura do presídio" e pelas "dores do aprisionamento" como apontado por Sykes (1958), ao referir sobre o ponto de dor que é o ataque da autoimagem do prisioneiro, onde sua identidade é atingida pela ausência da convivência com a sua polaridade, seja esta feminina ou masculina.

Correlacionando estas ideias, a imagem corporal de mulheres detentas em muito pode se apresentar de forma diferenciada da imagem corporal propagada pela *media*, destoando assim da idealização de corpos magros e femininos (Colares & chies, 2010; Grogan,1999). Assim ratifica-se nas palavras de Barros (2005) o quanto "o corpo ...transforma-se em um palco de imagens corporais construídas" (p.553). Sendo construído em contexto prisional uma imagem diferenciada da imagem do corpo feminino propagada atualmente, que em muito é associada a idealizações que perpassam pelo belo,

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

saudável e jovem, onde o corpo magro virou uma obsessão, enquanto provedor de confiança, autoestima positiva e indicador de aceitação e pertença social (Grogan, 1999).

Esta imagem diferenciada pode ser percebida no estudo de Andrade, Barbosa e Bagni, (2018), ao apontar que mulheres em confinamento, podem apresentar outros padrões de referência para a construção do corpo adequado e desejável, podendo levar ao abandono do autocuidado e a outros riscos para a saúde mental e corporal.

5.2. Escala de Autoestima de Rosenberg

Em relação a autoestima os dados encontrados intra-grupos e inter-grupos não foram significativos em nenhum momento da intervenção no presente estudo. Este resultado pode ser indicativo da necessidade de um estudo com mais tempo de intervenção, como a indicação de estudos sobre a imagem do corpo (Lewis & Scannel, 1995), uma vez que a autoestima apresenta a imagem corporal como um componente seu significativo e crucial, para recuperação psicossocial de mulheres, apresentado no estudo de Goldov (2011) efetivado em mulheres com cancro.

Embora o tratamento pelo movimento autêntico da dança (AMT), seja indicado no estudo de Dibble-Hope (2000) como promotor de melhoras na autoestima e na imagem corporal, também é apontado nesse estudo que esta melhora é encontrada em análises qualitativas, não encontrando resultados positivos como resultado de análises quantitativas. Uma melhora da autoestima em mulheres obesas com problemas emocionais, pela ação da DMT é apontado no estudo de Meekums, Vaverniece, Marjore-Ducele e Rasnacs (2012).

Não há conhecimento e não foi encontrado estudo sobre a variável autoestima de forma direta com mulheres detentas, porem em relação ao contexto prisional o potencial das artes, incluindo a dança é citado pelo estudo de Stanley (2015) como adequado para estimular e desenvolver um forte senso de autoestima nessa população. Os efeitos positivos da dança em relação a autoestima são citados no estudo de Batcap (2013), ao referir-se sobre a psicoterapia do movimento de dança em relação as prisões.

Contudo percebe-se pelas médias encontradas no presente estudo, apresentando um *score* abaixo de 21 pontos, um *score* indicativo de baixa autoestima nesta população amostra, uma vez que o *score* da escala utilizada se apresenta entre 10 e 40 pontos, onde

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

valores abaixo de 32 pontos reportam-se sobre uma média e baixa autoestima. Estes dados ratificam as ideias de Gibbons (1997), quando retrata que a autoestima em contexto prisional é marcada duplamente, pela influência da baixa autoestima e pelo próprio ambiente da prisão. Neste contexto a falta de controlo sobre a própria vida, é citado como indicativo de baixa autoestima, evidenciando a necessidade de senso de responsabilidade e autonomia em programas reabilitadores na prisão (Hardesty, Hardwick & Thompson, 1993 cit. por Estino & Palmer, 1998).

Segundo estudo de Felicissimo, Ferreira, Soares, Silveira & Ronzani, (2013), estereótipos negativos encontrado em pessoas estigmatizadas, são demonstrativos de baixa autoestima pela internalização do estigma. Este relato contribui para o entendimento da baixa autoestima encontrada em mulheres detentas, que para além de serem estigmatizadas, apresentam histórico constituído de vitimização e violência sexual fatores indicativos de baixa autoestima em estudos (Assis & Constantino, 2001; Banks, 2003; Cardi, Milich, Harris, & Kearns, 2007; Voorhis, 2013).

5.3. Questionário de Agressividade de Buss & Perry

Relativamente a variável agressividade, este estudo buscou reportar sobre possíveis diferenças intra-grupos e inter-grupos pela ação de uma intervenção com dança, em relação a agressividade total e suas subescalas agressividade física, verbal, raiva e hostilidade. Salientando que quanto mais alto os *scores* encontrados maiores são os indicativos de comportamento violento, torna-se relevante destacar que os dados sobre a média da agressividade total do GE apresentaram um escore superior a média geral do GC, esses resultados podem sugerir que o GE apresentou como resultado estatístico características de um comportamento agressivo maior e mais intenso.

Em relação as subescalas agressividade física, agressividade verbal e agressividade raiva, os dados encontrados não foram significativos intra-grupos e nem inter-grupos, e apresentaram médias equivalentes entre os diferentes momentos dentro do grupo e entre os grupos. Porém em relação a agressividade hostilidade, apresentou-se uma diminuição das médias encontradas e um valor de $p = 0.07$, como um possível indicativo de significância da intervenção. Esta diminuição da hostilidade, ratifica os dados

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

encontrados em estudos que reportam sobre os efeitos de terapias artísticas na redução da raiva, tensão, *stress*, distorção cognitiva e melhorias no controlo de impulsos, expressão emocional, habilidades de enfrentamento, cumprimento de regras, entre outros (Batcup, 2013; Koch et al, 2015; Santos & Barreiros, 2015; Smeijsters et al. 2011; Stanley, 2015).

A diminuição da hostilidade, é percebida no estudo de Seibel (2008), quando descreve sobre uma visível diferença em comportamentos de mulheres detentas, após sessões com terapia de dança, onde a “hostilidade e o sarcasmo derreteram, substituídos por expressões calmas de gratidão” (p. 108).

Em referência a agressividade total, foi encontrado um valor intra-grupos e inter-grupos significativo, apresentando um valor de $p = 0.04$, porem a análise ANOVA Fatorial não identificou o momento significativo, devido ao valor de n (número da amostra) ser muito pequeno. Ainda assim, em relação a diminuição dos valores apresentados sobre as médias da agressividade total, ter sido encontrado tanto no GE como no GC, remete a uma impossibilidade de mensuração do real efeito da intervenção sobre o GE.

Este indício de valor significativo pode ser indicativo do efeito da intervenção sobre a variável agressividade, vindo assim a ratificar os efeitos da dança, do movimento autêntico e da expressividade na diminuição da agressividade, como encontrado no estudo de Smeijsters et al. (2011), ao descrever sobre o poder da expressividade em descarregar emoções e regular a raiva e a agressão.

O poder criativo e expressivo das artes é apontado no estudo de Milliken (2002), como capaz de viabilizar a cura e a reabilitação, por proporcionar a expressão de sentimentos como raiva, medo, frustração e sua consequente transformação. Esta autora indica também que programas artísticos de dança nas prisões, contribuem na redução do comportamento violento e na diminuição da reincidência, apontando uma redução de 75% nos problemas disciplinares, devido entre outras influências da arte, também ao seu envolvimento corporal, com consequências no controlo de impulsos, auto regulação, libertação apropriada de tensão e interação grupal (Milliken, 2002).

A diminuição de surtos de violência com reclusos masculinos é citada no estudo Williams (2013), ao descrever que o poder de transformação dos detentos ocorre devido

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

a disciplina ser promovida de forma prazerosa e não uma disciplina focada em punições, assim a dança é empregada como um programa disciplinar inovador que contribui para uma melhora na coesão social dentro da prisão.

Partindo do entendimento da agressividade enquanto uma manifestação comportamental reativa a uma situação de sofrimento, percebe-se esta influenciada por teorias que reportam sobre os aspectos pulsionais e outras que abordam a importância do aspecto relacional (Santos, 2008). Sendo a população amostra desta pesquisa, caracterizada por uma vulnerabilidade a históricos de vida construídos em contextos de violência e composto por traumas interpessoais, é de se esperar comportamentos agressivos, norteados por estados emocionais negativos (Cardi et al. 2007; Montimer, 2017). Estes fatores podem corroborar para o entendimento dos valores das médias da agressividade geral encontrada nesta pesquisa, terem sido altas tanto no GE como no GC.

Voorhis (2013), destaca que são vários os fatores de risco preditivos ao comportamento ofensor perante a população do contexto prisional. Diante da influência de vários fatores que contribuem com o surgimento de afetos negativos, vindo a gerar raiva, medo, desconfiança, ansiedade, advindas também das “dores do aprisionamento” (Sykes, 1974) e também comportamentos gerados por abstinência as drogas (Banks, 2003), percebe-se uma indução a várias dificuldades como a capacidade de descarregar emoções e a incapacidade de resolver problemas interpessoais, que podem levar a cognições negativas e como consequência modificar comportamentos e ou induzir a comportamentos agressivos, como abordado no estudo de Smeijsters et al., (2011).

Outro ponto a ser destacado perante essa população, corresponde a teoria da frustração, entendendo esta como um bloqueio a realização de um objetivo, que segundo Myers (2014), podem ocasionar redirecionamentos de comportamentos agressivos em meios sociais e ataques de raiva, enquanto reação da influência da privação relativa. A frustração é também apontada no estudo de Santos (2008), quando aborda a teoria da frustração de Dollard (1939), onde relata que a frustração induz a agressão e a agressão implica a existência de uma frustração.

O sentimento de incapacidade, entendido como uma frustração, apresenta-se muito presente na população presidiária em busca do controle do entorno e tomada de decisão, este ponto é evidenciado por Montimer (2017), ao reportar sobre o senso de

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

controle despertado em aulas de dança, vindo a promover oportunidades de tomada de decisão dentro do ambiente prisional.

Diante deste quadro de fatores de risco para o comportamento agressivo, torna-se relevante, estudos como o de Meekums e Daniel, (2011), onde ressaltam a melhoria da saúde mental do agressor e o aumento da alfabetização emocional, pelo despertar da capacidade de empatia e a administração de sentimentos difíceis como a raiva, evidenciando o potencial das artes em presídios com efeito positivo, tanto para o comportamento ofensivo como para o gerenciamento do ambiente da prisão.

5.4. Testemunho

Quanto aos resultados qualitativos apresentados pela análise de conteúdo dos testemunhos, os dados encontrados indicam uma significância da intervenção percebida nas falas das detentas, no tocante a maioria dos objetivos específicos da intervenção, contemplados na pesquisa.

Em relação aos objetivos norteados por uma dimensão intrapessoal, o objetivo “enriquecimento e reconhecimentos de experiências corporais”, foi notório nas falas das detentas a percepção de um contentamento pela prática da dança, externadas em falas como “*A dança é tudo para mim*” (T3), “*porque a dança é maravilhoso*” (T8). Estas falas contemplam o bem-estar/satisfação como um efeito positivo da intervenção percebido por elas. Outro ponto de destaque foi o significado da dança enquanto viabilizador de descoberta pelas experiências corporais vivenciadas, percebida em falas como “*a dança foi mais que uma dança, foi um aprendizado*” (T1). Também foi contemplado sentimentos de pesar e tristeza pelo término da intervenção, o estímulo pela dança, a capacidade de expressar emoções e o gosto despertado pela prática de novas experiências corporais. Estes pontos de destaque são validados por Voorhis (2013) e por Leonido e Montabes (2010), ao atestar sobre a necessidade de intervenções sensíveis ao gênero com infratoras, que desenvolvam entre outros o bem-estar. A melhora da qualidade de vida pela ação de oportunidades criativas artísticas é citada por Meekums e Daniel (2011), e Sinapios (2013), reporta sobre os processos de mudança viabilizados pela percepção corporal via movimentos da arte da dança, provocado pelo rompimento com a vida cotidiana na prisão.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Quanto ao segundo objetivo “vivências de experiências corporais positivas”, a mudança para um corpo ativo e o estímulo a criatividade, foram tópicos em destaque percebido nas suas falas. Evidenciando enquanto efeito da dança uma autotransformação, advindas de transformações sentidas no corpo e pela ação de criar. Este entendimento pode ser percebido em frases como “*Antes da dança entrar na minha vida aqui no PREFEM, eu era sedentária, uma pessoa que só vegetava, porque tudo aqui virava rotina*” (T8), “*De repente veio essa dança, coisa assim que nunca tinha feito, um exemplo trabalhar com minha mente, trabalhar com minha criatividade, criar coisas novas, coisas que eu não andava criando*” (T6). Estas falas enfatizam o poder da dança em provocar mudanças, por estimular novas ações dentro do espaço do presídio, vindo a corroborar com os dados encontrados por Milliken (2012), quando relata sobre os detentos sentirem uma mudança interior.

O aspecto cognitivo também foi contemplado pelas detentas, pela ativação da memória, enquanto um efeito positivo da prática da dança, citadas em frases como “*Tinha perda de memória, depois da dança eu consegui ter lembranças*” (T1), “*Hoje com essa dança eu voltei ao meu passado*” (T5). Este aspecto relata sobre o poder da dança, pelo movimento autêntico, facilitar a entrada do indivíduo no mundo interior da *psique* humana (Stromsted, 2009).

O prazer sentido pela prática da dança, também é abordado e percebido, “*Antigamente eu não gostava, no começo eu não gostei, né, mas depois aí quando eu passei a vir de novo, aí eu fui gostando, gostando e agora eu não quero perder mais*” (T3). Esta prática prazerosa segundo Williams (2013), apresenta um poder de transformação pela disciplina focada no prazer e não em punições.

O objetivo “promoção de estados emocionais positivos”, apresentou destaque para o elemento transformação pessoal, evidenciando o sentir-se mais solta, menos tímida, menos envergonhada, mais feminina, sentir amor, menos ignorante, mais calma, mais companheira, entre outras. Sendo clarificado em falas como “*E também eu era tímida, eu andava que nem um homem e isso eu tinha vergonha, então a partir de um momento eu fui mudando aos poucos e me sinto uma mulher*” (T3), “*Hoje sou outra pessoa*” (T4), “*Após participar da dança corporal me sinto muito bem, mais leve, mais calma*” (T7). Esta transformação sentida no corpo, como a feminilidade por exemplo, remete ao mundo da simbolização pela dança, a partir de metáforas corporais que

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

comunicam o estado interior pelo simbolismo dos movimentos incorporados (Victoria, 2012), e apoia o valor terapêutico da dança pela expressão de comportamentos possíveis, pelos movimentos que comunicam e transformam de forma não verbal estados interiores (Victoria, 2012).

Torna-se importante ressaltar sobre o elemento transformação, que a DMT reporta sobre a relação corpo e mente, onde as informações reveladas através dos movimentos de um indivíduo não precisam estar na consciência para serem significativos e causarem mudanças, devido a consciência corporal contribuir para o controle do cognitivo e a diversidade de movimentos refletir uma flexibilidade psicológica e uma capacidade de enfrentamento, vindo a intervir nas relações interpessoais (Acolin, 2016; Victoria, 2012). Halprin (2003), destaca que na terapia pela dança, a conexão corporeamente e a ativação criativa desempenham um importante papel, onde o movimento interno (como sensação, sentimento, imagem) e o sentimento externo, expresso pelo movimento da dança, refletem estados emocionais que podem levar a *insights* psicológicos e mudanças comportamentais.

O sentido libertador da dança, é abordado como sendo um momento onde as detentas sentem-se livres, “*Faz eu me sentir menos presa e me sentir muito bem*” (T2), “*Na verdade, aqui eu me senti um pouco livre*” (T6). Percebe-se presente nestas falas um elo entre o soma e a *psique*, podendo ocorrer pela seguinte relação, uma vez ocorrida mudanças nos movimentos, o mesmo ocorre com a *psique*, trazendo novos estados físicos, novas imagens e novas experiências (Halprin, 2012). Também o sentimento de capacidade, estimulado pela dança é timidamente referido, evidenciando a força de vontade instigada pela dança.

Em relação ao objetivo “promoção da autoestima”, este foi fortemente percebido através de cognições positivas sobre si mesmo, “*Porque a dança fez a gente ver que a gente pode, a gente pode sim fazer algo mais, coisa novas*” (T6) e também pelo aumento da autoestima, apontadas por elas em frases como “*Levantava minha autoestima, me senti uma pessoa de bem com a vida, com harmonia*” (T7), “*Deixou minha autoestima lá em cima, tenho mais vontade de me arrumar, de ajeitar meus cabelos, de botar uma coisa diferente, de criar*” (T8). Estas falas remetem ao entendimento que o controle promovido pelo domínio do movimento da dança, pode despertar a sensação de autodomínio, vindo a contribuir com uma autopercepção positiva, uma autoconfiança e conseqüentemente uma

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

imagem corporal e autoestima mais elevada (Hanna, 1995). Diante das falas percebe-se uma percepção da autoconfiança, ratificando a ideia de que mudanças comportamentais em detentos, advém de melhorias proporcionadas na autoestima (Smeijsters et al. 2011).

Quanto ao objetivo “diminuição da impulsividade e agressividade”, verificou-se que a intervenção promoveu um aumento do autocontrole e uma diminuição de comportamentos agressivos, sendo muito referenciado pela detentas e percebido em frases como “*Antes da dança eu era (...) agressiva, nervosa, sem paciência nenhuma*” (T1), “*Eu era ignorante, lá dentro com as minhas colegas de cela*” (T3), “*Eu era uma pessoa muito agressiva, com as minhas companheiras de cela*” (T4). Também é citada a diminuição do *stress* e raiva como efeito da prática da dança, “*Antes de participar da dança corporal eu era (...) estressada, ficava com muita raiva das pessoas, não conseguia controlar a minha raiva*” (T7), “*Me sentia muito bem na dança, consegui tirar meu stress*” (T7). Percebe-se nestas falas possibilidades do efeito da intervenção pela dança na agressividade percebida por elas, o que ratifica como efeito das terapias artísticas, a redução da raiva, tensão, *stress*, distorção cognitiva, melhoria no controle de impulsos, expressão emocional, habilidade de enfrentamento e outros citados por Batcup (2013); Koch et al (2015); Santos e Barreiros (2015); Smeijsters et al. (2011) e Stanley (2015).

Em relação ao objetivo “promoção do relaxamento”, percebeu-se uma dificuldade das detentas em atrelar os efeitos sentidos a este momento da intervenção, sendo então levemente abordado apenas por uma detenta ao reportar sobre o sentir-se relaxado, como um momento de lembranças. Em suas palavras “*Quando a professora pede para a gente relaxar, eu consigo voltar ao meu passado*” (T1).

Quanto aos objetivos norteados por uma dimensão interpessoal, o objetivo “promoção da confiança” apresentou o sentimento de capacidade como um efeito positivo estimulado pela dança, “*Tive capacidade de criar, tive a capacidade de copiar*” (T1), “*Porque eu não tinha isso na minha vida de criar, por ser uma interna não tinha capacidade*” (T8). Em seguida foi abordado processos de interiorização pela dança pelo autocontrole e pelo autoconhecimento, enfatizando a capacidade de controlar e conhecer a si mesmo, percebido em suas palavras “*Depois da dança comecei a controlar os meus ânimos, a controlar os meus nervos, consigo controlar todas as ações do meu corpo*” (T1), “*Consegui conhecer cada ponto do meu corpo, consegui conhecer até a minha alma*” (T1). Esta falas remetem ao espaço de expressão individual, promovido pelo

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

diálogo criativo das artes, sendo um provedor de confiança (Sinapios, 2013), ressaltando a arte no espaço prisional como de forte valor nos níveis pessoal, interpessoal e social, uma vez que pelos processos criativos das artes, pode-se criar espaços de conscientização pessoal e aprendizado sobre si mesmo, podendo levar ao crescimento pessoal (Mullen, 1999). Neste contexto, o aumento dos níveis de conforto e confiança em programas de arte, promovem uma disposição em interiorizar o olhar, para abordar questões difíceis e a capacidade de sentir emoções que foram reprimidas ou esquecidas (Mullen, 1999). Segundo Seibel (2008), a necessidade de criar confiança em se mesmo e no outro, pode influenciar diminuindo a hostilidade no cenário da prisão.

Quanto ao objetivo “estimular o desejo de pertença”, foi evidenciado o sentimento de pertença ao grupo de dança como algo positivo, atribuindo assim uma considerada importância ao grupo, “*Consigo viver este mundo aqui da dança, esqueço aquele mundo que eu vivo lá dentro*” (T1), “*Achei muito gratificante fazer parte desse grupo, durante esse pouco tempo*” (T5). Nestas falas, percebe-se a importância do significado de construir relacionamentos dentro de uma aula de dança, que podem ajudar pela construção de relações positivas e interação social, a fornecer um senso de significância e pertença (Montimer, 2017).

O objetivo “estimular para o sentimento de comunhão” complementa o objetivo anterior, ao apontar a consideração sendo abordada referindo-se aos processos relacionais, e percebida fortemente na expressão “*Nós agora somos mais companheiras*” (T8). Evidencia-se assim, o efeito positivo da dança em grupo para as relações sociais. Segundo Milliken (2002), a arte e seu envolvimento corporal influenciam nas prisões com o controle de impulsos, auto regulação, liberação de tensões e interação grupal.

Quanto ao objetivo “desenvolvimento de atitudes pro-sociais”, evidenciou-se a interação relacional, atribuindo a dança o feito estimulador de interação social, como um ganho positivo e significativo para as detentas, e percebido em suas falas “*Não costumava gostar de estar perto de pessoas*” (T1), “*Nós agora somos mais companheiras*” (T8). Estes relatos induzem ao poder de cura através do sentimento de comunhão pela criação coletiva, ressaltado no estudo de Wilson (2013). Este poder da dança em favorecer o comportamento pró-social é também abordado por Behrends, Muller e Dziobek (2012); Santos (2008). Uma melhora nas habilidades interpessoais é citada também por Seibel (2008), reportando sobre o grupo parecer mais comunicativo após as sessões de dança.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Por fim, o objetivo “promoção da integração com pares” evidenciou a interação social, havendo um destaque para a consideração das interações possíveis dentro do grupo. Esta interação foi apresentada na forma de contentamento, referindo-se aos sentir-se bem pela inserção em grupo e na forma de mudança, referindo-se a mudanças comportamentais em situação de grupo. Este entendimento pode ser percebido nas suas falas “*Ousada na dança e em conversar com as pessoas, porque eu era muito envergonhada*” (T3), “*Eu discutia muito com as minhas colegas de cela*” (T3). Através destas falas evidencia-se a importância do processo grupal da dança, também citado nos estudos de Pylvainema e Lappalainenb (2018), quando relatam uma melhora na interação social através da estimulação da tolerância com outras pessoas, da coragem para abordar outras pessoas, da capacidade de agir em situações sociais e a vivência de experiências positivas de apoio entre os pares, pela ação da DMT em mulheres com depressão. Seibel (2008) relata que pela ação de movimentos autênticos da dança, com mulheres detentas, ocorreu uma diminuição da hostilidade e do sarcasmo, sendo estas atitudes substituídas por expressões de calma e gratidão.

Embora estudos relatem sobre efeitos interacionais da dança, para uma melhor disposição pró-social em relação a empatia (Behrends, Muller & Dziobek, 2012; Santos, 2008), o objetivo “promoção de empatia e tomada de perspectiva do outro”, não foi identificado nas falas dos testemunhos. Diante deste fato, pode-se refletir sobre a pouca percepção, entendimento e efetivação de comportamentos e sentimentos de empatia perante esta população, durante este espaço temporal de intervenção.

5.5. Discussão integrada dos resultados

Após a discursão de forma isolada, dos dados qualitativos e quantitativos, torna-se relevante pela busca de significância da intervenção do presente estudo, tentar compreender através do cruzamento destes dados, pontos contribuintes para a relevância do estudo das variáveis imagem do corpo, autoestima e agressividade, e conseqüente relevância da própria investigação.

Em relação a variável imagem do corpo e suas quatro dimensões, percebe-se nos dados quantitativos uma não significância quanto ao efeito desta intervenção com doze semanas, nesta população presidiária. Contudo fica evidenciado, que o tempo de

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

intervenção longo, é visto em estudos (Lewis & Scannel, 2014) como fator determinante, para promover resultados satisfatórios, enquanto influenciador positivo na construção da imagem do corpo. Porém, torna-se importante ressaltar que mulheres detentas apresentam uma percepção da imagem corporal produzida em contexto prisional, diferenciando esse corpo dos padrões de referência fora deste espaço (Andrade, Barbosa & Bargni, 2018).

Em relação a dimensão I sobre o corpo fechado e acessível do QIC, percebe-se indícios de significância da intervenção ao verificar um aumento das médias após a intervenção no GE. Corroborando com estes dados, percebe-se através dos discursos das detentas, indícios de efeitos da intervenção em relação a transformações físicas e comportamentais pela prática da dança, a exemplo *“A partir das danças eu estou amolecendo mais o corpo, estou ficando mais solta, estou ficando mais ousada”* (T3).

Em relação a dimensão II sobre a Insatisfação/ satisfação corporal do QIC, embora não tenha sido encontrada diferenças significativas e também nenhum aumento de médias significativas entre os grupos, percebe-se indícios do efeito da intervenção em falas como: *“E também eu era tímida, eu andava que nem um homem e isso eu tinha vergonha, então a partir de um momento eu fui mudando aos poucos e me sinto uma mulher”* (T3), *“Porque a dança é maravilhoso”* (T8), *“Vou sentir falta se não tiver mais a dança”* (T3). Estas falas elucidam transformações corporais pela prática da dança e também transformações a nível de comportamento pela ação corporal simbolizada, exemplificada pela feminilidade. Percebe-se também nestas falas um contentamento via ação corporal, como viabilizador de bem-estar e satisfação.

Em relação a dimensão III do QIC, que retrata o corpo passivo e ativo, também não foi encontrado diferenças significativas e nem diferenças de médias entre os grupos, porém falas como estas: *“A dança é uma coisa que eu gosto de fazer”* (T8), *“Participando das aulas, eu venho adquirindo mais capacidade e conhecimento, de conseguir sair da ociosidade”* (T1), *“Antes da dança entrar na minha vida aqui no PREFEM, eu era sedentária, uma pessoa que só vegetava, porque tudo aqui virava rotina”* (T8), *“Porque a dança fez a gente ver que a gente pode, a gente pode sim fazer algo mais, coisa novas”* (T6), *“Tive capacidade de criar, tive a capacidade de copiar”* (T1), elucidam uma autotransformação pela capacidade despertada pela prática da dança, onde evidenciam a importância do corpo ativo para elas, tanto em relação ao combate do sedentarismo, como pelo sentimento de capacidade e criatividade despertado pela dança.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Estes entendimentos sugerem uma significância da intervenção, percebida pelas detentas, através da ação corporal de estar em movimento propriamente dito.

Por fim a dimensão IV do QIC, que aborda sobre o corpo tenso e sereno, também não apresentou resultados qualitativos significativos, mas os relatos nos testemunhos mencionam um autocontrole corporal e um sentimento de soltura corporal, que induz a uma significância da intervenção percebida por elas. Este entendimento pode ser vislumbrado nas seguintes falas “*Após participar da dança corporal me sinto muito bem, mais leve, mais calma*” (T7), “*Faz eu me sentir menos presa e me sentir muito bem*” (T2), “*Depois da dança comecei a controlar os meus ânimos, a controlar os meus nervos, consigo controlar todas as ações do meu corpo*” (T1).

Em síntese, apesar da imagem corporal não ter sido abordada de forma direta nos relatos dos testemunhos das detentas, nas entrelinhas dos discursos pode-se perceber que elas se sentiram bem com o seu corpo, durante as vivências práticas da dança no período da intervenção. Esta leitura vem a ratificar, que embora aparentemente a maioria delas estivessem fora do peso e do modelo de corpo magro idealizado socialmente (Colares & Chies, 2010; Grogan, 1999), a imagem corporal idealizada e construída na cultura do presídio apresenta-se diferenciada desse modelo.

Quanto a variável autoestima, os dados quantitativos encontrados não foram significativos, e embora tenha sido evidenciado escores indicativos de uma baixa autoestima nesta população amostra, ratificando a presença de baixa autoestima em ambiente prisional (Gibbons, 1997), a intervenção apresentou indícios de significância para o GE, percebida nos relatos dos testemunhos. A autoestima foi citada de forma direta, atribuindo a intervenção da dança um efeito positivo, sugerindo uma elevação da autoestima percebida por elas. Estes dados podem ser constatados nas falas a seguir “*Levantava minha autoestima, me senti uma pessoa de bem com a vida, com harmonia*” (T7), “*Deixou minha autoestima lá em cima, tenho mais vontade de me arrumar, de ajeitar meus cabelos, de botar uma coisa diferente, de criar*” (T8).

Esta autoestima elevada citada pelas detentas, como efeito da intervenção da dança, vem a corroborar com o potencial das artes e, notoriamente a arte da dança como adequado para estimular e desenvolver um forte senso de autoestima em população presidiária (Stanley, 2015).

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Já em relação a variável de investigação agressividade, os dados colhidos pelo Questionário de Agressividade de Buss & Perry e pela análise de conteúdo, em relação a agressividade física, não apresentaram efeito significativos da intervenção. Contudo torna-se relevante uma observação em separado da agressividade verbal, raiva e hostilidade.

Em relação a agressividade verbal, embora os dados quantitativos não apresentem efeito significativo, os dados colhidos nos relatos dos testemunhos demonstram indícios de um efeito positivo da intervenção. Frases como: “*Eu era ignorante, lá dentro com as minhas colegas de cela*” (T3), “*Antes de participar da dança corporal eu era ignorante*” (T7), “*Eu discutia muito com as minhas colegas de cela*” (T3), deixam notório uma mudança de comportamento sugerindo um aumento do autocontrole percebido por elas.

Quanto a agressividade raiva, embora também não tenha apresentado efeito significativo nos dados quantitativos, percebe-se na frase “*Antes de participar da dança corporal eu era ignorante, estressada, ficava com muita raiva das pessoas, não conseguia controlar a minha raiva*” (T7), indícios de um possível efeito positivo da intervenção na redução do *stress* e no controle de impulsos e da raiva.

Em relação a agressividade hostilidade, esta apresentou em seus dados quantitativos uma diminuição das médias encontradas no GE pós-intervenção e um valor indicativo de uma possível significância ($p = 0.07$) da intervenção. Em relação aos dados qualitativos, percebe-se no testemunho “*Nós agora somos mais companheiras*” (T8), indícios de uma mudança comportamental para a diminuição desta agressividade. Estes dados encontrados, ratificam a diminuição da hostilidade percebida no estudo de Seibel (2008).

Quanto ao entendimento da agressividade geral, os dados quantitativos encontrados não apresentaram precisão quanto a significância ou não da intervenção, não permitindo encontrar qual foi o momento significativo ($p = 0.04$). E embora tenha ocorrido uma diminuição das médias, esta ocorreu nos dois grupos. Contudo, em relação aos dados qualitativos, ficou notório nas falas das detentas uma percepção significativa da diminuição da agressividade de forma geral. Estes dados podem ser ilustrados nas frases a seguir “*Antes da dança eu era agressiva, nervosa, sem paciência nenhuma*” (T1), “*Eu não tinha*

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

paciência, eu era muito rebelde em relação lá dentro” (T4). Diante dos dados apresentados, ficou evidente o poder de transformação da agressividade pela dança, viabilizando a cura e a reabilitação, por intervir em sentimentos como a raiva e frustração que induzem a agressividade (Milliken, 2002), bem como, o poder da expressividade do movimento autêntico em descarregar emoções e regular a raiva e a agressão (Smeijsters et al. 2011).

6. Limitações do Estudo

A investigadora no presente estudo não teve acesso no início da pesquisa, e em tempo útil, ao tempo de prisão das participantes do grupo experimental e do grupo controle. Por este motivo a intervenção foi iniciada sem estes dados. Consciente do eventual impacto desta variável nos resultados do estudo, sugerimos para estudos futuros, a integração destes dados, nomeadamente e se possível na constituição da amostra. No nosso estudo, como referimos, o GE e o GC apresentaram tempos de prisão diferentes, o que só foi detectado posteriormente quando finalmente tivemos acesso aos dados.

O estudo buscou informações de forma informal, sobre a escolaridade da população amostra, apenas buscando saber se as presidiárias do GC e do GE sabiam ler. Assim, devido ao fator escolaridade não ter sido investigado, denota-se um possível não entendimento dos questionários, uma vez que os mesmos foram aplicados individualmente, porém em blocos de sete pessoas por sala, devido ao limite de tempo e de acesso as reclusas que fora estabelecido pelo PREFEM. Cientes da possível interferência destes fatores nos resultados da pesquisa, sugerimos uma atenção em estudos futuros, para o nível de escolaridade e uma ação de coleta dos dados de forma mais assertiva.

7. Implicações para a Prática e para a Investigação Futura

O presente estudo fez várias contribuições significativas para a literatura sobre a psicomotricidade e a dança/ movimento expressivo, onde primeiramente buscou-se dar notoriedade a uma população “invisível”, que se apresenta em processo de dor e

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

sofrimento tanto psíquico como corporal, fazendo-se presente a relação *psique* soma para o entendimento comportamental desta população. Posteriormente percebe-se a relevância dos presídios femininos terem acesso a esta pesquisa, enquanto instigador da prática da dança como ação alternativa, para a qualidade de vida e consequente reabilitação social.

Este estudo contribuiu também para aumentar o conhecimento sobre a imagem corporal, autoestima e agressividade em mulheres detentas, ainda pouco pesquisada, enquanto variáveis em estudos publicados com abordagem quantitativa de forma direta.

No que se refere ao tempo de intervenção, sugere-se uma aplicação prática através da dança criativa e movimentos expressivos, com uma duração longa no intuito de acentuar seus efeitos e melhor intervir nas variáveis imagem do corpo, autoestima e comportamento agressivo.

Outro ponto relevante para futuras investigações perpassa pelo estudo dessa população, com uma amostra maior e com abordagem metodológica quantitativa, uma vez que a maioria dos estudos reportam sobre resultados efetivos colhidos em análises de dados qualitativos.

8. Conclusões

No sentido de verificar os efeitos da dança criativa e de movimentos expressivos na imagem do corpo, autoestima e no comportamento agressivo de mulheres presidiárias, considerou-se uma amostra de vinte mulheres do presídio feminino de Sergipe/ Brasil - PREFEM, respeitando os seguintes critérios: mulheres com idade entre 25 e 45 anos de idade, estar em acordo com os termos do consentimento informado, estar sob o consentimento da administração do PREFEM e estar sobre cumprimento de pena durante todo o período da pesquisa.

Assim, foi utilizada uma abordagem quase-experimental de metodologia quantitativa com aplicação do Questionário de Imagem do Corpo- QIC, da Rosenberg Self-Esteem Scale- RSES e o Questionário de Agressividade de Buss-Perry- AQ, ao grupo experimental e ao grupo controlo, no intuito da comparação dos dados intra-grupos e inter-grupos. O procedimento integrou três fases de avaliação, consolidando-se no momento pré-intervenção, pós-intervenção e follow-up, pelo que a recolha dos dados e intervenção se balizaram entre fevereiro de 2019 e setembro de 2019. Foi também

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

utilizada uma análise de conteúdo, no intuito de obter dados qualitativos, no sentido de verificar os efeitos da intervenção percebido pelas detentas e reportadas em um relato de testemunho, ao término dos três meses da intervenção com o grupo experimental.

Em relação a variável de investigação imagem do corpo, o resultado da avaliação QIC permitiu concluir que a intervenção não apresentou efeitos significativos nos resultados quantitativos intra-grupos e inter-grupos no tocante a imagem corporal total, que inclui a dimensão I sobre corpo fechado e acessível, dimensão II sobre insatisfação/satisfação corporal, dimensão III sobre o corpo passivo e ativo e a dimensão IV sobre o corpo tenso e sereno. Contudo em relação a dimensão I, sobre o corpo fechado e acessível, obteve-se indícios positivos da intervenção, ao verificar um aumento das médias delta percentual no GE após a intervenção.

Quanto aos resultados qualitativos da intervenção sobre a imagem do corpo, foi verificado um feito positivo em todas as dimensões I, II, III e IV, validado pelos dados categorizados pelas unidades mínimas de significação, obtidas e explicitadas através de frases contidas nos relatos dos testemunhos das detentas.

Com relação a variável autoestima, não foi verificado efeitos quantitativos da intervenção pelos dados da RESES intra-grupos e inter-grupos. Porém, os dados qualitativos demonstraram um aumento da autoestima, percebido nos relatos dos testemunhos de forma significativa na dimensão IV promoção da autoestima, da análise de conteúdo.

Por fim, a variável de investigação comportamento agressivo investigada pelo Questionário de Agressividade de Buss-Perry, apresentou como resultado quantitativo referente a agressividade física, dados não significativos. Quanto aos dados da análise de conteúdo, os dados qualitativos também foram não significativos, referente a agressividade física, uma vez que esta forma de agressividade não foi mencionada pelas detentas em momento algum nos seus relatos de testemunho.

Em contrapartida, embora a agressividade verbal e agressividade raiva, tenham também apresentados dados quantitativos não significativos, os dados colhidos pela análise de conteúdo, demonstram um efeito positivo da intervenção referente a análise qualitativa, onde ficou notório nas falas das detentas a percepção do aumento do autocontrole, da redução do *stress*, do controle de impulsos e da raiva.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

Referente a agressividade hostilidade, obteve-se indícios de significância da intervenção, diante dos dados quantitativos de um valor de $p = 0.07$ e uma diminuição das médias delta percentual no momento pós-intervenção do GE. Quanto aos dados qualitativos da análise de conteúdo, percebe-se também uma mudança comportamental para a diminuição desta forma de agressividade.

Finalizando os resultados da agressividade geral, apresentou-se uma imprecisão quanto a significância dos dados quantitativos, pois embora tenha apresentado um valor de $p = 0.04$, não foi possível identificar em qual momento intra-grupos e inter-grupos da intervenção ela foi significativa. Outro ponto dúbio foi a diminuição das médias delta percentual da agressividade, tanto no GE como no GC. Já em relação aos dados da análise de conteúdo, os dados qualitativos não deixam dúvidas sobre o efeito significativo da intervenção, percebida e relatada pelas detentas, atestando uma transformação comportamental para a diminuição da agressividade geral.

Diante destas informações conclusivas, percebe-se de forma geral que a intervenção apresentou um efeito significativo em relação a análise qualitativa de todas as variáveis investigadas e apresentou uma não significância em relação a imagem do corpo total e a autoestima pela análise quantitativa. Porém em relação a dimensão I, sobre o corpo fechado e acessível da imagem do corpo, obteve-se indícios positivos da intervenção, ao verificar um aumento das médias delta percentual no GE após a intervenção. Quanto a variável comportamento agressivo hostilidade e agressividade geral, tornou-se relevante os indícios de significância encontrado na análise quantitativa. Estes resultados clarificam a necessidade de mais estudos quantitativos, uma vez que a maioria dos estudos sobre intervenções com a dança, apresentam-se baseadas em relatos de experiências.

Referências Bibliográficas

- Acolin, J. (2016). The Mind–Body Connection in Dance/Movement Therapy: Theory and Empirical Support. *American Journal of Dance Therapy*, 38, 311–333. doi: 10.1007/s10465-016-9222-4
- Andrade, A.L.C.C., Barbosa, A. P. D. I., & Bagni, U.V. (2018). Imagem corporal no cárcere: percepções de mulheres privadas de liberdade. *Demetra: alimentação, nutrição & saúde*, 13(2), 381-393. doi: 10.12957/demetra.2018.33309
- Andrade, B. S. A. B. (2011). *Entre as leis da Ciência, do Estado e de Deus- O surgimento dos presídios femininos no Brasil*. (Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo). Disponível em: <https://www.teses.usp.br/>
- Assis, S. G., & Constantino, P. (2001). Filhas do mundo: infração juvenil feminina no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. ISBN 978-85-7541-323-4. Disponível em: <http://books.scielo.org>
- Banks, C. (2003). *Women in prison: a reference handbook*. Santa Barbara, Califórnia: Cyndi Banks. ISBN: 1-57607-930-9
- Batcup, D. C. (2013). A discussion of the Dance Movement Psychotherapy literature relative to prisons and medium secure units. *Body, Movement and Dance in Psychotherapy*, 8(1), 5-16. doi: 10.1080/17432979.2012.693895
- Barcinski, M. (2012). Expressões da homossexualidade feminina no encarceramento: o significado de se "transformar em homem" na prisão. *Psico-USF*, 17(3), 437-446. ISSN: 1413-8271. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401036091010>
- Barcinski, M., & Cúnico, S.D. (2014). Os efeitos (in)visibilizadores do cárcere: as contradições do sistema prisional. *Psicologia*, 28(2), 63-70. ISSN 0874-2049. Recuperado em 15 de julho de 2019, de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087420492014000200006&lng=pt&tlng=pt.
- Barros, D. D. (2005). Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 12(2),547-554. doi.org/10.1590/S0104-59702005000200020
- Behrends, A., Muller, S., & Dziobek, I. (2012). Moving in and out of synchrony: A concept for a new intervention fostering empathy interactional movement end dance. *The Arts in Psychotherapy*, 39, 107-116. doi: 10.1016/j.aip.2012.02.003
- Bräuninger, I. (2012). Dance movement therapy group intervention in stress treatment: A randomized controlled trial (RCT). *The Arts in Psychotherapy*, 39(5), 443–450. doi: 10.1016/j.aip.2012.07.002
- Bräuninger, I. (2012). The efficacy of dance movement therapy group on improvement of quality of life:A randomized controlled trial. *The Arts in Psychotherapy*, 39, 296– 303. doi: org/10.1016/j.aip.2012.03.008
- Bourcier, P. (1987). *História da dança no ocidente*. São Paulo: Martins Fontes.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

- Bourgoin, E., Callahana, S., Séjourné, N., & Denis, A. (2012). Image du corps et grossesse: vécu subjectif de 12 femmes selon une approche mixte et exploratoire. *Psychologie française*, 57, 205–213. doi: org/10.1016/j.psfr.2012.04.001
- Buss A. H., & Perry M. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63(3), 452-459. doi: 10.1037/0022-3514.63.3.452
- Caldwell, C. M. (2016). Body identity development: definitions and discussions. *Body, Movement and Dance in Psychotherapy*, 11(4), 220-234. doi: 10.1080/17432979.2016.1145141
- Cardi, M., Milich, R., Harris, M. J., & Kearns, E. (2007). Self-esteem moderates the response to forgiveness instructions among women with a history of victimization. *Journal of Research in Personality*, 41, 804-819. doi: 10.1016/j.jrp.2006.09.007
- Carlomagno, M. C. & Rocha, L. C. (2016). Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, 7 (1), 173-188.
- Carvalho, D.T.P., & Mayorga, C. (2017). Contribuições feministas para os estudos acerca do aprisionamento de mulheres. *Rev. Estudos Feministas*. 25 (1) 99-116. doi: org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p99.
- Colares, L. B. C., & Chies, L. A. B. (2010). Mulheres nas so(m)bras: invisibilidade, reciclagem e dominação viril em presídios masculinamente mistos. *Revista Estudos Feministas*, 18(2), 407-423. doi: org/10.1590/S0104-026X2010000200007
- Chaiklin, S., & Wengrower, H. (2009). The art and science of dance/movement therapy: life is dance. Londres: Routledge Taylor & Francis Group. ISBN: 978-0-415-99657
- Cunha, M. P. (1994). *Malhas que a reclusão tece: questões de identidade numa prisão feminina*. Lisboa: Gabinete de Estudos Jurídico-Sociais. ISBN 972-9122-13-X. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/5237>.
- Cunha, O., & Gonçalves, R. A. (2012). Análise confirmatória fatorial de uma versão portuguesa do Questionário de Agressividade de Buss-Perry. *Laboratório de Psicologia*, 10(1), 3-17.
- Dini, G.M., Quaresma, M. R., & Ferreira, L. M. (2004). Adaptação cultural e validação da versão brasileira da Escala de Autoestima de Rosenberg. *Revista da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica*, 19(1), 41-52. INSS: 2177-1235.
- Diretoria de Análises de Políticas de Públicas da fundação Getúlio Vargas - FGV DAPP. (2018). Encarceramento feminino. Policy Paper - Segurança e Cidadania. Rio de Janeiro. Disponível em: dapp.fgv.br/fgv-dapp-produz-estudo-sobre-o-encarceramento-feminino-no-brasil/
- Dibbell-Hope, S. (2000). The use of dance/movement therapy in psychological adaptation to breast cancer. *The Arts in Psychotherapy*, 27(1), 51–68.
- Felicissimo, F. B., Ferreira, G.C.L., Soares, R.G., Pollyanna S. S., & Ronzani, T. M. (2013). Estigma internalizado e autoestima: uma revisão sistemática da literatura. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 15(1), 116-129. ISSN 1516-3687 (impresso), ISSN 1980-6906 (on-line).

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

- Foucault, M. (2001). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Editora Vozes. ISBN: 85.326.0508-7
- Freitas, H., & Janissek, R. (2000). *Análise léxica e análise de conteúdo: Técnicas complementares, sequenciais e recorrentes para exploração de dados qualitativos*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto.
- Garaudy, R. (1980). *Dançar a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira
- Gibbons, J. A. (1997). Struggle and catharsis: Art in women's prisons. *Journal of Arts Management, Law & Society*, 27(1), 72-80. doi: org/10.1080/10632929709597268
- Goffman, E. (1974). *Manicômios, prisões e conventos*. (D. M. Leite. Trad.). São Paulo: Editora Perspectiva. Disponível em: <https://app.uff.br/slab/uploads/Manicomios-prisoos-e-conventos.pdf>.
- Goffman, E. (2008). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. (M.B.M.L. Nunes. Trad.). Rio de Janeiro: 4ed. LTC. ISBN: 978-85-216-1255-1.
- Goldov, N. B. (2011). The effects of individualized brief dance/movement therapy on body image in women with breast cancer. (Unpublished Dissertation). Faculty of Argosy University Seattle.
- Gouveia, V. V., Chaves, C. M. C. M., Peregrino, R. R., Branco, A. O. C., & Gonçalves, M. P. (2008). Medindo a agressão: o Questionário de Buss-Perry. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(3). ISSN: 1809-5267.
- Grogan, S. (1999). *Body image: understanding body dissatisfaction in men, women and children*. London: Routledge. ISBN: 0-203-13497-4.
- Halprin, D. (2003). *The Expressive Body in Life, Art e Therapy - Workingwith Movement, Metaphor, and Meaning*. London and New York: Jessica Kingsley Publishers. ISBN 1 84310 737 6
- Hanna, J. L. (1995). The Power of Dance: Health and Health. *The Journal of Alternative and Complementary Medicine*, 1(4), 323-331. doi: org/10.1089/acm.1995.1.323
- Hanley, F. (2004). The Dynamic Body Image and the Moving Body: revisiting Schiller's theory for psychological research. Recuperado em scan.net.au/scan/journal/display.php?journal_id=60
- Hutz, C. S. & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 41-49. ISSN: 1677-0471.
- Koch, C., Ostermann, T., Steinhage, A., Kende, P., Haller, K. & Chyle, F. (2015). Psychotherapy barriers: Evaluating an arts-based emotion regulation training in prison. *The Arts in Psychotherapy*, 42, 41-49. doi: org/10.1016/j.aip.2014.10.008.
- Koch, S., Kunz, T., Lykou, S., & Cruz, R. (2014). Effects of dance movement therapy and dance on health-related psychological outcomes: A meta-analysis. *The Arts in Psychotherapy*, 41, 46-64. doi: org/10.1016/j.aip.2013.10.004
- Leonido, L., & Montabes, J. (2010). As artes em meio prisional- presente e futuro. *European Review of Studies*, 1(1), 53-115. ISSN: 1647-3558

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

- Lima, G.M.B., Neto, A. F. P., Amarante, P. D. C., Dias, M. D., & Ferreira Filha, M. O. (2013). Mulheres no cárcere: significados e práticas cotidianas de enfrentamento com ênfase na resiliência. *Saúde em debate*, 37(98). doi: org/10.1590/S0103-11042013000300008.
- Levy, F. J. (2014). Integrating the Arts in Psychotherapy: Opening the Doors of Shared Creativity. *Am J Dance Ther*, 36, 6–27. doi: 10.1007/s10465-014-9171-8
- Levy, F. (1988). *Dance/Movement Therapy.: A Healing Art*. Reston -Virginia: Copyright. ISBN: 0-88314-380-1.
- Lewis, R. N., & Scannell, E. D. (1995). Relationship of body image and creative dancemovement. *Perceptual & Motor Skills*, 81(1), 155–160.
- Marzano, L., Hawton, K., Rivlin, A., & Fazel, S. (2011). Psychosocial influences on prisoner suicide: A case- control study of near-lethal self-harm in women prisoners. *Social Science & Medicine*, 72, 874-883. doi: 10.1016/j.socscimed.2010.12.028
- McNeur, L. A. (2008). The intimate dance of Being, building, body and psychotherapy. *Body, Movement and Dance in Psychotherapy*, 3(1), 19-30. doi: 10.1080/17432970701664530
- Meekums, B., Karkou, V., & Nelson, E.A. (2015). Dance movement therapy for depression. *Cochrane Database of Systematic Reviews*, Issue 2. Art. No.: CD009895. doi: 10.1002/14651858.CD009895.pub2
- Meekums, B., Vaverniece, I., Majore-Dusele, I., & Rasnacs, O. (2012). Dance movement therapy for obese women with emotional eating: A controlled pilot study. *The Arts in Psychotherapy*, 39(2), 126–133.
- Meekums, B., & Daniel, J. (2011). Arts with offender: A literature synthesis. *The Arts in Psychotherapy*, 38, 229-238. doi: 10.1016/j.aip.2011.06.003
- Mello, D. C. (2008). *Quem são as mulheres encarceradas?* (Dissertação Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Disponível em: repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/.../000409563-Texto%2BCompleto-0.pdf.
- Milliken, R. (2002). Dance/movement therapy as a creative arts therapy approach in prison to the treatment of violence. *The Arts in Psychotherapy*, 29 (4), 203–206. doi: 10.1016/S0197-4556(02)00151-X
- Moller, L. (2013). Project “For Colored Girls:” Breaking the shackles of role deprivation through prison theatre. *The Arts in Psychotherapy*, 40, 61-70. doi: org/10.1016/j.aip.2012.09.007
- Mortimer, K. (2017). Dancing Within Unfamiliarity: An Exploration of Teaching Dance in Prison Environments. *Teaching Artist Journal*, 15(3-4), 124-134. doi: 10.1080/15411796.2017.1386052
- Mullen, C. A. (1999). Reaching inside Out: Arts-based Educational Programming for Incarcerated Women, *Studies. Art Education*, 40(2), 143-161. doi:10.1080/00393541.1999.11650053.
- Myers, D. G. (2014). Agressividade: machucar os outros. In *Psicologia social* (pp. 279-307). Porto alegre: AMGH. ISBN: 978-85-8055-338-3.

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

- Oberem, M. L. (2016). Breathing, sensing and expressing emotions: the influence of Elsa Gindler and Mary Wigman on body psychotherapy and dance/movement therapy. *Body, Movement and Dance in Psychotherapy*, 11(2-3), 114-128. doi: 10.1080/17432979.2016.1154891
- Payne, H. (2006). Tracking the web of interconnectivity. *Body, Movement and Dance in Psychotherapy*, 1 (1), 7-15. doi: 10.1080/17432970500468117.
- Payne, H. (1990). Creative Movement and Dance in Groupwork. *Self & Society*, 18(5), 16–17. doi:10.1080/03060497.1990.11085107
- Portinari, M. (1989). *História da dança*. Rio de Janeiro: nova Fronteira.
- Pyivänäinen, P. & Lappalainen, R. (2018). Change in body image among depressed adult outpatients after a dance movement therapy group treatment. *The Arts in Psychotherapy*, 59, 34-45. doi: org/10.1016/j.aip.2017.10.006
- Riazi, H.; Alaei, S.; Emamhadi, M.; Nazparvar, B. & Salmani, F. (2017). The comparison of spiritual health and self-esteem in women with and without sexual violence. *Electronic Physician*. 9(11), 5705-5711. doi: org/10.19082/5705.
- Ritter, M, B. A. & Low, K.G. (1996). Effects of dance /movement therapy: a meta-analysis. *The Arts in Psychotherapy*, 23(3), 249-260.
- Samaritter, R. (2009). The use of metaphors in dance movement therapy. *Body, Movement and Dance in Psychotherapy*, 4(1), 33-43. doi:10.1080/17432970802682274
- Sandel, S. L., Judge, J. O., Landry, N., Faria, L., Quелlette, R., & Majczak, M. (2005). Dance and movement program improves quality-of-life measures in breast cancer survivors. *Cancer Nursing*, 28(4), 301–309
- Santos, G. D., & Barreiros, M. (2015). Alternative pathways: expressive arts in prison. *Arte y movimiento*, 13, 37-45. ISSN: 1989-9548.
- Santos, M. G. D. (2008). Dançoterapia integrativa na formação de relações interpessoais. *Internacional Journal of Developmental end Educational Psychology*, 1(3). ISSN: 0214-9877.
- Santos, M. G. D. (2006). *Dançoterapia Integrativa – Uma metodologia de intervenção nos Comportamentos Agressivos* (Doctoral dissertation). Universidade de Évora, Évora
- Secchi, K., Camargo, V., & Bertoldo, B. (2009). Percepção da Imagem Corporal e Representações Sociais do Corpo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 229-236. doi: org/10.1590/S0102-37722009000200011
- Seibel, J. (2008). Behind the Gates: Dance/Movement Therapy in a Women’s Prison. *Am J Dance Ther*, 30,106–109. doi: 10.1007/s10465-008-9059-6.
- Sinapius, P. (2013). Art Therapy in Prisons. *Mental Health end Addiction in Prisons*. Edited by the Pompidou Group of the Council of Europe. 69-72. International Institute for Subjective Experience and Research (ISER)/ MSH Medical School Hamburg (University of Applied Sciences).
- Smeijsters, H., Kil, J., Kurstjeans, H., Welten, J., & Willemars, G. (2011). Arts therapies for Young offenders in secure care – A practice-based research. *The Arts in Psychotherapy*, 38, 41-51. doi: 10.1016/j.aip.2010.10.005

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

- Stanley A. W. (2015). Downloaded from tpj.sagepub.com at SIMON FRASER LIBRARY on June 16.
- Stino, Z. H., & Palmer, B. C. (1998). Improving Self-Esteem of Women Offenders Through Process-based Writing in a Learning Circle: Na Explorat Study. *JCE*, 49(4), december.
- Stromsted, T. (2009) Authentic Movement: A dance with the divine. *Body, Movement and Dance in Psychotherapy*, 4 (3), 201-213. doi: 10.1080/17432970902913942
- Sykes, G. M. (1974). *The Society of Captives: a Study of a Maximum Security Prison*. New Jersey. First Princeton Paperback Edition. ISBN: 0-691-02814.1. Disponível em: <https://b-ok.cc>.
- Untas, A., Quintard, B., Koleck, M., X. Borteyrou, X., & Azencot, A. (2009). Impact de la gestion dyadique du stress sur l'ajustement a` une reconstruction mammaire diffe`re`e apre`s câncer. *Annales Médico Psychologiques*, 167, 134–141. doi: 10.1016/j.amp.2006.11.004
- Victoria, H. K. (2012) Creating dances to transform inner states: A choreographic model in Dance/Movement Therapy. *Body, Movement and Dance in Psychotherapy*, 7(3), 167-183. doi: 10.1080/17432979.2011.619577
- Voorhis, P. V. (2013). Women`s risk facrors and new treatments/interventions for annressing them:evidence-based interventions in the United States and Canadá. National Institute of Corrections (NIC)Search NICIC.gov. Departamento of justice the United States. Access number – 028186.
- Williams, F. C. (2013). The embodiment of social dynamics: a phenomenon of Western pop dance within a Filipino prison. *Research in Dance Education*, 14(1), 39-56. doi: 10.1080/14647893.2012.712104.
- Wilson, J. M. (2013). Agency through Collective Creation and Performance: Empowering incarcerated Women on and Off Stage. *Makingconnections*.
- Winnicott, D. W. (1987). *Privação e delinquência*. (Cabral, A. tradução). São Paulo: Martins Fontes.
- Zubala, A., & Karkou, V. (2015) Dance movement psychotherapy practice in the UK: Findings from the Arts Therapies Survey 2011. *Body, Movement and Dance in Psychotherapy*, 10(1), 21-38. doi: 10.1080/17432979.2014.920918

Anexos

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

II Anexo - Declaração de Consentimento Informado para o Departamento Penitenciário de Sergipe -DESIPE

Anexo II – Declaração de Consentimento Informado para o Departamento Penitenciário de Sergipe- DESIPE e Direção do Presídio Feminino de Aracaju/SE - PREFEM

O presente documento tem a finalidade de informar e solicitar a autorização do Departamento Penitenciário de Sergipe – DESIPE, para a realização da investigação Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a imagem do corpo, agressividade e autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil. Objetivando firmar acordo escrito mediante o qual, os responsáveis legais do PREFEM, autorizem a efetivação desta pesquisa acadêmica.

Esta investigação será realizada pela aluna de Mestrado em Psicomotricidade, Meire Silvana da Silva Farias, orientada pela professora Doutora Maria da Graça Duarte da Silva Santos, do Departamento de Psicologia da Universidade de Évora em Portugal.

A investigação procura entender de que modo uma intervenção da Dança Criativa, enquanto recurso para a psicomotricidade, influencia a imagem do corpo, a autoestima e a agressividade de mulheres presidiárias. Para tal, as participantes devem cumprir os seguintes critérios de inclusão: apresentar idade entre 25 e 45 anos, estar de acordo e assinar os termos de participação na pesquisa, estar sob o consentimento da administração do PREFEM e estar sobre cumprimento de pena durante todo o período da pesquisa.

Todos os dados e as informações obtidas, serão tratados de forma confidencial e usados, única e exclusivamente, para fins acadêmicos e científicos. As informações mais detalhadas do projeto de pesquisa estão descritas no plano de trabalho em anexo.

Eu, _____ diretor(a) do Departamento Penitenciário de Sergipe – DESIPE, órgão responsável pelas ações do PREFEM - Presídio Feminino de Aracaju/ SE, após leitura e compreensão deste termo de informação e consentimento, autorizo a execução do trabalho de pesquisa, com as presidiárias voluntárias, no espaço físico do PREFEM e a divulgação dos dados obtidos neste estudo no meio científico. Confirmando que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo.

Aracaju, 07 de fevereiro de 2019.

Nome (por extenso): Agemildo Medeiros de Freitas Júnior

Assinatura: _____

Agemildo M. de Freitas Júnior
Diretor do DESIPE/SE/JUC
R.G. 30401380 SSP/SE

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

III Anexo - Declaração de Consentimento Informado para a direção do Presídio Feminino de Sergipe- PREFEM

Anexo III – Declaração de Consentimento Informado para a Direção do Presidio Feminino de Sergipe - PREFEM

O presente documento tem a finalidade de informar e solicitar a autorização da Direção do presídio feminino de Sergipe – PREFEM, para a realização da investigação Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a imagem do corpo, agressividade e autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil. Objetivando firmar acordo escrito mediante o qual, os responsáveis legais do PREFEM, autorizem a efetivação desta pesquisa acadêmica.

Esta investigação será realizada pela aluna de Mestrado em Psicomotricidade, Meire Silvana da Silva Farias, orientada pela professora Doutora Maria da Graça Duarte da Silva Santos, do Departamento de Psicologia da Universidade de Évora em Portugal.

A investigação procura entender de que modo uma intervenção da Dança Criativa, enquanto recurso para a psicomotricidade, influencia a imagem do corpo, a autoestima e a agressividade de mulheres presidiárias. Para tal, as participantes devem cumprir os seguintes critérios de inclusão: apresentar idade entre 25 e 45 anos, estar de acordo e assinar os termos de participação na pesquisa, estar sob o consentimento da administração do PREFEM e estar sobre cumprimento de pena durante todo o período da pesquisa.

Todos os dados e as informações obtidas, serão tratados de forma confidencial e usados, única e exclusivamente, para fins acadêmicos e científicos. As informações mais detalhadas do projeto de pesquisa estão descritas no plano de trabalho em anexo.

Eu, _____ diretora e eu
Edjane Lima Marinho vice diretora do
PREFEM - Presidio Feminino de Sergipe, após leitura e compreensão deste termo de informação e consentimento, autorizo a execução do trabalho de pesquisa, com as presidiárias voluntárias, no espaço físico do PREFEM e a divulgação dos dados obtidos neste estudo no meio científico. Confirmando que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo.

Nossa Sra.do Socorro -SE, 04 de março de 2019.

Assinatura: _____

Assinatura: Edjane Lima Marinho

Edjane Lima Marinho
Vice-Diretora PREFEM/SEJUC
RG 1125310 SSP/SE

Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil

IV Anexo - Termo de autorização de uso de imagem e depoimentos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____,
RG ou CPF _____, detenta do PREFEM de Sergipe, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, no intuito de melhorias para a qualidade desse estudo, AUTORIZO, através do presente termo, as pesquisadoras Meire Silvana da Silva Farias e sua orientadora Maria da Graça Duarte da Silva Santos, do projeto de pesquisa para mestrado da UEvora intitulado “**Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo, Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil**” a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor das pesquisadoras da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos de imagem: **Código Civil (Lei federal n. 10.406, de 10 de janeiro de 2002)**.

Nossa Senhora do Socorro - SE 22 de maio de 2019

Meire Silvana da Silva Farias
Pesquisadora responsável pelo projeto

Sujeito da Pesquisa

**Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo,
Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil**

V Anexo – Modelo da planilha de planejamento das sessões

1º Bloco

SESSÃO Nº 3 (25/03/2019)

Tema: Eu sou Subtema: no meu corpo grande, pequeno, redondo, anguloso

	Música e material	Estrutura	Atividades
Aquecimento geral	CD Benguelê (João Bosco) música Calango Rosa (1ª)	Individual	Andar livremente pela sala, correr e parar em uma forma congelada, para perceber quais os traços que predominam, ou seja, que são mais utilizados – se redondo ou anguloso, se pequeno ou grande
Aquecimento específico	Benguelô (3ª)	Individual	Movimentar as várias partes do corpo de forma isolada na sua menor amplitude articular e na sua maior amplitude
Foco central	1 Karawan (6ª) 2 Calango Rosa (1ª) 3 Calango Rosa (1ª) 4 A travessia parte I (9ª) 5 A travessia parte I (9ª) 6 Canto Da Wemba - Gagabirô (3ª) 7 Canto Da Wemba - Gagabirô (3ª)	Individual	1 Andar com passadas pequenas, passadas grandes, andar em linhas retas, andar em linhas curvas e sinuosas 2 Andar e quando parar a música fazer uma postura arredondada com o corpo (5 vezes) 3 Andar e quando parar a música fazer uma postura angulosa (5 vezes) 4 No chão (nível baixo) movimentar o corpo tentando alcançar a sua dimensão máxima para todas as direções (frente, traz, lado direito, esquerdo e diagonais) 5 No nível baixo movimentar o corpo tentando diminuir ao máximo o espaço ocupado pelo corpo 6 Realizar deslocamentos pela sala reproduzindo movimentos angulosos 7 Realizar deslocamentos pela sala reproduzindo movimentos arredondados
Relaxamento	O sanfoneiro do deserto (7ª)	individual	Deitadas em decúbito dorsal (barriga para cima) com os olhos fechados inspirar encolhendo todo o corpo e expirar estendendo todo o corpo (5 vezes) Deitadas de forma livre focar na sua respiração e pensar em como está sentindo o seu corpo em relação ao espaço (que espaço ocupa? muito? pouco?)
Verbalização/feedback		Individual em círculo	Como se sentiram na sessão? Como sentiram o corpo na forma arredondada e na forma angulosa? Qual a forma que predominou as arredondadas ou as angulosas? Qual forma é mais envolvente?

**Dança Criativa e Movimento Expressivo na Prisão - Um estudo sobre a Imagem do corpo,
Agressividade e Autoestima de mulheres numa prisão do estado de Sergipe/Brasil**

VI Anexo - Modelo da planilha de planejamento das sessões

6.º bloco

SESSÃO N º1 (05/06/2019)

Tema: No grupo Subtema: Eu Apolo – ritmo, coordenação e memória

	Música e material	Estrutura	Atividades
Aquecimento geral	CD Living Proof (Cher)- Música – Rain, rain (5ª)	Grupo	Andar na sala de forma orientada pela quantidade de passos diferentes e direções diferentes no espaço
Aquecimento específico	Música – Rain, rain (5ª)	Grupo	Alongamento e soltura de todo o corpo de forma dirigida pela orientadora do grupo.
Foco central	1 Música – Rain, rain (5ª) 2 Música – Rain, rain (5ª) 3 Música – Rain, rain (5ª)	Grupo	1 Deslocamento de um lado para o outro da sala com movimento de coordenação entre membros inferiores e superiores (movimentos de batidas de pés e mãos) 2 No nível baixo deslocamento de um lado para o outro da sala com movimentos de coordenação motora geral 3 Criação individual de movimentos para deslocamento, sendo este copiado por todos do grupo
Relaxamento	Cd– força das águas – Música- Deep blue (3)	Individual	Deitados no chão vão contrair todo o corpo e soltar, buscando sentir o corpo cada vez mais leve e livre das tensões.
Verbalização/ feedback		Individual	Como se sentiu na sessão hoje? Como se sentiu reproduzindo e criando movimentos?

VII Anexo – Transcrição de um testemunho completo

T3- Sou Veado, tenho 37 anos, antes de eu vir para cá durante estes três meses, eu era muito agressiva, eu discutia muito com as minhas colegas de cela, e a partir do momento que veio essa dança, daí eu fui me soltando, me soltando e fui sendo uma pessoa diferente, quando eu começava a voltar lá para dentro, aí as meninas já estava já dizendo que eu estava mais mudada, e também eu era tímida, eu andava que nem um homem e isso eu tinha vergonha, então a partir de um momento eu fui mudando aos poucos e me sinto uma mulher, a partir das danças eu estou amolecendo mais o corpo, estou ficando mais solta, estou ficando mais ousada, ousada na dança e em conversar com as pessoas, porque eu era muito envergonhada e ignorante, lá dentro com as minhas colegas de cela. A dança é tudo para mim, porque antigamente eu não gostava, no começo eu não gostei, né, mas depois aí quando eu passei a vim de novo, aí eu fui gostando, gostando e agora eu não quero perder mais, e vou sentir falta se não tiver mais a dança com a professora, que eu gosto dela muito, e aprendi a gostar dela e a amar ela e a dança, porque a dança é tudo.